
UMA
FORJA
DE
VALENTIA
REIS E FEITICEIROS—LIVRO 4
MORGAN RICE

UMA F O R J A DE V A L ENTIA

(REIS E FEITICEIROS—LIVRO 4)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por onze livros (a continuar); do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

TRANSFORMADA (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Aclamações selecionadas para Morgan Rice

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de bravura, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas… Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."
--*Books and Movie Reviews*
Roberto Mattos

"A ASCENSÃO DOS DRAGÕES sucede – logo desde o início… Uma fantasia superior… Começa, como devia, com as lutas e movimentações ordenadas de um protagonista num círculo mais amplo de cavaleiros, dragões, magia e monstros e destino… Toda a ornamentação da alta fantasia está aqui, desde os soldados e batalhas a confrontações com o próprio. Uma vencedora recomendada para qualquer um que aprecia a escrita de fantasia épica alimentada por protagonistas jovens adultos poderosos e confiáveis."
--*Midwest Book Review*
D. Donovan, eBook Reviewer

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini…Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."
--*The Wanderer, A Literary Journal* (regarding *Rise of the Dragons*)

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *EM BUSCA DE HERÓIS* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida e como estas levam ao crescimento, maturidade e excelência… Para os que procuram aventuras de

fantasia com sentido, os protagonistas, estratagemas e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura a sobrevivência apesar das dificuldades… Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."
--*Midwest Book Review* (D. Donovan, eBook Reviewer)

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do género de fantasia."
--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação na série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin de 14 anos "Thor" McLeod, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, os cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."
--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS
A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n 1)
A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n 2)
O PESO DA HONRA (Livro n 3)
UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n 4)

O ANEL DO FEITICEIRO
EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro n 2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n 12)
UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n 16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro n 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA
RENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n 1)
ARENA DOIS (Livro n 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO
TRANSFORMADA (Livro n 1)
AMADA (Livro n 2)

TRAÍDA (Livro n 3)
PREDESTINADA (Livro n 4)
DESEJADA (Livro n 5)
COMPROMETIDA (Livro n 6)
PROMETIDA (Livro n 7)
ENCONTRADA (Livro n 8)
RESSUSCITADA (Livro n 9)
ALMEJADA (Livro n 10)
DESTINADA (Livro n 11)

Faça o download dos livros de Morgan Rice no Amazon agora mesmo!





Oiça REIS E FEITICEIROS na sua edição de Audiobook!

Amazon
Audible
iTunes

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços eletrónicos de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 2 mapas grátis, uma aplicação grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2015 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Imagem da capa Copyright St. Nick, usada com autorização da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZASSEIS
CAPÍTULO DEZASSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZANOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS

"A valentia é superior ao número."

Flavius Vegetius Renatus
(Século IV)

CAPÍTULO UM

A porta da cela bateu. Duncan abriu os olhos devagar, desejando não o ter feito. A sua cabeça latejava, tinha um olho selado e esforçava-se para sacudir o sono pesado. Uma dor aguda atravessou-lhe o olho bom quando ele se inclinou contra a rocha fria e dura. Pedra. Ele estava deitado sobre pedra fria e húmida. Tentou sentar-se e sentiu um puxão do ferro, que chocalhava, nos seus pulsos e tornozelos e, imediatamente, percebeu: correntes. Estava numa masmorra.

Um prisioneiro.

Duncan abriu mais os olhos quando ouviu o som distante de botas a marchar, ecoando algures na escuridão. Tentou orientar-se. Estava escuro lá dentro, com as paredes de pedra mal iluminadas por tochas que cintilavam ao longe, por um pequeno raio de sol de uma janela demasiado alta para se conseguir ver. A luz pálida filtrada até abaixo, austera e solitária, como se fosse de um mundo a milhas de distância. Ao longe, ele ouvia gotas de água a pingar, um arrastar de botas. Mal conseguia distinguir os contornos da cela. Era grande, com as paredes de pedra arqueadas, com muitas bordas escuras que desapareciam na escuridão.

Dos seus anos na capital, Duncan soube imediatamente onde estava: na masmorra real. Era para onde eles enviavam os piores criminosos do reino, os inimigos mais poderosos, deixando-os a para apodrecer no resto dos seus dias - ou a aguardar a sua execução. Duncan, ele próprio, tinha enviado muitos homens para ali, quando tinha servido ali, no legado do Rei. Era um lugar, ele sabia demasiado bem, do qual os prisioneiros não ressurgiam.

Duncan tentou mover-se, mas as suas correntes não o deixavam, cortando-lhe os pulsos e tornozelos feridos e sangrentos. Estes, porém, eram o menor dos seus males; todo o seu corpo lhe doía e latejava, com tanta dor que ele mal conseguia decifrar onde lhe doía mais. Ele sentiu como se lhe tivessem batido mil vezes, espezinhado por um exército de cavalos. Doía-lhe respirar e ele abanava a cabeça, tentando fazer com que a dor se fosse embora. Mas não ia.

Ao fechar os olhos e lamber os seus lábios rachados, Duncan via flashes. A emboscada. Tinha sido ontem? Há uma semana? Ele já não se conseguia lembrar. Ele tinha sido traído, cercado, seduzido por promessas de um falso

negócio. Ele havia confiado em Tarnis e Tarnis, também, tinha sido morto, diante dos seus olhos.

Duncan lembrava-se dos seus homens a baixar as armas sob o seu comando; lembrava-se de ser detido; e, pior de tudo, lembrava-se dos assassinos de seus filhos.

Ele abanou a cabeça uma e outra vez enquanto gritava em agonia, tentando inutilmente limpar as imagens da sua mente. Estava sentado com a cabeça entre as mãos, os cotovelos sobre os joelhos e gemia com o pensamento. Como podia ter sido tão estúpido? Kavos tinha-o avisado e ele não tinha dado atenção à advertência, sendo ingenuamente otimista, pensando que seria diferente desta vez, que se podia confiar nos nobres. Ele tinha encaminhado os seus homens para uma armadilha, diretamente para um antro de cobras.

Duncan odiava-se por isso, mais do que ele conseguia dizer. O seu único lamento era ainda estar vivo, era não ter morrido lá com os seus filhos e com todos os outros que tinha desapontado.

Os passos ouviam-se mais alto e Duncan olhou para cima e semicerrou os olhos para a escuridão. Lentamente, surgiu a silhueta de um homem, bloqueando o eixo da luz solar, aproximando-se até ficar apenas a alguns pés de distância. Quando o rosto do homem tomou forma, Duncan recuou com o reconhecimento. O homem, facilmente distinguível na sua veste aristocrática, usava o mesmo olhar pomposo que tinha usado quando peticionou Duncan para a realeza, ao tentar trair o seu pai. Enis. O filho de Tarnis.

Enis ajoelhou-se diante de Duncan, com um orgulhoso sorriso vitorioso no rosto, a longa cicatriz vertical no seu ouvido percetível quando ele olhou para ele com os seus ocos olhos desleais. Duncan sentiu uma onda de repulsa, um ardente desejo de vingança. Ele cerrou os punhos, querendo atirar-se ao rapaz, para despedaçá-lo com as suas próprias mãos. Este rapaz tinha sido responsável pela morte dos seus filhos, pelo aprisionamento dos seus homens. Apenas as correntes o impediam de o matar.

"A vergonha do ferro", Enis comentou, a sorrir. "Aqui estou eu ajoelhado, apenas a umas polegadas de ti e tu impotente para me tocar."

Duncan olhou para ele, desejando conseguir falar. No entanto, estava exausto demais para formar palavras. A sua garganta estava muito seca, os lábios muito ressequidos e ele precisava de conservar a sua energia. Ele perguntava-se há quantos dias não bebia água, há quanto tempo estaria ali

em baixo. Aquele canalha, de qualquer das formas, não merecia o seu discurso.

Enis estava ali por uma razão; era claro que ele queria alguma coisa. Duncan não tinha falsas ilusões: ele sabia que, independentemente do que aquele rapaz tivesse a dizer, a sua execução era iminente. O que era o que ele queria, de qualquer maneira. Agora que os seus filhos estavam mortos, os seus homens presos, já nada lhe restava neste mundo. Já não havia mais nenhuma outra maneira de escapar da sua culpa.

"Estou curioso", disse Enis, com uma voz habilidosa. "Qual é a sensação? Qual é a sensação de ter traído todos os que conheces e amas, todos os que confiavam em ti?"

Duncan sentiu a sua raiva irromper. Incapaz de manter o silêncio por mais tempo, conseguiu arranjar forças para falar.

"Eu não traí ninguém," ele conseguiu dizer, com uma voz grave e rouca.

"Não?", retorquiu Enis, claramente a divertir-se. "Eles confiaram em ti. Tu encaminhaste-os diretamente para uma emboscada, para a rendição. Tiraste-lhes a última coisa que lhes restava: o seu orgulho e honra."

Duncan irritava-se a cada respiração.

"Não", respondeu finalmente, após um longo e pesado silêncio. "Tu é que o fizeste. Eu confiei no teu pai e ele confiou em ti".

"Confiança", riu-se Enis. "Que conceito ingénuo. Será que realmente achas que a vida dos homens se suporta em confiança? "

Ele riu-se novamente e Duncan irritou-se.

"Os líderes não confiam", continuou ele. "Os líderes duvidam. Esse é o seu trabalho, ser cético em nome de todos os seus homens. Os comandantes protegem os homens da batalha - mas os líderes devem proteger os homens do engano. Tu não és um líder. Falhaste em tudo".

Duncan respirou fundo. Uma parte dele não conseguia evitar dar razão a Enis, por muito que lhe custasse admitir. Ele tinha falhado com os seus homens e isso era a pior sensação da sua vida.

"É por isso que vieste até aqui?", disse Duncan finalmente. "Para te regozijares sobre o engano?"

O rapaz sorriu, com um feio sorriso maligno.

"Tu és o meu assunto agora", respondeu ele. "Eu sou o teu novo Rei. Eu posso ir a qualquer lugar, a qualquer hora que queira, por qualquer motivo, ou por nenhuma razão. Talvez eu só goste de olhar para ti, deitado aqui na masmorra, todo partido como estás."

Duncan respirou, com cada respiração a doer-lhe, mal conseguindo controlar a sua raiva. Ele queria magoar aquele homem mais do que alguém que ele alguma vez já tivesse conhecido.

"Diz-me", disse Duncan, querendo magoá-lo. "Qual foi a sensação de assassinar o teu pai?"

A expressão de Enis endureceu-se.

"Não tão boa como a que vou sentir quando te vir morrer na forca", ele respondeu.

"Então fá-lo agora", disse Duncan, sentindo-o.

Enis sorriu, apesar de tudo, abanando a cabeça.

"Não vai ser assim tão fácil para ti", respondeu ele. "Primeiro, vou ver-te a sofrer. Eu quero que primeiro vejas o que será do teu amado país. Os teus filhos estão mortos. Os teus comandantes estão mortos. Anvin e Durge e todos os teus homens que estavam no Portão do Sul estão mortos. Milhões de Pandesianos invadiram a nossa nação."

Duncan ficou desolado com as palavras do rapaz. Parte dele questionava-se se isto seria um truque, mas ele sentia que era tudo verdade. Ele sentia-se a afundar a cada proclamação.

"Todos os teus homens estão presos e Ur está a ser bombardeada por mar. Portanto repara, falhaste miseravelmente. Escalon está muito pior do que antes e tu não podes culpar ninguém para além de ti próprio".

Duncan abanou-se com raiva.

"E quanto tempo até que o grande opressor se vire contra ti? Achas realmente que vais ficar isento, que vais escapar da ira da Pandesia? Que eles vão permitir que sejas Rei? Para governar como o teu pai fez em tempos?", perguntou Duncan.

Enis sorriu largamente, resoluto.

"Eu *sei* que vão", disse ele.

Ele inclinou-se de perto, tão perto que Duncan podia sentir o seu mau hálito.

"Repara, eu fiz um negócio com eles. Um negócio muito especial para garantir o meu poder, um negócio que era demais para eles recusarem".

Duncan não se atreveu a perguntar o que era, mas Enis sorriu largamente e inclinou-se.

"A tua filha", ele sussurrou.

Os olhos de Duncan arregalaram-se.

"Achas realmente que conseguias esconder-me o paradeiro dela?", pressionou Enis. "Enquanto falamos, os Pandesianos estão a apertar o cerco sobre ela. E esse presente vai cimentar o meu lugar no poder".

As correntes de Duncan chocalharam, com o barulho a ecoar por toda a masmorra, enquanto ele lutava com todas as forças que tinha para se libertar e atacar, num desespero para além do que conseguia suportar.

"Porque vieste?", perguntou Duncan, sentindo-se muito mais velho, com a voz debilitada. "O que é que queres de mim?"

Enis sorriu ironicamente. Ele ficou em silêncio por um longo período e, finalmente, suspirou.

"Creio que o meu pai queria algo de ti", disse ele lentamente. "Ele não te teria convocado, não teria intermediado aquele acordo, a menos que quisesse. Ele ofereceu-te uma grande vitória com os Pandesianos - e, em troca, ele teria pedido algo. O quê? O que era? Que segredo é que ele escondia?"

Duncan olhou para ele, resoluto, não se importando mais.

"O teu pai queria alguma coisa", disse ele, criando atrito. "Algo honroso e sagrado. Algo que ele apenas podia confiar a mim. Não ao seu próprio filho. Agora eu sei porquê."

Enis riu-se sarcasticamente, corando.

"Se os meus homens morreram por nada", Duncan continuou, "foi por essa questão de honra e de confiança - uma que eu nunca iria quebrar. É por isso que nunca saberás."

Enis enfureceu-se e Duncan teve o prazer de vê-lo enraivecido.

"Guardarias ainda assim os segredos do meu falecido pai, o homem que te traiu a ti e a todos os teus homens?"

"*Tu* é que me traíste, não ele", Duncan corrigiu, "Ele era um bom homem que uma vez cometeu um erro. Tu, por outro lado, és um nada. Tu és apenas uma sombra do teu pai."

Enis ficou carrancudo. Ele lentamente levantou-se, em toda a sua estatura, inclinou-se e cuspiu ao lado de Duncan.

"Vais dizer-me o que ele queria", ele insistiu. "O quê – ou quem - ele estava a tentar esconder. Se o fizeres, eu posso ser misericordioso e libertar-te. Se não, não só te acompanho, eu próprio, até à forca, como garanto que morres da forma mais macabra que se possa imaginar. A escolha é tua e não há como voltar atrás. Pensa bem, Duncan."

Enis virou-se para sair, mas Duncan gritou.

"Podes ter a minha resposta agora, se quiseres", respondeu Duncan.

Enis virou-se com um olhar de satisfação no rosto.

"Eu escolho a morte", respondeu ele e, pela primeira vez, conseguiu sorrir. "Afinal, a morte não é nada comparada com a honra."

CAPÍTULO DOIS

Dierdre, que limpava o suor da testa ao labutar na forja, sentou-se, de repente, sacudida por um barulho estrondoso. Era um ruído distinto, que a colocou de alerta, um barulho que subiu acima do ruído de todos os martelos que martelavam as bigornas. Todos os homens e mulheres ao redor dela pararam, também, pousaram as armas inacabadas e olharam lá para fora, intrigados.

Aconteceu novamente, soando como um trovão rolando ao vento, soando como se a própria estrutura da terra estivesse a ser dilacerada.

E novamente.

Finalmente, Dierdre percebeu: sinos de ferro. Eles estavam a badalar, aterrorizando-a com as batidas consecutivas que ecoavam por toda a cidade. Eram sinos de alerta, de perigo. Sinos de guerra.

Simultaneamente o povo de Ur, ansioso por ver, saltou das suas mesas e correu para fora da forja. Dierdre foi a primeira, acompanhada pelas suas miúdas e por Marco e seus amigos. Todos irromperam para as ruas, inundadas por cidadãos preocupados, reunindo-se na direção dos canais para obter uma melhor visão. Dierdre olhava para todo o lado à procura, esperando, com aqueles sinos, ver a sua cidade invadida por navios, por soldados. No entanto, não viu nada.

Intrigada, ela dirigiu-se para as enormes torres de vigia empoleiradas na borda do Arrependimento, querendo ter uma visão melhor.

"Dierdre!"

Ela virou-se e viu o seu pai e os seus homens, todos também a correr para as torres de vigia, ansiosos por obter uma vista desafogada para o mar. Todas as quatro torres tocaram freneticamente, algo que nunca tinha acontecido, como se a própria morte se estivesse a aproximar da cidade.

Dierdre juntou-se ao seu pai e começaram a correr, virando pelas ruas abaixo e subindo uma escadaria de pedra, até finalmente chegarem ao topo da muralha da cidade, à beira do mar. Ela parou ali, ao lado dele, atordoada com a visão diante dela.

Era como se o seu pior pesadelo tivesse ganho vida, algo que ela desejava nunca ter visto na sua vida: todo o mar, todo o caminho até ao horizonte, estava preenchido de preto. Os navios negros da Pandesia, tão próximos uns dos outros que cobriam a água, pareciam cobrir o mundo

inteiro. Pior de tudo, todos se dirigiam numa força singular para a sua cidade.

Dierdre ficou congelada, olhando para a morte que aí vinha. Não havia nenhuma maneira de eles se conseguirem defender contra uma frota daquele tamanho, não com as suas correntes inadequadas e não com suas espadas. Quando os primeiros navios atingissem os canais, eles podiam entravá-los, talvez, atrasá-los. Podiam, talvez, matar centenas ou mesmo milhares de soldados.

Mas não os milhões que ela via à sua frente.

Dierdre sentiu-se dilacerada ao olhar para o seu pai e para os soldados dele e ver o mesmo pânico silencioso nos seus rostos. O seu pai olhou de uma forma corajosa para os seus homens, mas ela conhecia-o. Ela podia ver o fatalismo nos seus olhos, podia ver a luz a desvanecer-se a partir deles. Todos eles, claramente, estavam a olhar para as suas mortes, no final da sua grande e antiga cidade.

Ao lado dela, Marco e os seus amigos olhavam aterrorizados, mas também com determinação. Nenhum deles, para seu crédito, se virou e fugiu. Ela procurou no mar de rostos por Alec, mas estava intrigada por não encontrá-lo em lado nenhum. Questionava-se onde ele poderia ter ido. De certeza que ele não tinha fugido?

Dierdre manteve-se firme e agarrou com força a sua espada. Ela sabia que a morte estava a chegar - só não esperava que fosse tão cedo. Ela, porém, já tinha terminado de fugir de quem quer que fosse.

O seu pai virou-se para ela e agarrou-a pelos ombros com urgência.

"Tens de deixar a cidade", ele exigiu.

Dierdre viu o amor paterno nos seus olhos e isso emocionou-a.

"Os meus homens vão escoltar-te", acrescentou. "Eles podem levar-te para longe daqui. Vai agora! E lembra-te de mim."

Dierdre enxugou uma lágrima quando viu o seu pai a olhar para ela com tanto amor. Ela sacudiu a cabeça e afastou as mãos dele.

"Não pai", disse ela. "Esta é a minha cidade e eu vou morrer a teu…"

Antes que ela conseguisse terminar as suas palavras, uma horrível explosão cortou o ar. Ao princípio ela ficou confusa, pensando que era outro sino, mas depois apercebeu-se – era fogo de canhão. Não apenas de um canhão, mas de centenas deles.

As ondas de choque, por si só, fizeram com que Dierdre se desequilibrasse, atravessando a atmosfera com tal força, que ela sentiu

como se os seus ouvidos tivessem ficado divididos em dois. Depois ouviu-se o apito estridente das balas de canhão e, ao olhar para o mar, ela sentiu uma onda de pânico ao ver centenas de balas de canhão maciças, como caldeirões de ferro no céu, arqueando lá no alto e indo diretas para a sua amada cidade.

Seguiu-se outro som, pior do que o último: o som de ferro a esmagar pedra. O próprio ar retumbou ao ouvir-se uma explosão após a outra. Dierdre tropeçou, caindo, enquanto tudo ao seu redor, os grandes edifícios de Ur, as obras arquitetónicas, os monumentos que existiam há milhares de anos, eram destruídos. Aqueles edifícios de pedra, com dez pés de espessura, igrejas, torres de vigia, fortificações, ameias - tudo, para seu horror - ficaram esmagados em pedaços por causa das balas de canhão. Desintegraram-se diante de seus olhos.

Os edifícios caíam no chão uns após os outros, provocando uma avalanche de escombros.

Era repugnante assistir. Ao rebolar pelo chão Dierdre viu uma torre de pedra com cem pés começar a cair ao seu lado. Impotente para fazer alguma coisa a não ser observar, ela via centenas de pessoas por baixo da torre a olhar para cima e a gritar em pânico enquanto a parede de pedra os esmagava.

Seguiu-se outra explosão.

E outra.

E outra.

A toda a volta, cada vez mais e mais edifícios explodiam e caíam. Milhares de pessoas eram instantaneamente esmagadas em plumas maciças de poeira e detritos. Calhaus rebolavam por toda a cidade como seixos enquanto os edifícios caíam uns sobre os outros, desintegrando-se ao aterrarem no chão. E ainda assim as balas de canhão continuavam a chegar, despedaçando os edifícios preciosos uns após o outros, transformando aquela cidade, em tempos majestosa, num monte de escombros.

Dierdre finalmente conseguiu levantar-se. Olhou à volta, atordoada, com os ouvidos a zumbir. Entre nuvens de pó, viu ruas cheias de cadáveres, poças de sangue, como se toda a cidade tivesse sido dizimado num instante. Ela olhou para os mares e viu os outros milhares de navios à espera para atacar, percebendo que todo o seu planeamento tinha ficado muito aquém. Ur já estava destruída e os navios não tinham sequer tocado a costa. De que serviriam agora todas aquelas armas, todas aquelas correntes e espigões?

Dierdre ouviu gemidos. Olhou e viu um dos bravos homens do seu pai, um homem que ela havia amado perdidamente, morto no chão perto dela, esmagado por uma pilha de escombros que deveria ter caído sobre ela, se ela não tivesse tropeçado e caído. Ela ia ajudá-lo - quando o ar de repente abanou com o rugido de uma nova rodada de balas de canhão.

E outro.

Seguiram-se assobios e, depois, mais explosões, mais prédios a cair. Os escombros estavam cada vez mais empilhados e mais pessoas morriam. Ao pôr-se de pé mais uma vez, uma parede de pedra desabou ao seu lado e por pouco não lhe acertou.

Houve uma pausa nos disparos e Dierdre pôs-se de pé. Uma parede de escombros bloqueava agora a sua visão do mar, mas ela sentia que os Pandesianos estavam agora perto, na praia, sendo por isso que os disparos haviam parado. Grandes nuvens de poeira pairavam no ar e, no estranho silêncio, apenas se ouviam os gemidos dos moribundos ao redor dela. Ela viu Marco ao seu lado, a chorar de angústia enquanto tentava libertar o corpo de um dos seus amigos. Dierdre olhou para baixo e viu que o rapaz já estava morto, esmagado sob o muro do que tinha sido outrora um templo.

Ela virou-se, lembrando-se das suas miúdas, ficando devastada ao ver que várias delas também tinham sido esmagadas até a morte. Mas três delas tinham sobrevivido, tentando, sem sucesso, salvar os outros.

Ouviu-se o grito dos Pandesianos, a pé, na praia, avançando para Ur. Dierdre pensava na proposta do seu pai e sabia que os homens dele ainda conseguiam levá-la para longe dali. Ela sabia que permanecer ali significaria a sua morte – no entanto era isso que ela queria. Ela não iria fugir.

Ao lado dela, o seu pai, com um corte na testa, levantou-se dos escombros, tirou a espada e, sem medo, avançou com os seus homens para um ataque à pilha de escombros. Ele estava, ela apercebeu-se orgulhosamente, apressando-se para enfrentar o inimigo. Seria agora uma batalha em pé. Centenas de homens reuniram atrás dele, todos a avançar com tal destemor que a encheu de orgulho.

Ela seguiu-o, sacando da sua espada e escalando os enormes pedregulhos à sua frente, pronta para a batalha ao seu lado. Ao subir ao topo, ela parou, atordoada com a visão diante dela: milhares de soldados Pandesianos, na sua armadura amarela e azul, enchiam a praia, a avançar para o monte de escombros. Estes homens estavam bem treinados, bem armados e não

estavam cansados - ao contrário dos homens do seu pai, que eram apenas algumas centenas, com armas rudimentares e todos já feridos.

Seria, ela sabia, um massacre.

E, no entanto, o seu pai não desistiu. Naquele momento, ela, mais do que nunca, estava orgulhosa dele. Lá estava ele, muito orgulhoso, com os seus homens reunidos à sua volta, todos prontos para avançar para baixo na direção do inimigo, mesmo que isso significasse uma morte certa. Era, para ela, a própria personificação da valentia.

Enquanto estava ali, antes de descer, ele virou-se e olhou para Dierdre com um olhar de um amor tal. Houve um adeus nos seus olhos, como se soubesse que nunca mais a iria ver novamente. Dierdre ficou confusa – tinha a espada à mão e estava preparada para atacar juntamente com ele. Porque é que ele lhe estava a dizer adeus agora?

De repente, ela sentiu umas mãos fortes a agarrá-la por trás e a puxá-la. Ela virou-se e viu que eram dois dos comandantes de confiança do seu pai que a estavam a agarrar. Um grupo dos homens dele também agarrou as três miúdas restantes, Marco e os seus amigos. Ela resistiu e protestou, mas foi inútil.

"Deixa-me ir!", gritou ela.

Eles ignoravam os seus protestos enquanto a arrastavam para fora dali, claramente aos comandos do seu pai. Ela conseguiu ver o seu pai, num último olhar, antes de ele levar os seus homens para o outro lado dos escombros num grande grito de guerra.

"Pai!", gritou.

Ela sentiu-se destroçada. Exatamente quando ela estava a admirar novamente o pai que amava, ele estava a ser-lhe retirado. Ela queria desesperadamente estar com ele. Mas ele já se tinha ido embora.

Dierdre viu-se atirada para um pequeno barco e, imediatamente, os homens começaram a remar pelo canal abaixo, longe do mar. O barco virou de novo e de novo, cortando pelos canais, indo em direção a uma abertura secreta de lado num dos muros. À sua frente apareceu um baixo arco de pedra e Dierdre reconheceu imediatamente para onde estavam a ir: o rio subterrâneo. Do outro lado do referido muro estava uma corrente em fúria que os levaria para longe da cidade. Ela iria surgir em algum lugar a muitas milhas de distância dali, sã e salva no campo.

Todas as suas miúdas olhavam para ela, como se estivessem a perguntar o que deviam fazer. Dierdre chegou a uma decisão imediata. Ela fingiu

concordar com o plano para que todos eles se fossem. Ela queria que todos eles fugissem, para se libertarem deste lugar.

Dierdre esperou até ao último momento e, pouco antes de eles entrarem, saltou do barco, mergulhando nas águas do canal. Marco, para surpresa dela, viu-a e saltou também. Isso deixou-os apenas aos dois a flutuarem no canal.

"Dierdre!", gritaram os homens do seu pai.

Eles viraram-se para agarrá-la - mas já era tarde demais. Ela havia cronometrado na perfeição e eles já tinham sido apanhados pelas correntes agitadas, afastando-os do barco.

Dierdre e Marco viraram-se e nadaram rapidamente na direção de um barco abandonado, embarcando nele. Ficaram ali sentados, encharcados, a olharem um para o outro, ambos a respirar com dificuldade, exaustos.

Dierdre virou-se e olhou de volta para o lugar de onde eles tinham vindo, para o coração de Ur, onde havia deixado o seu pai. Era para lá que ela iria, para ali e para nenhum outro lugar, mesmo que isso significasse a sua morte.

CAPÍTULO TRÊS

Merk ficou à entrada da câmara escondida, no último andar da Torre de Ur, a olhar para a luz brilhante, com Pult, o traidor, morto aos seus pés. A porta estava entreaberta e ele não podia acreditar no que via.

Aqui estava, a câmara sagrada, no andar mais protegido, a única sala projetada para manter e proteger a Espada de Fogo. A sua porta estava esculpida com a insígnia da espada e as suas paredes de pedra tinham, também, a insígnia da espada esculpida. Era esta sala e apenas esta, que o traidor tinha desejado, para roubar a relíquia mais sagrada do reino. Se Merk não o tivesse apanhado e morto, quem sabe onde a Espada estaria agora?

Ao olhar para a sala com as suas paredes de pedra lisa, em forma de um círculo, ao olhar para a luz brilhante, Merk começou a ver que ali, no centro, estava uma plataforma de ouro, com uma tocha de fogo por baixo, uma armação de aço por cima, claramente projetada para segurar a Espada. E, no entanto, ao olhar, ele não conseguia entender o que estava a ver.

A armação estava vazia.

Ele pestanejou, tentando entender. O ladrão já tinha roubado a espada? Não, o homem estava morto aos seus pés. Isso só poderia significar uma coisa.

Esta torre, a Torre sagrada de Ur, era um chamariz. Toda a Torre - a sala, a torre – era tudo um chamariz. A Espada de Fogo não residia aqui. Nunca tinha residido aqui.

Se não, então onde poderia estar?

Merk ficou ali, horrorizado, demasiado congelado para se mover. Voltou a pensar em todas as lendas que cercavam a Espada de Fogo. Lembrou-se da menção das duas torres, a Torre de Ur, no canto noroeste do reino, e, a Torre de Kos, no sudeste, cada uma delas colocada em lados opostos do reino, cada uma a contrabalançar a outra. Ele sabia que somente uma delas possuía a espada. E, no entanto, Merk sempre tinha assumido que *esta* era a torre, a Torre de Ur. Todos no reino tinham isso como assumido; todos iam sozinhos em peregrinação a esta torre e as próprias lendas insinuavam sempre Ur como sendo a tal. Afinal de contas, Ur estava no continente, perto da capital, perto de uma grande e antiga cidade - enquanto Kos estava

no final do Dedo do Diabo, um local remoto sem significado e longe de tudo.

Tinha de ser em Kos.

Merk ficou ali, em estado de choque, ficando aos poucos claro para ele: ele era o único no reino que conhecia a verdadeira localização da Espada. Merk não sabia que segredos, que tesouros, esta Torre de Ur guardava, se algum, mas ele sabia com certeza que não guardava a Espada de Fogo. Sentia-se desapontado. Ele tinha aprendido o que era suposto não aprender: que ele e todos os outros soldados aqui não estavam a guardar nada. Era matéria que os Sentinelas não deviam saber – para que, naturalmente, não desmoralizassem. Afinal, quem iria querer guardar uma torre vazia?

Agora que Merk sabia a verdade, ele sentiu um desejo ardente de fugir deste lugar, de ir para Kos e de proteger a Espada. Afinal de contas, porquê ficar aqui e guardar paredes vazias?

Merk era um homem simples e, acima de tudo, odiava enigmas. Isto tudo deu-lhe uma enorme dor de cabeça, levantando-lhe mais perguntas do que respostas. Quem mais poderia saber disso? Merk indagava-se. Os Sentinelas? Certamente alguns deles deviam saber. Se eles soubessem, como é que poderiam, eventualmente, ter a disciplina para passar todos os seus dias a guardar um chamariz? Fazia tudo parte da sua prática? Do seu dever sagrado?

Agora que ele sabia, o que devia fazer? Certamente ele não podia contar aos outros. Isso podia desmoralizá-los. Eles podiam inclusivamente não acreditar nele, pensando que ele tinha roubado a espada.

E o que é que devia fazer com este corpo morto, este traidor? E se esse traidor estava a tentar roubar a espada, estaria mais alguém? Tinha agido sozinho? De qualquer das formas, porque haveria ele de a querer roubar? Para onde a levaria?

De repente, enquanto estava ali a tentar decifrar tudo, os sinos soaram tão alto, perto da sua cabeça, como se estivessem naquela mesma sala, que se assustou. Foi tão repentino, tão rápido, que ele não conseguiu entender de onde eles estavam a vir - até que se apercebeu que a torre do sino, sobre o telhado, estava perto da sua cabeça. A sala tremia com o seu incessante badalar e ele não conseguia pensar como devia ser. Afinal de contas, a sua premência significava que eram sinos de guerra.

A agitação surgiu de repente de todos os cantos da torre. Merk podia ouvir o tumulto distante, como se todos lá dentro estivessem a juntar-se. Ele

tinha de saber o que se estava a passar; ele podia voltar ao seu dilema mais tarde.

Merk arrastou o corpo para fora do caminho, bateu com a porta, saindo a correr da sala. Ele correu para o corredor e viu dezenas de guerreiros a correr pelas escadas, todos com espadas na mão. Ao princípio, ele perguntou-se se eles estariam atrás ele, mas depois olhou para cima, viu mais homens a subir apressadamente as escadas e percebeu que estavam todos a dirigir-se para o telhado.

Merk juntou-se a eles, correndo pelas escadas, irrompendo para o telhado no meio dos badalos ensurdecedores dos sinos. Ele correu para a borda da torre e olhou para fora - e ficou chocado ao fazê-lo. O seu coração ficou dilacerado ao ver à distância o Mar do Arrependimento, coberto de preto, com um milhão de navios a convergir para cidade de Ur. No entanto, a frota não parecia estar a dirigir-se para a Torre de Ur, que ficava a um dia de distância a norte da cidade, portanto sem perigo imediato, pelo que Merk perguntou-se porque é que os sinos tocavam tão urgentemente.

Então ele viu os guerreiros a virarem na direção oposta. Ele virou-se, também, e viu: lá, emergindo das florestas, estava um bando de trolls. Estes eram seguidos por mais trolls.

E mais.

Ouviu-se um barulho alto, seguido de um rugido e, de repente, centenas de trolls irromperam da floresta, a gritar, a avançar, com as alabardas erguidas, com o sangue nos seus olhos. O seu líder estava à frente, o troll conhecido como Vesúvio, uma besta grotesca que transportava duas alabardas, com o rosto coberto de sangue. Eles estavam a convergir na torre.

Merk percebeu imediatamente que não se tratava de um ataque normal dos Trolls. Era como se toda a nação de Marda tivesse irrompido. Como é que eles tinham conseguido passar As Chamas? Perguntou a si próprio. Todos tinham claramente vindo aqui à procura da Espada, querendo diminuir as chamas. Irónico, Merk pensou, pois a Espada não estava ali.

A torre, Merk apercebeu-se, não podia suportar tal ataque. Estava tudo acabado.

Merk sentiu uma sensação de pavor, preparando-se para a luta final da sua vida, ao ser cercado. Todos ao seu redor, guerreiros apertavam as suas espadas, olhando para baixo em pânico.

"HOMENS!" Vicor, o comandante da Merk, gritou. "ASSUMIR POSIÇÕES!"

Os guerreiros tomaram posições ao longo das ameias e Merk juntou-se imediatamente a eles, correndo até a borda, agarrando num arco e numa aljava, como os outros à sua volta, fazendo mira e atirando.

Merk estava satisfeito por ver uma das suas flechas empalar um troll no peito; no entanto, para sua surpresa, a fera continuou a correr, mesmo com uma seta a perfurar-lhe as costas. Merk disparou contra ele novamente, atirando-lhe uma flecha ao pescoço – e, ainda assim, para sua surpresa, ele continuou a correr. Disparou uma terceira vez, acertando-lhe na cabeça e, desta vez, o troll caiu no chão.

Merk depressa se apercebeu que aqueles trolls não eram adversários comuns e não seriam derrotados tão facilmente quanto os homens. As hipóteses deles pareciam estreitar-se. Ainda assim, ele disparou uma e outra vez, atirando ao chão tantos trolls quanto conseguia. Choviam também flechas de todos os seus companheiros soldados, escurecendo o céu, fazendo com que os trolls tropeçassem e caíssem, obstruindo o caminho dos outros.

Mas muitos avançavam. Em pouco tempo alcançaram as grossas paredes da torre, ergueram as alabardas e bateram-nas contra as portas douradas, tentando derrubá-las. Merk podia sentir as vibrações sob os pés, ficando em alerta.

O ressoar dos metais corria pelo ar, enquanto a nação de trolls batia contra as portas implacavelmente. De alguma forma, Merk ficou aliviado ao ver, as portas aguentaram-se. Mesmo com centenas de trolls a irem contra as portas, como que por magia, estas nem sequer pendiam ou mesmo rachavam.

"PEDREGULHOS!", gritou Vicor.

Merk viu os outros soldados a correr para um monte de pedregulhos alinhados ao longo da borda, juntando-se a eles quando todos se aproximaram e içaram um. Juntos, ele e dez outros, conseguiram levantá-lo e empurrá-lo para cima em direção ao topo do muro. Merk, em esforço e a gemer, içou-o com todas as suas forças. Então, finalmente, todos eles empurraram o pedregulho com um grande grito.

Merk inclinou-se juntamente com os outros e viu o pedregulho a cair, assobiando através do ar.

Os trolls lá em baixo olharam para cima, mas era tarde demais. O pedregulho esmagou um grupo deles no solo, achatando-os, deixando uma grande cratera na terra junto da parede da torre. Merk ajudava os outros soldados içando pedregulhos sobre a borda em todos os lados da torre, matando centenas de trolls, com a terra a tremer com as explosões.

No entanto, eles continuavam a aparecer, um fluxo interminável de trolls, irrompendo da floresta. Merk viu que já não tinham pedregulhos; já não tinham setas, também, além de que os trolls não mostravam nenhum sinal de abrandamento.

Merk, de repente, sentiu algo a zumbir perto do seu ouvido. Virou-se e viu uma lança a passar. Ele olhou para baixo e viu, perplexo, os trolls com lanças, arremessando-as para as ameias. Ele ficou surpreso; ele não tinha noção de que eles tinham força para lançar de tão longe.

Vesúvio orientava-os. Levantou uma lança dourada e atirando-a alto, em linha reta. Merk viu, em choque, a lança a atingir o topo da torre, não lhe acertando por pouco ao conseguir esquivar-se. Ele ouviu um gemido e viu que os seus companheiros não tinham tido tanta sorte. Vários deles estavam caídos, perfurados por lanças, com sangue a escorrer-lhes pelas bocas.

Ouviu-se um barulho estrondoso, ainda mais perturbador, e, de repente, saído da floresta vinha um aríete de ferro, transportado numa carroça com rodas de madeira. A multidão de trolls separou-se à medida que o aríete rolava para a frente, liderada pelo Vesúvio, diretamente para a porta.

"LANÇAS", gritou Vicor.

Merk correu com os outros para o monte de lanças, sabendo, ao agarrar uma, que esta era a sua última linha de defesa. Ele tinha pensado que iria poupá-las até que os trolls violassem a torre, deixando-lhes uma última linha de defesa, mas, aparentemente, os tempos eram difíceis. Ele agarrou uma, fez mira e lançou-a para baixo, apontando para Vesúvio.

Mas Vesúvio era mais rápido do que parecia e esquivou-se, no último momento. A lança de Merk atingiu, assim, outro Troll na coxa, fazendo-o cair, retardando a aproximação do aríete. Os seus companheiros soldados atiraram as lanças para baixo, matando os trolls que empurravam o aríete, impedindo o seu avanço.

No entanto, assim que os trolls caíram, apareceu da floresta mais uma centena, substituindo-os. Rapidamente o aríete começou novamente a rolar para a frente. Mas eles eram demasiados - e eram todos dispensáveis. Esta

não era a maneira dos seres humanos lutarem. Esta era uma nação de monstros.

Merk apanhou outra lança para atirar, ficando consternado por não ver mais nenhuma. Ao mesmo tempo, o aríete chegou às portas da torre, com vários trolls a estender tábuas de madeira sobre as crateras para formar uma ponte.

"PARA A FRENTE!", gritou Vesúvio lá para baixo, longe, com uma voz grave e rouca.

O grupo de trolls avançou e empurrou o aríete para a frente. Um momento depois, o aríete esmagou as portas com tanta força que Merk podia sentir a vibração lá em cima. O tremor percorreu-lhe os tornozelos, magoando-o até ao osso.

Repetiu-se uma e outra vez, abanando a torre, fazendo com que ele e os outros tropeçassem. Ele caiu de mãos e joelhos em cima de um corpo, um companheiro Sentinela, apercebendo-se que ele já estava morto.

Merk ouviu um zumbido, sentiu uma onda de vento e calor. Olhou para cima, não conseguindo compreender o que via: por cima dele voava um pedregulho de fogo. Explosões soaram à sua volta enquanto flamejantes pedregulhos aterravam no topo da torre. Merk agachou-se, olhou por cima da borda, vendo dezenas de catapultas a serem disparadas a partir de baixo, em direção ao telhado da torre. Em toda a sua volta, os seus homens estavam a morrer.

Outro pedregulho em chamas caiu perto de Merk, matando dois Sentinelas que estavam ao lado dele, homens de quem ele tinha começado a gostar. À medida que as chamas se espalhavam, ele conseguia senti-las perto das suas próprias costas. Merk olhou em volta, viu quase todos os homens mortos ao redor dele. Ele sabia que não havia mais nada que ele pudesse fazer aqui, exceto esperar a morte.

Merk sabia que era agora ou nunca. Ele não ia deixar-se ir assim, desta forma, amontoado no topo da torre, esperando a morte. Ele iria para baixo bravamente, sem medo, enfrentando o inimigo com um punhal na mão, cara a cara, matando o maior número possível dessas criaturas.

Merk soltou um enorme grito, agarrou a corda afixada na torre e saltou sobre a borda. Ele deslizou para baixo a toda a velocidade, em direção à nação de trolls lá em baixo e pronto para cumprir o seu destino.

CAPÍTULO QUATRO

Kyra pestanejou ao olhar para o céu, o mundo em movimento por cima dela. Era o céu mais bonito que ela já tinha visto, roxo profundo, com nuvens brancas e macias à deriva no alto, o céu a brilhar com a luz solar difusa. Ela sentiu-se em movimento e ouviu o envolvimento delicado da água ao seu redor. Ela nunca tinha sentido tal profunda sensação de paz.

Kyra olhou para trás e ficou surpreendida ao ver que estava a flutuar no meio de um vasto mar, numa balsa de madeira, longe de qualquer costa. Enormes ondas levantavam delicadamente a sua jangada para cima e para baixo. Ela sentia-se como se estivesse à deriva para o horizonte, para um outro mundo, uma outra vida. Para um lugar de paz. Pela primeira vez na sua vida, ela já não estava preocupada com o mundo; sentia-se envolvida no abraço do universo, como se, finalmente, pudesse baixar a guarda e deixar que tomassem conta dela, protegida de todo mal.

Kyra sentiu outra presença no seu barco e sentou-se, ficando espantada ao ver uma mulher ali sentada. A mulher, envolta em luz, usava vestes brancas e tinha longos cabelos dourados e surpreendentes olhos azuis. Era a mulher mais bonita que Kyra alguma vez já tinha visto.

Kyra sentiu uma sensação de choque ao sentir, com certezas, que esta mulher era a sua mãe.

"Kyra, meu amor", disse a mulher.

A mulher sorriu-lhe, um sorriso tão doce que lhe restaurou a alma. Kyra olhou para ela e teve um sentido ainda mais profundo de paz. A voz ressoou através dela, fazendo-a sentir-se em paz com o mundo.

"Mãe", ela respondeu.

A sua mãe estendeu-lhe a mão, quase translúcida. Kyra estendeu a mão e agarrou-a. A sensação de sua pele era eletrizante e, ao segurá-la, Kyra sentiu como se uma parte da sua própria alma estivesse a ser recuperada.

"Eu tenho estado a observar-te ", disse ela. "E estou orgulhosa. Mais orgulhosa do que alguma vez saberás."

Kyra tentou concentrar-se, mas ao sentir o calor do abraço da sua mãe, ela sentia como se estivesse a deixar este mundo.

"Estou a morrer, Mãe?"

A sua mãe olhou para ela, com os olhos a brilhar, agarrando a sua mão com mais força.

"Chegou a tua altura, Kyra", disse ela. "E, no entanto, a tua coragem mudou o teu destino. A tua coragem - e o meu amor."

Kyra pestanejou, confusa.

"Não ficaremos juntas agora?"

A sua mãe sorriu-lhe e Kyra sentiu que ela estava a deixar-se ir, lentamente, afastando-se. Kyra sentiu uma onda de medo ao perceber que a sua mãe se ia embora para sempre. Tentou agarrar-se a ela, mas esta afastou a sua mão e, em vez disso, colocou a sua palma sobre o estômago de Kyra. Kyra sentiu um calor e amor intensos a percorrê-la, curando-a. Lentamente, sentiu-se a melhorar.

"Eu não vou deixar que morras", respondeu a mãe. "O meu amor por ti é mais forte do que o destino."

De repente, a sua mãe desapareceu.

No seu lugar estava um lindo rapaz, que olhava para ela com uns olhos cinza brilhantes, cabelos longos e lisos, hipnotizando-a. Ela podia sentir o amor no seu olhar.

"Eu, também, não te vou deixar morrer, Kyra", ele ecoou.

Ele inclinou-se, colocou a palma da sua mão no estômago dela, no mesmo sítio onde a sua mãe tinha posto. Ela sentiu uma onda de calor ainda mais intensa a passar-lhe pelo corpo. Viu uma luz branca e sentiu calor a agitar-se dentro dela. Ao voltar a ela, mal conseguia respirar.

"Quem és tu?", perguntou ela, quase a sussurrar.

Afogando-se no calor e na luz, ela não conseguia evitar fechar os olhos.

Quem és tu?, ecoou na sua mente.

Kyra abriu os olhos devagar, sentindo uma intensa onda de paz, de calma. Ela olhou para todos os lados, na expectativa de ainda estar no oceano, para ver a água, o céu.

Em vez disso, ela ouviu o som omnipresente de insetos. Virou-se, confusa, percebendo que estava na floresta. Estava deitada numa clareira e sentia calor intenso a irradiar do seu estômago, onde havia sido esfaqueada. Olhou para baixo e viu uma única mão lá. Era uma bela mão pálida, que tocava no seu estômago, como no seu sonho. Estonteada, ela olhou para cima e viu aqueles belos olhos cinzentos a olhar para ela, tão intensos, que pareciam estar a brilhar.

Kyle.

Ele ajoelhou-se ao lado dela, com uma mão na sua testa. Quando ele lhe tocou, Kyra sentiu lentamente a sua ferida a ser curada, sentiu-se

lentamente voltar a este mundo, como se ele desejasse que ela voltasse. Teria ela efetivamente visitado a sua mãe? Teria sido real? Ela sentiu como se tivesse sido suposto ela morrer, mas, de alguma forma, o seu destino tinha sido alterado. Era como se a sua mãe tivesse intervindo. E Kyle. O amor deles tinha-a trazido de volta. Isso e, como a sua mãe lhe havia dito, a sua própria coragem.

Kyra lambeu os lábios, fraca demais para se sentar. Ela queria agradecer a Kyle, mas a sua garganta estava muito seca e as palavras não saíam.

"Shh", disse ele, vendo o seu esforço, inclinando-se e beijando-lhe a testa.

"Eu morri?", conseguiu finalmente perguntar.

Após um longo silêncio, ele respondeu, com uma voz suave, mas, ainda assim, poderosa.

"Tu voltaste", disse ele. "Eu não te deixaria ir."

Era uma sensação estranha; olhando-o nos olhos, ela sentia como se o conhecesse desde sempre. Ela estendeu a mão e agarrou o seu pulso, apertando-o, tão grata. Havia tanta coisa que ela lhe queria dizer. Ela queria perguntar-lhe porque é que ele arriscaria a sua vida por ela; porque é que ele se importava tanto com ela; porque é que ele se sacrificaria para a trazer de volta. Ela sentiu que ele tinha, de facto, feito um grande sacrifício por ela, um sacrifício que, de certa forma, iria magoá-lo.

Acima de tudo, ela queria que ele soubesse o que ela estava a sentir agora.

Amo-te, ela queria dizer.

Mas as palavras não saíam. Em vez disso, uma onda de exaustão tomou conta dela e, quando os seus olhos se fecharam, ela não teve escolha senão sucumbir. Ela sentiu-se a cair num sono cada vez mais profundo, com o mundo a passar por ela. Ela perguntou-se se estaria a morrer novamente. Teria ela sido trazida de volta apenas por um momento? Teria ela estado de volta uma última vez apenas para dizer adeus a Kyle?

E, ao cair finalmente num sono profundo, ela podia jurar ter ouvido algumas últimas palavras antes de adormecer de vez;

"*Eu amo-te também*."

CAPÍTULO CINCO

O bebé dragão voava em agonia. Cada bater das asas era um esforço, lutando para se manter no ar. Ele voava há horas sobre o campo de Escalon, sentindo-se perdido e sozinho neste mundo cruel onde tinha nascido. Passavam-lhe pela mente imagens do seu pai moribundo, estendido, com os seus grandes olhos a fecharem-se, sendo esfaqueado até a morte por todos aqueles soldados humanos. O seu pai, que ele nunca tinha tido a oportunidade de conhecer, com exceção daquele momento específico da batalha gloriosa; o seu pai, que havia morrido a salvá-lo.

O bebé dragão sentiu a morte do seu pai como se fosse a sua própria. A cada bater de asas, sentia-se mais sobrecarregado pela culpa. Se não fosse por ele, o seu pai podia agora estar vivo.

O dragão voou, destroçado com tristeza e remorso pela ideia de que nunca teria a hipótese de conhecer o seu pai, para lhe agradecer pelo seu ato altruísta de valentia, por salvar a sua vida. Uma parte dele também já não queria viver.

A outra parte, porém, a arder em raiva, estava desesperada para matar os seres humanos, para vingar o seu pai e destruir a terra por baixo dele. Ele não sabia onde estava, mas sentiu intuitivamente que estava a oceanos de distância da sua terra natal. Uma espécie de instinto levava-o a voltar para casa; no entanto, ele não sabia onde era a sua casa.

O bebé voou sem rumo, tão perdido no mundo, a expelir chamas sobre as copas das árvores, sobre qualquer coisa que conseguisse encontrar. Rapidamente, ele ficou sem fogo, começando logo a perder altitude, a cada bater das duas asas. Ele tentou subir, mas descobriu, em pânico, que já não tinha forças. Tentou evitar uma copa de árvore, mas as suas asas já não o conseguiam levantar e ele foi diretamente embater nela, em sofrimento com todas as velhas feridas que não se tinham curado.

Em agonia, ele saltou e continuou a voar, com a sua elevação continuamente a diminuir à medida que ele perdia força. Pingava sangue, que caia como gotas de chuva. Estava fraco da fome, das suas feridas, dos milhares de lanças que lhe haviam espetado. Ele queria continuar a voar, para encontrar um alvo para a destruição, mas sentiu os seus olhos a fecharem-se, demasiado pesados para ele agora. Sentia-se a entrar e a sair da consciência.

O dragão sabia que estava a morrer. De certa forma, era um alívio; em breve, ele iria juntar-se ao seu pai.

Ele despertou com o som do crepitar das folhas e dos galhos a partirem-se e, ao sentir-se esmagado nas copas das árvores, finalmente abriu os olhos. A sua visão estava obscurecida num mundo de verde. Não mais capaz de se controlar, sentiu-se a cair, agarrou-se aos ramos e, de cada vez que o fazia, magoava-se mais.

Por fim, abruptamente, ficou preso entre os ramos no alto de uma árvore, muito fraco para lutar. Ficou ali pendurado, imóvel, com demasiadas dores para se conseguir mover, cada respiração a doer-lhe mais do que a próxima. Ele tinha a certeza de que ia morrer ali em cima, emaranhado nas árvores.

De repente, um dos ramos cedeu, ouvindo-se um grande estalo. O dragão caiu. Caiu de ramo em ramo, partindo-os, caindo uns bons cinquenta pés, até, finalmente, cair no chão.

Ficou ali, sentindo todas as suas costelas a estalar, expelindo sangue. Bateu uma asa lentamente, mas não conseguiu fazer muito mais.

Ao sentir a força da vida a ir-se embora, parecia-lhe injusto, prematuro. Sabia que tinha um destino, mas não conseguia entender qual era. Parecia ser curto e cruel, nascido neste mundo só para testemunhar a morte do seu pai e depois para morrer ele próprio. Talvez isso fosse o que era a vida: cruel e injusta.

Ao sentir os seus olhos a fecharem-se pela última vez, o dragão tinha a sua mente preenchida com um pensamento final: *Pai, espera por mim. Eu vou ver-te em breve*.

CAPÍTULO SEIS

Alec no convés observava o mar, agarrando a amurada do lustroso navio preto, como vinha a fazer há vários dias. Observava as ondas gigantes a rebentarem e a recuarem, erguendo o seu pequeno veleiro. Via a espuma a separar-se por baixo do porão, enquanto cortavam a água a uma velocidade à qual ele nunca antes tinha navegado. O navio deles inclinou-se e as velas ficaram rígidas com o vento, com os vendavais fortes e constantes. Alec estudava o navio com os olhos de um artesão, questionando-se sobre de que seria feito este navio; claramente era feito de um material não comum, elegante, que ele nunca antes tinha encontrado, o que lhes permitia manter a velocidade durante todo o dia e noite e manobrar no escuro para além da frota Pandesiana, para lá do Mar do Arrependimento e na direção do Mar de Lágrimas.

Ao refletir, Alec lembrou-se do quão angustiante esta jornada tinha sido, uma viagem através dos dias e das noites, nunca baixando as velas, as longas noites no mar negro repleto de sons hostis, do ranger do navio e de criaturas exóticas agitadas a pular. Mais do que uma vez ele tinha acordado com uma cobra brilhante a tentar embarcar no barco e o homem com quem navegava a pontapeá-la com a sua bota.

Mais misterioso que tudo, mais misterioso do que qualquer exótica vida marinha, era Sovos, o homem ao leme do navio. Este homem que tinha procurado Alec fora na forja, que o havia trazido para este navio, que estava a levá-lo para algum lugar remoto. Alec não sabia se havia de ser louco e confiar naquele homem. Até agora, pelo menos, Sovos já o tinha salvado. Alec recordava-se, olhando de volta para a cidade de Ur quando estavam longe no mar, sentindo-se angustiado, sentindo-se impotente, ao testemunhar a frota Pandesiana a aproximar-se. Do horizonte, ele tinha visto as balas de canhão a romperem pelo ar, tinha ouvido o barulho distante, tinha visto a derrocada dos grandes edifícios, edifícios estes onde ele próprio tinha estado apenas algumas horas antes. Ele havia tentado sair do navio, para ajudá-los a todos, mas nesse momento, eles já estavam demasiado longe. Insistiu para que Sovos voltasse para trás, mas os seus apelos caíram em ouvidos de mercador.

Os olhos de Alec encheram-se de lágrimas ao pensar em todos os seus amigos que lá tinham ficado, especialmente Marco e Dierdre. Fechou os

olhos e tentou, sem sucesso, afastar esse pensamento. O seu peito apertou-se ao sentir que os tinha desapontado.

A única coisa que fazia Alec continuar, que o abanava do seu desânimo, era sentir que ele era necessário noutros lugares, como Sovos tinha insistido; que ele tinha um destino certo, que ele poderia usá-lo para ajudar a destruir os Pandesianos noutro lugar. Afinal, como Sovos havia dito, ter morrido lá atrás com o resto deles não teria ajudado ninguém. Ainda assim, ele esperava e orava para que Marco e Dierdre tivessem sobrevivido e que ele ainda pudesse voltar a tempo para se reunir com eles.

Muito curioso para saber para onde se dirigiam, Alec tinha inundado Sovos com perguntas, mas este tinha permanecido teimosamente em silêncio, sempre no leme noite e dia, de costas para Alec. Ele nem sequer, tanto quanto Alec sabia, havia dormido ou comido. Apenas ficava ali a olhar o mar com as suas botas de couro altas e casaco de couro preto, com as suas sedas escarlates drapeadas sobre o seu ombro, vestindo uma capa com a sua curiosa insígnia. Com a sua curta barba castanha e olhos verdes brilhantes, que olhavam para as ondas como se fossem só um, o mistério em torno dele aprofundava-se.

Alec olhava admirado para o fora do comum Mar das Lágrimas, com a sua cor de água clara, sentindo-se tomado por uma urgência em saber para onde estava a ser levado. Incapaz de suportar o silêncio por mais tempo, ele virou-se para Sovos, desesperado por respostas.

"Porquê eu?", perguntou Alec, quebrando o silêncio, tentando mais uma vez e desta vez determinado a obter uma resposta. "Porquê escolher-me de entre toda aquela cidade? Porque é que *eu* era o único destinado a sobreviver? Poderias ter salvado uma centena de pessoas mais importantes do que eu."

Alec esperou, mas Sovos permaneceu em silêncio, de costas para ele, estudando o mar.

Alec decidiu ir por outro caminho.

"Para onde é que estamos a ir?", perguntou, ainda assim, mais uma vez. "E como é que este navio é capaz de navegar tão rápido? Do que é que é feito?"

Alec observava as costas do homem. Passaram-se minutos.

Finalmente, o homem abanou a cabeça, ainda de costas.

"Estás a ir para onde estás destinado a ir, para onde estás destinado a estar. Eu escolhi-te a ti porque nós precisamos de ti e de mais nenhum."

Alec indagava-se.

"Precisam de mim para quê?", pressionou Alec.

"Para destruir a Pandesia."

"Porquê eu?", perguntou Alec. "Como é que posso eventualmente ajudar?"

"Tudo ficará claro quando chegarmos", respondeu Sovos.

"Chegarmos onde?", pressionou Alec, frustrado. "Os meus amigos estão em Escalon. As pessoas que eu amo. Uma miúda."

"Eu sinto muito", suspirou Sovos, "mas ninguém é deixado lá trás. Tudo o que tu em tempos conheceste e amaste foi-se."

Seguiu-se um longo silêncio e, no meio do assobio do vento, Alec rezou para que ele estivesse errado – apesar de, no fundo, ele sentir que ele estava certo. Como é que a vida podia mudar tão rapidamente?, questionava-se.

"No entanto, estás vivo", continuou Sovos, "e isso é um presente muito precioso. Não o desperdices. Podes ajudar muitos outros, se passares no teste. "

Alec franziu a testa.

"Que teste?", perguntou.

Sovos finalmente virou-se e olhou para ele com um olhar penetrante.

"Se fores o tal", disse ele, "a nossa causa vai cair nos teus ombros; se não fores, não teremos nenhuma função para ti".

Alec tentou entender.

"Estamos a navegar há dias e ainda não chegámos a lado nenhum", Alec observou. "Cada vez mais em alto mar. Eu já nem consigo ver Escalon."

O homem sorriu.

"E onde achas que estamos a ir?", perguntou.

Alec encolheu os ombros.

"Parece que navegamos para nordeste. Talvez algures na direção de Marda."

Alec estudou o horizonte, exasperado.

Finalmente, Sovos respondeu.

"Como estás errado, meu jovem", respondeu ele. "Completamente errado, na verdade."

Sovos voltou-se para o elmo e uma forte rajada de vento levantou-se. O barco encaminhou-se para os carneirinhos do oceano. Alec olhar para além dele e, ao faze-lo, pela primeira vez, ele ficou surpreendido ao vislumbrar algo no horizonte.

Ele correu para a frente, cheio de emoção e agarrou a amurada.

Ao longe, surgia lentamente uma massa de terra, que apenas começava a tomar forma. A terra parecia brilhar, como se fosse feita de diamantes. Alec levantou a mão para os olhos, espreitando, imaginando o que poderia ser. Que ilha poderia existir ali no meio do nada? Ele deu voltas à sua cabeça, não se conseguindo lembrar de nenhuma terra nos mapas. Seria algum país do qual ele nunca tinha ouvido falar?

"O que é?", perguntou Alec apressadamente, olhando fixamente para lá, em antecipação.

Sovos virou-se e, pela primeira vez desde que Alec o conhecera, ele sorriu largamente.

"Bem-vindo, meu amigo", disse ele, "às Ilhas Perdidas."

CAPÍTULO SETE

Aidan ficou confinado a um poste, incapaz de se mover, enquanto observava o seu pai, ajoelhando-se a alguns passos diante dele, ladeado por soldados Pandesianos. Ali estavam, de espadas levantadas, segurando-as por cima da sua cabeça.

"NÃO!", gritou Aidan.

Ele tentou libertar-se, para avançar e poupar o seu pai. No entanto, independentemente de quanto tentasse, ele não se conseguia mover, com as cordas a afundarem-se nos seus pulsos e tornozelos. Ele foi forçado a assistir quando o seu pai se ajoelhou ali, com os olhos cheios de lágrimas, a olhar para ele a pedir ajuda.

"Aidan!", gritou o seu pai, estendendo-lhe a mão.

"Pai!", gritou-lhe Aidan também.

As lâminas desceram e, um momento depois, o rosto de Aidan ficou salpicado de sangue quando eles cortaram a cabeça do seu pai.

"NÃO!", gritou Aidan, sentindo a sua própria vida a desmoronar-se dentro dele, sentindo-se a afundar dentro de um buraco negro.

Aidan despertou com um sobressalto, ofegante, coberto de um suor frio. Ele sentou-se na escuridão, lutando para perceber onde estava.

"Pai!", gritou Aidan, ainda meio a dormir, à procura dele, ainda sentindo a urgência de salvá-lo.

Ele olhou ao redor, sentiu algo no seu rosto e cabelo, por todo o corpo e percebeu que era difícil respirar. Estendeu a mão, puxou algo leve e longo da sua cara e percebeu que estava deitado num monte de feno, quase enterrado nele. Rapidamente sacudiu tudo enquanto se sentava.

Estava escuro ali, apenas o fraco cintilar de uma tocha que aparecia através das ripas de Madeira. Rapidamente ele apercebeu-se que estava deitado na parte traseira de uma carruagem. Ouviu um barulho ao lado dele. Viu com alívio que era Branco. O enorme cão saltava na carruagem ao lado dele e lambia-lhe a cara, enquanto Aidan o abraçava.

Aidan respirou com dificuldade, ainda dominado pelo sonho. Tinha parecido muito real. Teria o seu pai realmente sido morto? Ele tentou lembrar-se de quando o vira pela última vez, no pátio real, emboscado, cercado. Ele lembrava-se de o ter tentando ajudar e, depois, de ter sido levado por Motley no meio da noite. Ele lembrava-se de Motley o ter

colocado naquela carruagem e de terem cavalgado pelas estreitas ruas de Andros para fugir.

Isso explicava a carruagem. Mas onde tinham eles ido? Para onde o tinha levado Motley?

Uma porta abriu-se e uma lasca da luz das tochas iluminou o escuro espaço. Aidan foi finalmente capaz de ver onde estava: numa pequena sala de pedra, o teto baixo e arqueado, parecendo uma pequena cabana ou taberna. Ele olhou para cima e viu Motley de pé na porta, enquadrado na luz das tochas.

"Continua a gritar assim e os Pandesianos vão encontrar-nos", advertiu Motley.

Motley virou-se e saiu, voltando para a sala bem iluminada à distância. Aidan rapidamente saltou da carroça para fora e seguiu-o, com Branco ao seu lado. Aidan entrou na sala brilhante e Motley rapidamente fechou a espessa porta de carvalho atrás dele e trancou-a várias vezes.

Aidan olhou, ajustando os olhos à luz, reconhecendo rostos familiares: os amigos de Motley. Os atores. Todos aqueles artistas de estrada. Eles estavam todos aqui, todos a esconderem-se, embarcados neste bar de pedra sem janelas. Todos os rostos, outrora tão festivos, eram agora severos, sombrios.

"Os Pandesianos estão em toda parte", disse Motley para Aidan. "Fala baixo."

Aidan, envergonhado, nem sequer se tinha apercebido que estava a gritar.

"Desculpa", disse ele. "Eu tive um pesadelo."

"Todos nós temos pesadelos", Motley respondeu.

"Nós estamos a viver num", acrescentou um outro ator de rosto taciturno.

"Onde é que estamos?", perguntou Aidan, olhando em volta, confuso.

"Uma taberna no canto mais distante de Andros. Ainda estamos na capital, escondidos. Os Pandesianos estão a patrulhar lá fora. Eles já passaram por aqui várias vezes, mas não entraram – e não o vão fazer, desde que te mantenhas calado. Nós estamos seguros aqui", respondeu Motley.

"Por enquanto", disse um dos seus amigos, cético.

Aidan, sentindo a urgência de ajudar seu o pai, tentou lembrar-se.

"O meu pai... está morto?", perguntou ele.

Motley abanou a cabeça.

"Não sei. Eles levaram-no. Foi a última vez que o vi."

Aidan sentiu uma onda de indignação.

"Vocês tiraram-me de lá!", disse ele com raiva. "Não deviam tê-lo feito. Eu tê-lo-ia ajudado!"

Motley coçou o queixo.

"E como é que conseguias isso?"

Aidan encolheu os ombros, pensando na resposta.

"Não sei", respondeu ele. "De alguma forma."

Motley assentiu.

"Terias tentado", ele concordou. "E estarias morto agora, também."

"Ele está morto, então?", perguntou Aidan, sentindo-se destroçado.

Motley encolheu os ombros.

"Não quando saímos", disse Motley. "Agora simplesmente não sei. Nós já não temos amigos nem espiões na cidade – foi tomada pelos Pandesianos. Todos os homens do teu pai estão presos. Estamos, receio, à mercê de Pandesia."

Aidan cerrou os punhos, pensando apenas no seu pai a apodrecer naquela cela.

"Eu tenho de salvá-lo", declarou Aidan, com um senso de propósito. "Eu não o posso deixar lá. Tenho de deixar imediatamente este lugar."

Aidan levantou-se, correu para a porta e começou a puxar para trás os trincos quando Motley apareceu e, por cima dele, colocou o pé à frente da porta antes que ele a conseguisse abrir.

"Vai agora", disse Motley, "e vais matar-nos a todos."

Aidan olhou para Motley, viu uma expressão séria pela primeira vez. Ele sabia que ele estava certo. Ele tinha um novo senso de gratidão e respeito por ele; afinal, ele tinha efetivamente salvado a sua vida. Aidan ficar-lhe-ia sempre grato por isso. Mas, ao mesmo tempo, sentia um desejo ardente de resgatar o seu pai e sabia que cada segundo contava.

"Tu disseste que haveria outra maneira", disse Aidan, lembrando-se. "Que haveria outra maneira de salvá-lo."

Motley assentiu.

"Disse", admitiu Motley.

"Eram palavras sem sentido, então?", perguntou Aidan.

Motley suspirou.

"O que é que propões?", perguntou ele, exasperado. "O teu pai está no coração da capital, na masmorra real, guardado por todo o exército Pandesiano. Devemos, simplesmente, ir lá e bater à porta?"

Aidan ficou ali, tentando pensar em nada. Ele sabia que era uma tarefa assustadora.

"Deve haver homens que nos podem ajudar?", perguntou Aidan.

"Quem?", disse um dos atores. "Todos aqueles homens leais ao teu pai foram capturados juntamente com ele."

"Nem *todos*," respondeu Aidan. "Certamente alguns dos homens não estavam lá. E que tal os senhores da guerra fora da capital, que lhe são leais?"

"Talvez", Motley encolheu os ombros. "Mas onde é que eles estão agora?"

Aidan irritou-se, desesperado, sentindo o aprisionamento do seu pai como se fosse o seu próprio.

"Não podemos simplesmente ficar aqui sentados e não fazer *nada*", exclamou Aidan. "Se não me ajudares, eu próprio irei. Eu não me importo se morrer. Eu não posso simplesmente ficar aqui sentado enquanto o meu pai está na prisão. E os meus irmãos...", disse Aidan, lembrando-se e começando a chorar, emocionado, ao recordar as mortes dos seus dois irmãos.

"Eu não tenho ninguém agora", disse ele.

Em seguida, abanou a cabeça. Lembrou-se da sua irmã Kyra e rezou com tudo o que tinha para que ela estivesse em segurança. Afinal de contas, ela era tudo o que ele tinha agora.

Aidan gritava, embaraçado. Branco aproximou-se e apoiou a sua cabeça contra a sua perna. Ouviu passos pesados a atravessar o chão de soalho, que rangia, sentindo uma grande e musculosa palma da mão no seu ombro.

Ele olhou para cima e viu Motley olhando para baixo com compaixão.

"Errado", disse Motley. "Tens-nos a nós. Nós somos a tua família agora."

Motley virou-se e gesticulou para a sala. Aidan olhou e viu todos os atores e artistas a olhar para ele com sinceridade, dezenas deles, com compaixão ao assentirem com a cabeça. Ele percebeu que, mesmo não sendo guerreiros, eles eram pessoas de bom coração. Ele tinha um novo respeito por eles.

"Obrigado", disse Aidan. "Mas vocês são todos atores. O que eu preciso são guerreiros. Vocês não podem ajudar-me a recuperar o meu pai."

Motley, de repente, ficou com um certo olhar, como se uma ideia lhe estivesse a surgir. E sorriu largamente.

"Como estás errado, jovem Aidan", ele respondeu.

Aidan podia ver os olhos de Motley a brilhar e ele sabia que ele estava a pensar em alguma coisa.

"Os guerreiros têm uma determinada competência", disse Motley, "porém, os artistas têm uma habilidade própria. Os guerreiros podem ganhar pela força - mas os artistas podem ganhar por outros meios, meios ainda mais poderosos".

"Não entendo", disse Aidan, confuso. "Não consegues libertar o meu pai da sua cela só por o entreteres."

Motley riu-se alto.

"De facto", ele respondeu: "Acho que posso."

Aidan olhou para ele, intrigado.

"O que é que isso significa?", perguntou.

Motley coçou o queixo, com os olhos à deriva, claramente a incubar um plano.

"Os guerreiros não têm permissão para andar livremente na capital agora – ou para ir a qualquer lugar perto do centro da cidade. No entanto, os artistas não têm restrições."

Aidan estava confuso.

"Porque haveria a Pandesia de deixar entrar artistas no coração da capital?", perguntou Aidan.

Motley sorriu e abanou a cabeça.

"Ainda não sabes como é que o mundo funciona, rapaz", respondeu Motley. "Os guerreiros têm sempre permissão apenas em lugares limitados e em alturas limitadas. Mas os artistas têm permissão em todos os lugares, sempre. Todas as pessoas precisam sempre de ser entretidas, tanto os Pandesianos como os Escalonites. Afinal de contas, um soldado entediado é um soldado perigoso, em ambos os lados do reino. E a regra de ordem deve ser mantida. O entretenimento sempre foi a chave para manter as tropas felizes e controlar um exército."

Motley sorriu.

"Com vês, jovem Aidan", disse ele, "não são os comandantes que possuem as chaves para os seus exércitos, mas nós. Meros artistas antigos. Os da classe que tu tanto desprezas. Nós estamos acima da batalha, atravessamos as linhas do inimigo. Ninguém se importa com que armadura

estou vestido - eles apenas se importam com o quão bons são os meus contos. E eu tenho contos bons, rapaz, melhores do que possas imaginar."

Motley virou-se para a sala e explodiu:

"Vamos atuar! Todos nós!"

De repente, todos os atores na sala aplaudiram, iluminados, colocando-se de pé, com a esperança a regressar aos seus olhos deprimidos.

"Vamos atuar exatamente no coração da capital! Será o maior entretenimento que estes Pandesianos já viram! E mais importante, a maior distração. Quando for a altura certa, quando a cidade estiver nas nossas mãos, capturada pelo nosso grande desempenho, vamos agir. E vamos encontrar uma maneira de libertar o teu pai".

Os homens aplaudiram e Aidan, pela primeira vez, sentiu-se mais reconfortado, sentindo uma nova sensação de otimismo.

"Achas mesmo que vai funcionar?", perguntou Aidan.

Motley sorriu.

"Já aconteceram coisas mais loucas, meu rapaz", disse ele.

CAPÍTULO OITO

Duncan tentou apagar a dor enquanto entrava e saia do sono, deitado de costas contra a parede de pedra, com as correntes a cortarem-lhe os pulsos e tornozelos e a mantê-lo acordado. Mais do que tudo, ele ansiava por água. A sua garganta estava tão seca que ele não conseguia engolir. Tão crua que cada respiração o feria. Ele não conseguia lembrar-se da última vez que tinha dado um gole. Sentia-se tão fraco com fome que mal se conseguia mover. Ele sabia que estava ali a definhar e que, se o executor não chegasse em breve, então a fome iria levá-lo.

Duncan entrava e saia do seu estado de consciência, há vários dias, com a dor a dar cabo dele e tornando-se uma parte de si. Ele tinha recordações da sua juventude, de tempos passados em campos abertos, em campos de treinos, em campos de batalha. Ele tinha recordações das suas primeiras batalhas, dos dias passados, quando Escalon era livre e próspera. Mas as recordações eram sempre interrompidas pelos rostos dos seus dois rapazes mortos, levantando-se diante dele, assombrando-o. Ele estava dilacerado pela agonia. Abanou a cabeça, tentando, sem sucesso, afastar esses pensamentos.

Duncan pensou no último filho que lhe restava, Aidan. Desesperadamente desejava que ele estivesse a salvo em Volis, que os Pandesianos não o tivessem ainda alcançado. O seu pensamento virou-se, de seguida, para Kyra. Lembrou-se dela como uma jovem miúda, recordou o orgulho que sempre tivera em educá-la. Pensou na jornada dela através de Escalon e indagou se ela teria já chegado a Ur, se teria encontrado o tio dela e se estaria a salvo agora. Ela era uma parte dele, a única parte dele que importava agora. A sua segurança era mais importante para ele do que estar vivo. Iria alguma vez voltar a vê-la? Questionava-se. Ele desejava vê-la, mas também queria que ela permanecesse longe dali e em segurança.

A porta da cela abriu-se de repente e Duncan olhou para cima, assustado, enquanto espreitava pela escuridão. Botas marchavam na escuridão e ao ouvir os passos, Duncan sabia que não eram as botas de Enis. Na escuridão, a sua audição havia-se aguçado.

O soldado se aproximou e Duncan percebeu que ele estava a vir para torturá-lo ou matá-lo. Duncan estava pronto. Eles podiam fazer com ele o que quisessem - ele já tinha morrido por dentro.

Duncan abriu os olhos, pesados como estavam, olhando para cima com toda a dignidade que conseguiu reunir para ver quem estava a chegar. Ficou chocado ao ver o rosto do homem que mais desprezava: Bant de Barris. O traidor. O homem que tinha matado os seus dois filhos.

Duncan olhou com raiva para Bant quando este se aproximou e, com um sorriso de satisfação no rosto, se ajoelhou diante dele. Ele questionava-se sobre o que aquela criatura estaria ali a fazer.

"Não tão poderoso agora, não é, Duncan?", perguntou Bant, apenas a alguns passos de distância. Ele ficou ali, com as mãos nos quadris, baixo, atarracado, com lábios finos, olhos redondos e um rosto cheio de marcas.

Duncan tentou atacá-lo, querendo destruí-lo - mas as suas correntes detiveram-no.

"Deves pagar pelo que fizeste aos meus filhos", disse Duncan, engasgando-se, com a garganta tão seca que não conseguia que as palavras lhe saíssem com o veneno que ele desejava.

Bant riu-se, um som curto, rude.

"Devo?", ridicularizou ele. "O teu último suspiro vai ser aqui em baixo. Eu matei os teus filhos e posso matar-te a ti, também, se quiser. Eu tenho o apoio da Pandesia agora, depois da minha demonstração de lealdade. Mas não te vou matar. Isso seria muito gentil. Vou deixar-te definhar."

Duncan sentiu uma raiva fria a ferver dentro dele.

"Então porque é que vieste?"

Bant enfureceu-se.

"Eu posso vir por qualquer motivo que eu queira", disse com má cara, "ou por nenhuma razão. Eu posso vir só olhar para ti. Para olhar espantado para ti. Para ver os frutos da minha vitória."

Ele suspirou.

"E, ainda assim, acontece que eu tenho uma razão para te visitar. Há algo que eu quero de ti. E há uma coisa que eu te vou dar."

Duncan olhou com ceticismo.

"A tua liberdade", acrescentou Bant.

Duncan observou-o, indagando-se.

"E porque farias isso?", perguntou.

Bant suspirou.

"Ora vê, Duncan", disse ele, "tu e eu não somos assim tão diferentes. Nós somos ambos guerreiros. Na verdade, és um homem que eu sempre respeitei. Os teus filhos mereciam ser mortos - eles eram fanfarrões

imprudentes. Mas tu… sempre te respeitei. Não devias estar aqui em baixo."

Ele fez uma pausa, examinando-o.

"Então é isso que eu vou fazer", continuou ele. "Vais confessar publicamente os teus crimes contra a nossa nação e deves incitar todos os cidadãos de Andros a submeterem-se às leis Pandesianas. Se fizeres isso, então eu certificar-me-ei que a Pandesia te libertará".

Duncan ali sentado estava tão furioso que não sabia o que dizer.

"És uma marioneta para os Pandesianos agora?", perguntou Duncan finalmente, a ferver. "Estás a tentar impressioná-los? Para lhes mostrares que me podes entregar?"

Bant sorriu com desprezo.

"Faz isso, Duncan", ele respondeu. "Tu não és útil para ninguém aqui em baixo, muito menos para ti próprio. Conta ao Ra Supremo o que ele quer ouvir, confessa o que fizeste e traz a paz a esta cidade. A nossa capital precisa de paz agora e tu és o único que pode fazer isso."

Duncan respirou fundo várias vezes, até, finalmente, ter forças para falar.

"Nunca", respondeu.

Bant olhou com um ar ameaçador.

"Não pela minha liberdade", Duncan continuou, "não pela minha vida e não por nenhum preço."

Duncan olhou para ele, sorrindo de satisfação enquanto observava Bant a ficar vermelho. Por fim, acrescentou: "Mas fica com a certeza de uma coisa: se eu alguma vez escapar daqui, a minha espada vai encontrar um lugar no teu coração"

Depois de um atordoado longo silêncio, Bant levantou-se, franzindo a testa, olhou para Duncan e abanou a cabeça.

"Vive mais alguns dias para que eu possa estar aqui para assistir à tua execução.", disse ele.

CAPÍTULO NOVE

Dierdre remou com toda a sua força, com Marco ao lado dela, os dois a cortar velozmente através do canal, fazendo o seu caminho de volta em direção ao mar, onde ela tinha visto pela última vez o seu pai. O seu coração ficou dilacerado de ansiedade ao lembrar-se da última vez que tinha visto o seu pai, recordando a sua bravura ao atacar o exército Pandesiano, mesmo contra todas as probabilidades insuperáveis. Ela fechou os olhos e afastou a imagem, remando ainda mais rápido, rezando para que ele ainda não estivesse morto. Tudo o que ela queria era chegar a tempo de o salvar - ou se não, então, pelo menos, que tivesse a possibilidade de morrer ao seu lado.

Ao lado dela, Marco remava com a mesma rapidez. Ela olhava para ele com gratidão e admiração.

"Porquê?", perguntou ela.

Ele virou-se e olhou para ela.

"Porque é que te juntaste a mim?", pressionou.

Ele olhou para ela, em silêncio, depois desviou o olhar.

"Tu poderias ter ido com os outros ", acrescentou. "Mas escolheste não o fazer. Escolheste vir comigo".

Ele olhou para a frente, ainda a remar com afinco, ainda permanecendo em silêncio.

"Porquê?", insistiu ela, desesperada para saber, remando furiosamente.

"Porque o meu amigo admirava-te muito", disse Marco. "E isso é suficiente para mim."

Dierdre remou mais depressa, virando pelo canal contorcido. Os seus pensamentos voltaram-se para Alec. Ela estava tão dececionada com ele. Ele havia-os abandonado, havia partido de Ur com aquele estranho misterioso antes da invasão. Porquê? Ela só podia perguntar. Ele tinha sido tão dedicado à causa, a forja. E ela tinha a certeza de que ele seria a última pessoa a fugir num momento de necessidade. No entanto, ele tinha-o feito, quando eles mais precisavam dele.

Tal fez com que Dierdre reexaminasse os seus sentimentos por Alec, quem, afinal, ela mal conhecia – e tal fê-la ter sentimentos mais fortes para com o amigo dele, Marco, que se tinha sacrificado por ela. Ela já sentia uma forte ligação com ele. As balas de canhão continuavam a assobiar, passando

por cima, enquanto os edifícios continuavam a explodir e a cair à volta deles. Dierdre indagava-se se Marco realmente sabia no que se estava a meter. Saberia ele que pelo facto de a acompanhar, por regressar ao coração do caos, não haveria regresso?

"Nós remamos em direção à morte, tu sabes", disse ela. "O meu pai e os seus homens estão naquela praia, para além daquela parede de escombros, sendo que tenho a intenção de encontrá-lo e lutar ao seu lado."

Marco assentiu

"Achas que eu regressei a esta cidade para viver?", perguntou ele. "Se eu quisesse fugir, eu tinha fugido."

Satisfeita e tocada pela sua força, Dierdre continuou a remar em frente, os dois em silêncio, evitando os escombros que caiam à medida que se aproximavam da costa.

Finalmente, eles viraram. Ao longe, ela viu a parede de escombros onde tinha visto pela última vez o seu pai - e logo a seguir, os altos navios negros. Ela sabia que do outro lado estava a praia onde ele estava a lutar contra os Pandesianos. Ela remou com todas as suas forças, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, ansiosa por alcançá-lo a tempo. Ela ouvia os sons do combate, de homens a gemer, morrendo. E rezou para que não fosse tarde demais.

Assim que o barco alcançou a margem do canal ela saltou para fora, baloiçando-o, com Marco atrás dela, correndo até à parede de escombros. Ela trepou por cima dos enormes pedregulhos, raspando os cotovelos e joelhos sem se importar. Sem fôlego, ela subiu e subiu, escorregando nas pedras, pensando apenas no seu pai, pensado em chegar ao outro lado, quase sem perceber que estes montes de escombros tinham sido em tempos as grandes torres de Ur.

Ela espreitou ao ouvir os gritos, tendo uma extensa vista de Ur dali de cima. Ficou chocada ao ver metade da cidade em ruínas. Edifícios derrubados, montanhas de escombros nas ruas cobertas por nuvens de poeira. Ela viu o povo de Ur a fugir em todas as direções para salvar a sua vida.

Ela virou-se e continuou a escalada, indo na direção oposta do povo, querendo abraçar a batalha - não fugir dela. Finalmente alcançou o topo da parede de rocha e, ao olhar, o seu coração parou. Ela ficou ali, congelada no lugar, incapaz de se mover. Isto não era, de todo, o que ela esperava.

Dierdre esperava ver uma grande batalha a ser travada lá em baixo, esperava ver o seu pai a lutar bravamente, com os seus homens à volta. Ela esperava ser capaz de correr até lá e de se juntar a ele, para salvá-lo, para lutar ao seu lado.

Em vez disso, o que ela viu fê-la querer encolher-se e morrer.

Ali estava estendido o seu pai, de cara na areia, coberto por uma poça de sangue, com um machado nas costas.

Morto.

À sua volta estavam dezenas de soldados, todos mortos, também. Milhares de soldados Pandesianos clamavam fora dos navios como formigas, espalhando-se, cobrindo a praia, apunhalando cada corpo para se certificarem de que estava morto. Pisaram o corpo do seu pai e dos outros enquanto se dirigiam para a parede de escombros, exatamente na direção dela.

Dierdre olhou para baixo quando ouviu um barulho e viu que alguns Pandesianos já tinham lá chegado e já estavam a subir, praticamente a trinta pés de distância dela.

Dierdre, completamente desesperada, cheia de angústia e raiva, deu um passo adiante e arremessou a sua lança para baixo na direção do primeiro Pandesiano que ela viu subir. Ele olhou para cima, claramente não esperando ver alguém em cima do muro, não esperando que houvesse alguém suficientemente louco para enfrentar um exército invasor. A lança de Dierdre espetou-se no seu peito, fazendo-o deslizar de volta pela rocha abaixo, apanhando vários soldados com ele pelo caminho.

Os outros soldados reuniram-se e uma dúzia deles ergueu as lanças, atirando-lhas. Aconteceu muito rapidamente e Dierdre ficou ali indefesa, querendo ser empalada, pronta para morrer. Querendo morrer. Ela tinha chegado demasiado tarde – o seu pai estava morto lá em baixo e agora ela, oprimida pela culpa, queria morrer com ele.

"Dierdre!", gritou uma voz.

Dierdre ouviu Marco ao seu lado e, um momento depois, sentiu-o a agarrá-la, puxando-a de volta para o outro lado dos escombros. Lanças passaram a zunir pela sua cabeça, precisamente para o local onde ela tinha estado, não lhe acertando por pouco. Ela caiu para trás, para a pilha de escombros, com Marco.

Ela sentiu uma dor terrível ao caírem completamente para a frente, com as rochas a esmagarem-lhe as costelas. Por todo o corpo, hematomas e

arranhões. Até que finalmente bateram no fundo.

Dierdre ficou ali estendida por um momento, lutando para respirar, sentindo que o vento ia acabar com ela, perguntando-se se estaria morta. Ela percebeu vagamente que Marco tinha acabado de salvar a sua vida.

Marco, recuperando rapidamente, agarrou-a, puxou-a e pô-la de pé. Eles correram juntos, tropeçando, ela com o seu corpo dolorido, longe do muro e de volta para as ruas de Ur.

Dierdre olhou para trás e viu alguns Pandesianos a chegarem ao topo. Ela viu-os a erguerem arcos e flechas e a começaram a disparar, fazendo chover a morte na cidade.

Ao redor de Dierdre ecoaram gritos quando as pessoas começaram a cair, perfuradas nas costas por flechas e lanças enquanto o céu ficava preto. Dierdre viu uma seta a descer diretamente para Marco. Aproximou-se e puxou-o para fora do caminho, atrás de uma parede de pedra. Ouviu-se o som das setas a baterem na pedra atrás deles e Marco virou-se e olhou para ela com gratidão.

"Estamos quites", disse ela.

Seguiu-se um grito e, de seguida, um grande ressoar de armaduras. Ela olhou para fora e viu mais dezenas de Pandesianos a chegar ao topo, todos eles a atacar pela rocha abaixo. Alguns foram mais rápidos do que outros e vários deles, liderando o grupo, correram diretamente para Dierdre.

Dierdre e Marco trocaram um olhar de entendimento, acenando com a cabeça. Nenhum estava preparado para correr.

Marco saiu de trás da rocha quando aqueles se aproximaram, ergueu a lança e apontou para o soldado que liderava. A lança alojou-se no seu peito, fazendo-o cair.

Marco, em seguida, girou e cortou a garganta de outro com a sua espada; pontapeou um terceiro soldado quando este se aproximou. Depois ergueu-a, baixando-a, de seguida, sobre o quarto soldado.

Dierdre, inspirada, apanhou um mangual do chão, virou-se, oscilando-o com toda a sua força. A bola de metal cravejada esmagou o capacete de um soldado que se aproximava, derrubando-o. Ela balançou-o novamente e esmagou outro pelas costas antes que ele pudesse esfaquear Marco.

Com os seis soldados mortos, Marco e Dierdre trocaram um olhar, apercebendo-se da sorte que tinham tido. No entanto, à sua volta, os outros cidadãos de Ur não tinham tido tanta sorte. Passavam por cima mais tiros de canhão a zunir, seguidos de várias explosões enquanto mais edifícios eram

destruídos. Ao mesmo tempo, apareceram sobre o cume mais umas centenas de soldados que, ao começaram a invadir a cidade, foram, por todo o lado, esfaqueando e golpeando os cidadãos.

Em poucos instantes as ruas, cheias de corpos, estavam cobertas de sangue.

Mais umas dezenas de soldados avançaram para eles e Dierdre sabia que ela e Marco não iam conseguir defender-se de todos eles. Dierdre preparou-se enquanto os Pandesianos, a poucos passos de distância, nas suas armaduras azuis e amarelas, erguiam as espadas e machados, avançando sobre eles. Ela sabia que a sua vida estava prestes a terminar.

Precisamente naquele momento, uma bala de canhão embateu num muro, que caiu e bloqueou a aproximação dos soldados, ironicamente esmagando alguns deles e criando um muro de defesa. Dierdre respirou fundo, percebendo que tinham uma última hipótese de sobrevivência.

"Por aqui!", gritou Marco.

Ele agarrou o pulso dela e arrastou-a. Começaram a correr pela cidade, tecendo o seu caminho pelo meio da destruição. Ela sabia que Marco conhecia a cidade melhor do que ninguém e se eles tivessem alguma hipótese de sobrevivência ele iria encontrá-la.

Eles percorreram as ruas umas após as outras, através de nuvens de poeira, saltando sobre os escombros, passando pelos cadáveres, evitando grupos de soldados itinerantes. Por fim, Marco fê-la parar.

De início, Dierdre ficou perplexa, não vendo nada; mas, em seguida, Marco baixou-se, limpou um pouco de pó, revelando uma escotilha de ferro escondida na pedra. Ele puxou-a. Dierdre ficou surpreendida ao ver um buraco na direção de um subterrâneo.

Dierdre ouviu um barulho, virou-se e viu dois Pandesianos emergir de uma nuvem de poeira, avançando, com os machados erguidos. Antes de sequer ter tempo para refletir sobre isso, Marco agarrou-a e puxou-a para baixo - e ela gritou ao cair para o fundo, lançada violentamente algures na escuridão.

CAPÍTULO DEZ

Kyra abriu os olhos ao sentir um tremendo calor irradiar por todo o corpo, como se o calor do sol se estivesse a espalhar através dela. Os seus olhos estavam pesados e, ao ser recebida por um mundo de luz branca, demorou um pouco para perceber onde estava. Levantou a mão na direção do sol da manhã, que rompia por entre as árvores, com um novo amanhecer que se espalhava sobre a floresta. Ela nunca tinha experimentado tal sensação de paz.

Ao sentiu o calor a percorrê-la, Kyra olhou para seu estômago e ficou surpreendida ao ver que a sua ferida estava praticamente curada. Passou um dedo por cima dela, atordoada: a sua pele estava praticamente macia.

Kyra olhou para cima ao sentir movimento e viu um rosto. Ela ficou emocionada ao ver aqueles intensos olhos brilhantes, a olhar para ela, fixos nos dela.

Kyle.

Ele ajoelhou-se sobre ela, segurando-lhe na mão e, ao olhar nos olhos dele, ela sentiu como se eles detivessem o poder do sol. Ela sentiu ondas de calor vindas da palma da mão dele, fazendo com que se sentisse cada vez mais sonolenta. Os seus olhos estavam tão pesados, não totalmente abertos, como se ela não conseguisse abandonar o seu pesado sono.

Ela sorriu, tranquilizada pela presença dele, sentindo uma tal onda de amor e gratidão para com ele.

"Ainda aqui estás", disse ela, com uma voz suave, num estado de sonho.

"Shh" disse ele, olhando para baixo, passando suavemente a sua mão pelo cabelo dela. "Deves dormir. O ferimento foi profundo. Mas agora está a sarar. Eu já fiz o que tinha a fazer aqui."

Ela olhou para cima, sentindo uma súbita onda de preocupação.

"Vais-te embora?", perguntou ela, em pânico, sentindo-se tão sozinha no mundo.

Ele sorriu para ela.

"A minha torre está em perigo", respondeu ele. "O meu povo precisa de mim agora."

Havia tanta coisa que Kyra lhe queria perguntar, mas ela não conseguia encontrar as palavras. A sua mente estava ainda uma névoa e o seu cansaço era cada vez maior.

"Fica", sussurrou ela.

Mas a exaustão tomou conta dela e, quando Kyle lhe colocou uma mão sobre os olhos, um tremendo calor forçou-os a fechar.

Kyra sentiu-se a ficar mais leve, deslocando-se para a luz branca, voltando a dormir. A última coisa que ela se lembrava, antes dos seus olhos se fecharem completamente, era de Kyle a remover o seu colar, uma surpreendente safira em forma de estrela, pendurando-o no pescoço dela. Ela sentiu o seu refrescante poder de cura na sua clavícula.

"O que é meu é teu agora", disse ele. "Dorme. E lembra-te de mim."

*

Kyra sentou-se direita. Abriu os olhos e viu o sol a pique. Pestanejou com o brilho, procurando em todos os lados por Kyle.

Como ela temia, ele tinha-se ido embora.

Kyra pôs-se de pé, sentindo uma onda de energia, fascinada por estar de pé. Ela sentiu-se mais forte do que nunca. Olhou para o seu estômago, onde ela tinha sido ferida, ficando surpreendida ao ver que estava completamente curada. Era como se nada tivesse acontecido.

Kyra ficou ali, sentindo-se renascer. Ao ouvir um lamurio ela virou-se e viu Leo ao seu lado, lambendo a palma da sua mão. Ela ouviu um grunhido e viu Andor, próximo, raspando o solo. Ela ainda estava numa clareira na floresta, inundada pela luz por entre as árvores, com o vento a fazer sussurrar as folhas e os sons dos pássaros e insetos a preencherem o ar. Ela sentia como se estivesse a ver o mundo com novos olhos. Respirou fundo, amando a sensação de estar novamente viva.

Ouviu-se um barulho. Kyra virou-se e ficou surpreendida ao ver Alva perto dela, sem expressão, a segurar o seu bastão e a observá-la silenciosamente. Ela sentiu um profundo sentimento de alívio ao vê-lo, mas também culpa. Ele tinha-a avisado para não ir e ela não lhe tinha prestado atenção. Ali estava ela, a aluna que tinha reprovado, sentiu ela, de caras com o seu professor. Ela estava ansiosa por lhe fazer perguntas.

"Há quanto tempo estás aqui?", perguntou ela, sentindo que ele tinha tomado conta dela enquanto ela dormia.

Ele não respondeu.

"Tiveste a observar-me este tempo todo?", perguntou.

"Estou sempre a observar-te."

Kyra tentou lembrar-se.

"Foi o Kyle quem me curou?", perguntou ela.

Ele assentiu.

"Eu estava destinada a morrer, não estava?", perguntou ela. "Ele sacrificou-se por mim, não foi?"

"De facto", respondeu ele. "E ele vai pagar o preço."

Kyra sentiu uma onda repentina de preocupação.

"Que preço?"

"Há um preço para tudo neste universo, Kyra. O destino não pode ser alterado sem o preço mais alto de todos."

Ela sentiu uma facada de medo.

"Eu não desejo que ele pague um preço pela minha vida", respondeu ela.

Alva suspirou, parecendo triste, dececionado.

"Eu avisei-te", respondeu ele. "A tua pressa, as tuas ações, têm prejudicado outros. A coragem é altruísta, sendo que, porém, às vezes pode ser egoísta, também."

Kyra ficou a pensar naquilo.

"Não atendeste às minhas palavras", continuou Alva. "Abandonaste os teus treinos. Não pensaste em mais ninguém a não ser no teu pai. Se não fosse o Kyle e... ".

Alva parou e desviou o olhar. Kyra, de repente, percebeu.

"A minha mãe", disse ela, com os olhos iluminados. "Era isso que estavas prestes a dizer, não era?"

Ele desviou o olhar.

"Eu vi-a no meu sonho", pressionou, aproximando-se de Alva e agarrando-lhe o braço, desesperada para saber mais. "Eu vi a cara dela. Ela estava a curar-me. Ela ajudou-me a mudar o meu destino."

Kyra rezava para que Alva lhe respondesse. Ela tinha necessidade primordial de saber mais sobre a sua mãe, uma necessidade tão forte como um alimento ou bebida.

"Por favor", acrescentou. "Eu tenho de saber."

"Sim", respondeu ele finalmente, para seu imenso alívio, "ela ajudou."

"Tens de me contar", disse ela. "Conta-me tudo sobre ela."

Alva ficou a olhar para ela durante algum tempo, com os olhos a cintilar, claramente a manter para si o seu grande conhecimento. Parecia estar a ponderar se lhe havia ou não de contar.

"Por favor", implorou Kyra. "Eu quase morri. Eu ganhei o direito de saber. Eu não posso ir até a minha morte sem saber. Quem é ela?"

Finalmente, Alva suspirou. Afastou-se um pouco, afastando a mão dela e, de costas para ela, olhou para as árvores, como se perscrutando mundos diferentes.

"A tua mãe era uma das Antigas", ele finalmente começou, numa voz profunda e retumbante. "Uma das primeiras pessoas a habitar Escalon. Eles são aqueles que se diz terem nascido antes de qualquer outra pessoa, seres que se diz terem vivido durante milhares de anos e que nunca estão destinados a morrer. Eles eram mais fortes do que nós, mais fortes do que os trolls – mais forte até do que os dragões. Eles foram o primeiro povo. O povo original."

Kyra ouvia, hipnotizada.

"Por causa de seu poder, da sua força", Alva continuou, "Escalon nunca foi invadido. Foram eles que o defenderam, que criaram As Chamas, que construíram as torres, que forjaram a Espada de Fogo. Por causa deles, os dragões foram mantidos à distância. O seu poder protegia-nos a todos."

Alva virou-se e olhou para ela de uma forma séria, enquanto Kyra estava ali, fascinada.

"Um poder que te percorre, Kyra", disse ele.

Ela sentiu um arrepio ao ouvir as suas palavras.

"Onde está ela, então?", perguntou Kyra, quase num sussurro. "Ela ainda está viva?"

Alva desviou o olhar e suspirou. Ele caiu num silêncio durante um tempo.

"Um da espécie dela virou-se para o lado errado", disse ele, com tristeza na voz. "Ele usou o seu poder de forma errada. A sua energia ficou sombria, incontrolável. Dele se diz terem descendido os trolls."

Alva virou-se e olhou para ela cujos olhos brilhavam com intensidade.

"Não percebes, Kyra?", pressionou ele. "Os trolls de Marda são descendentes da tua espécie, do sangue que corre nas tuas veias. Não estamos apenas a travar uma guerra de soldados, de homens. Esta é uma guerra de raças, raças antigas, linhagens antigas. E é uma guerra de dragões. É uma guerra que já dura há milhares de anos e que nunca foi realmente interrompida. É uma guerra de forças que nunca poderás entender. E a tua mãe está no centro dela. O que significa que tu também estás."

Kyra franziu a testa, esforçando-se por compreender.

"Tens de treinar, Kyra", ele insistiu. "Não para aprenderes como empunhar uma lança - mas para entenderes essa energia antiga que flui por ti, que controla tudo. Para entenderes quem és."

"A minha mãe está viva?", perguntou ela a medo.

Alva olhou para ela durante um pouco e então, depois, abanou a cabeça.

"Podes vê-la apenas em sonhos, ou não podes vê-la de todo. Tu és muito jovem ainda. Não até que saibas mais sobre ti, sobre a tua fonte de poder. A fonte de poder da tua mãe."

Ela indagava-se.

"Onde é que posso encontrar isso?", perguntou.

Ele olhou para ela durante um pouco e, então, por fim, respondeu:

"O Templo Perdido."

O Templo Perdido. As palavras chocaram-ma, soando nos seus ouvidos como um mantra. Era um lugar misterioso que ela tinha ouvido falar apenas em mitos e lendas. No entanto, assim que ele o mencionou, ressoou dentro dela e ela sabia que ele estava certo.

"Em tempos a capital de Escalon", continuou ele, "a sede do poder durante milhares de anos. Agora é uma antiga ruína, aninhado contra o mar na costa ocidental. É lá que a vais encontrar, Kyra. E lá, e só lá, vais descobrir a arma que precisas. A única arma que pode salvar Escalon."

"Que arma?", perguntou ela, fascinada.

Mas Alva simplesmente desviou o olhar.

Kyra sentiu-se subitamente preocupada.

"O meu pai", perguntou ela. "... está morto?"

Alva abanou a cabeça.

"Ainda não", respondeu ele. "Ele permanece em cativeiro, em Andros. Até a sua execução."

Kyra sentiu um arrepio ao ouvir as suas palavras e ela ficou ali, a pensar.

"Se fores ter com ele", advertiu, "vais morrer. A escolha é tua, Kyra: escolhes a tua família ou o teu destino?"

Kyra olhou para o céu, pensando, sentindo-se tão confusa, tão dividida. O mundo pareceu congelar-se naquele momento.

Quando ela olhou para Alva, para sua surpresa, ele tinha-se ido embora. Ela pestanejou, procurando por todos os lados, não encontrando ninguém.

Ouviu um ruído atrás dela e virou-se, ficando chocada ao ver Kolva ali de pé, tendo surgido da floresta, olhando para ela com intensidade. Era incrível ver a cara dele, tão semelhante à sua; de certa forma, era como

olhar para um espelho. Ele fê-la pensar na sua mãe e na sua ligação com ela, ainda mais. O seu outro tio era a última pessoa que ela esperava ver e, no entanto, ele apareceu como um cara de boas-vindas, especialmente agora, que ela lutava para tomar uma decisão.

"O que é fazes aqui?", perguntou Kyra. "Eu pensei que tinhas ido para a torre."

"Já voltei", respondeu ele. "A torre é apenas uma engrenagem numa grande roda, um campo de batalha numa guerra maior. A guerra está a chegar, Kyra, e eu sou necessário noutro lugar agora."

"Onde?", perguntou ela, surpreendida.

Ele suspirou.

"Um lugar longe daqui", respondeu ele. "Algumas batalhas devem ser perdidas", acrescentou enigmaticamente, "para que outros as ganhem."

Ela perguntou-se sobre o que ele queria dizer.

"Porque é que me deixaste?", pressionou ela.

"Tu estavas em boas mãos com o teu outro tio", respondeu ele. "Precisavas de tempo para treinar."

"E agora que os meus treinos acabaram?", perguntou ela.

Ele abanou a cabeça.

"Os treinos nunca acabam", respondeu ele. "Nem sequer penses que eles acabam. É nessa altura que começas a cair."

Kyra torceu o nariz, pensando.

"Estou perante uma grande decisão", disse ela, ansiosa para seu conselho.

"Eu sei", ele respondeu.

Ela olhou para ele com surpresa.

"Sabes?", perguntou ela.

Ele assentiu.

"Queres salvar o teu pai", respondeu ele.

Kyra olhou para ele.

"Ele é teu irmão, afinal de contas", disse ela. "Porque é que não te apressas a salvá-lo?"

Kolva suspirou.

"Eu fá-lo-ia se pudesse."

"E porque é que não podes?", perguntou ela.

"A minha missão é urgente", ele respondeu. "Eu não consigo estar em dois lugares."

"Mas eu consigo", disse ela.

Ele abanou lentamente a cabeça.

"Não ouviste o que Alva te disse?", perguntou. "A tua missão é urgente, também. A tua mãe, minha irmã, espera por ti."

Kyra sentia-se dividida, sem saber o que fazer.

"Estás então a dizer-me que eu devia abandonar o meu pai?", perguntou ela.

"Estou a dizer-te que tens sorte em estar viva", disse ele. "E se não alcançares, em primeiro lugar, o poder que precisas, então a morte vai encontrar-te. E isso não vai ajudar ninguém."

Ele aproximou-se, colocou a mão no ombro dela e olhou para ela com olhos de aprovação.

"Estou orgulhoso de ti, Kyra", disse ele.

Ela questionou-se.

"Vamos encontrar-nos novamente?", perguntou ela, sentindo-se angustiada com a ideia de o perder, o único parente vivo que ela sentia ter deixado.

"Espero que sim", respondeu ele.

E então, sem outra palavra, ele virou-se e caminhou de volta para a floresta, deixando Kyra sozinha, triste e mais confusa do que antes.

Ficou ali, sem saber quanto tempo tinha passado. Andor finalmente bufou, olhando diretamente para ela. Lentamente, ela sentiu algo novo; que era o seu destino erguendo-se dentro dela. Finalmente abençoada com uma sensação de certeza pela primeira vez, ela chegou a uma decisão.

Ela atravessou a clareira, montada em Andor, ficando lá por um longo tempo, até, finalmente, saber que só havia um lugar a onde ela podia ir.

"Vamos, Andor", disse ela. "Para o Templo Perdido."

CAPÍTULO ONZE

Merk deslizou pela corda abaixo tão depressa que mal podia respirar, voando para baixo pelo lado da Torre de Ur, na direção do exército de trolls que esperava lá em baixo. Ele sabia que aquele mergulho era suicida, mas ele já não se importava. Com a torre cercada, com os seus companheiros sentinelas quase todos os mortos, ele estava a ir para onde tinha de ir - não se acobardando no topo, mas sim lutando corpo-a-corpo, da maneira que ele tinha sempre feito na vida e derrubando alguns deles.

Depressa chegou ao chão e Merk, sem fôlego, aterrou sobre os ombros de dois trolls, com uma pancada seca nas costas e amortecendo a sua queda. Ele bateu no chão pronto, a rebolar e extraindo da sua cintura duas adagas, as mesmas que ele tinha usado toda a sua vida para assassinar, atirando-se para o grupo de trolls.

Ele cortou a garganta de um com o punhal na sua mão direita. Em seguida, chegou-se para trás e esfaqueou outro na cabeça atrás dele, lutando à sua própria maneira. Ele esfaqueou um troll no coração, outro na têmpora e outro no intestino. Ao chegarem-se a ele com suas alabardas enormes, oscilando-as com potência suficiente para lhe cortar a cabeça, ele esquivou-se e ziguezagueou, sendo muito mais leve do que eles, livre de armas e armaduras. Então levantou-se e cortou as suas gargantas. Todos eles tinham uma desvantagem: eles eram guerreiros, mas ele era um assassino. Eles eram poderosos, mas ele era rápido. Nada combinava com a sua agilidade.

A maior vantagem da Merk era o seu uso da distância. Eles precisavam de fazer balançar armas poderosas, mas ele só precisava de se aproximar, a polegadas de distância, para lhes cortar as suas gargantas. Quando ele estava muito perto, eles não conseguiam alcançá-lo com as suas armas e o seu pequeno punhal dava-lhe mais vantagem do que as suas alabardas enormes. Merk esquivou-se e ziguezagueou pela multidão como um peixe, fazendo cair trolls em todos os lados, sabendo que era imprudente, sabendo que o seu flanco estava desprotegido e sabendo que podia morrer a qualquer momento. No entanto, ele sentia-se livre para atacar, não temendo mais a morte.

Logo, porém, o exército de trolls atordoado alcançou-o. Cercaram-no e aproximaram-se. Merk, de repente, sentiu um tremendo golpe nas suas costas; ao cair de lado, apercebeu-se que havia sido atingido por um martelo

de guerra. Ele rebolou pelo chão, segurando o ombro, deixando cair uma das suas adagas. Olhou para cima e viu um enorme troll hediondo, o que o havia atingido, a levantar alto o martelo de guerra, prestes a esmagá-lo no seu rosto.

Merk rebolou para se desviar quando o martelo desceu, que não lhe acertou por pouco e deixou uma cratera na terra ao lado da sua cabeça. O troll rugiu, elevando-o de novo e Merk deu-lhe um pontapé por atrás no joelho, fazendo-o cair no chão; ele, então, colocou-se rapidamente de pé e levantou a adaga que lhe restava, fazendo-a mergulhar na parte de trás do seu pescoço. O troll caiu de cara, morto.

Porém, o movimento deixou Merk exposto e a sua cabeça badalou quando um enorme escudo lhe esmagou a cabeça, derrubando-o no chão. Ele rebolou pelo chão, vendo estrelas, com a sua cabeça a latejar. Seguidamente, olhou para cima e viu uma outra alabarda a aproximar-se da sua cabeça.

Merk rebolou novamente desviando-se, exatamente antes de a alabarda lhe acertar. Depois levantou-se rapidamente, cortando aquele troll na garganta, matando-o também.

Merk girava em todas as direções, respirando com dificuldade, sem vontade de desistir perante a aproximação dos trolls. No entanto, centenas de outros chegaram naquele momento e ele sabia que esta era uma batalha que ele não podia ganhar. Ele foi recuando até ficar contra a parede da torre, sem nenhum lado para onde fugir.

De repente, houve uma agitação e Merk ficou confuso quando os trolls se afastaram dele e olharam para cima para as paredes da torre. Ele virou-se e olhou para cima também, ficando chocado com o que viu: as paredes da torre, que ele sempre tinha assumido como sendo de pedra sólida, de repente, abriu-se, aparecendo nelas aberturas secretas, em cada andar. Delas surgiram os brilhantes intensos olhos amarelos dos Sentinelas antigos, com os seus rostos pálidos a olhar para os trolls.

Eles saíram lentamente, com longos dedos ossudos e, ao fazerem-no, Merk viu algo brilhante e amarelo nas palmas das suas mãos. Parecia serem esferas de luz.

Os Sentinelas viraram as palmas das mãos para baixo e Merk assistiu espantado às esferas de luz a serem lançadas para baixo na direção dos trolls, deixando riscos no céu. Elas batiam no chão e, momentos depois, soavam explosões.

À volta de Merk, os trolls eram mortos às dúzias, desfeitos em pedaços, caindo nas crateras feitas na terra por estas esferas de luz. Os Sentinelas lançavam para baixo as esferas umas após as outras e, em pouco tempo, centenas de trolls estavam mortos.

Vesúvio emergiu da multidão. Elevou o seu enorme escudo dourado e, ao fazê-lo, desviou as esferas de luz, ficando ileso, com o escudo claramente forjado de algum material mágico. Ao mesmo tempo, Vesúvio recuou, pegou numa lança que parece ser trabalhada de ouro e arremessou-a para um dos Sentinelas.

Ouviu-se um grito terrível, um som como se a própria estrutura do universo se estivesse a despedaçar. Merk sofreu ao ver um Sentinela, com uma lança enfiada no seu coração, começar a atrofiar e a derreter diante dele. Ele caiu de lado sobre a janela, sem vida.

A elite dos trolls do Vesúvio avançou, todos a segurar os escudos e lanças de ouro e, um de cada vez, a defenderem-se das esferas e a atirarem as suas lanças douradas. Um de cada vez, os antigos, preciosos Sentinelas caiam.

Em pouco tempo, deixaram de lançar para baixo as esferas de luz, deixando a torre realmente indefesa. Pior, ouviu-se um grande ruído na floresta e Merk ficou horrorizado ao ver mais centenas de outros trolls a aparecerem.

Merk sentiu uma dor terrível no seu rim inferior e, ao cair de joelhos, percebeu que tinha sido golpeado nas costas. Ofegante, ele olhou para cima e viu um troll dando balanço a um taco na direção da sua cabeça. Ele tentou esquivar-se, mas a dor era tão severa que ele moveu-se muito lentamente; antes de se conseguir desviar, ele foi novamente atingido na parte de trás da cabeça e caiu de cara no chão.

Merk ficou ali, imóvel, com uma dor latejante nos seus rins e cabeça, incapaz de respirar, muito menos de se mexer. O troll aproximou-se com o taco e, com um sorriso cruel no rosto, ergueu-o.

"Diz boa noite, humano."

Merk viu sua vida passar diante dos seus olhos; ele sabia que o troll ia esmagá-lo, que ele ia morrer ali, naquele lugar, na lama, morto por esta nação de trolls. Na sua mente passaram imagens da vida que levara, das pessoas que ele havia matado, das escolhas que ele tinha feito. De alguma forma, ele sentia que merecia isto. No entanto, ele também estava a meio de tentar mudar, para se tornar uma pessoa melhor e ele sentia que estava

quase lá. Ele só precisava de um pouco mais de tempo. Ele não estava pronto para morrer ainda. Porque que é que a sua vida tinha que acabar precisamente agora? E porquê aqui, na lama, nas mãos destas bestas grotescas, enquanto defendia o único lugar com que ele se tinha alguma vez preocupado, enquanto fazia o bem pela primeira vez na sua vida?

Merk preparou-se para o golpe, mas para sua surpresa, este não aconteceu. Ele olhou para cima e ouviu um suspiro. Ficou perplexo ao ver uma lança safira saliente no peito do troll. O troll ficou ali, congelado, tendo, de seguida, caído no chão ao lado dele, morto.

Merk olhou para cima, indagando e confuso com o que viu. Um rapaz solitário atravessou a multidão, empunhando a lança de safira, cortando e fazendo cair trolls em todas as direções. Ele era uma mancha vertiginosa de luz e Merk precisou de um minuto para se concentrar nele. Ele viu o longo cabelo dourado e percebeu que era Kyle. Ele havia voltado por ele.

Kyle atravessou o exército de trolls como um turbilhão, matando três antes de o conseguirem enfrentar. Nenhum conseguia sequer aproximar-se.

No entanto, a floresta continuou a abrir-se, com mais centenas de trolls a derramar e, em pouco tempo, parecia que eram muitos, mesmo para Kyle, que, respirando com dificuldade, coberto de sangue, começou a desacelerar. Merk observava quando fizeram no braço de Kyle um corte com uma alabarda. Ele sabia que o seu tempo se estava a esgotar. Viu, horrorizado, Kyle a receber outro golpe, com um machado nas suas costas. Merk gritou quando Kyle tropeçou e caiu, parecendo morto.

Mas, em seguida, ainda mais incrível, a ferida cicatrizou-se perante os olhos de Merk. Kyle levantou-se novamente e enfrentou o troll que o tinha atacado e, em vez disso, matou a besta.

Com mais centenas de trolls a infiltrarem-se, Kyle de repente virou-se para Merk. Logo a seguir, ele sentiu as mãos fortes e ossudas de Kyle agarrando-o, levantando-o pelo ar e, em seguida, por cima do ombro. Com demasiadas dores para se conseguir mover, Merk apercebeu-se que se Kyle não o tivesse vindo salvar, ele certamente teria morrido aqui.

Pouco depois, eles estavam a correr através do exército de trolls, com Kyle a escapar e a esquivar-se, movendo-se tão rápido que todos os machados passavam a zumbir por eles. Kyle parecia correr mais rápido até do que a velocidade da luz, como se estivesse a correr no ar. Merk mal podia respirar ao sentir o mundo a passar-lhe depressa ao lado. Em breve,

eles ganharam distância sobre os trolls e estavam na floresta profunda, em direção ao sul, com a torre a desaparecer rapidamente na distância.

"A torre", murmurou Merk, "não podemos deixá-la."

"Já está acabada", respondeu Kyle.

"Então ... para onde estamos a ir?", esforçou-se Merk para perguntar, com os seus olhos a fecharem-se enquanto corriam.

"Para longe, muito longe daqui."

CAPÍTULO DOZE

Vesúvio liderava o ataque e os seus trolls partiam o aríete uma e outra vez nas portas douradas da Torre de Ur, com cada colisão a fazer o chão tremer. O espesso aríete de ferro dobrava a porta cada vez mais um pouco. Eles estavam a aproximar-se a cada pancada. Vesúvio estava tão perto agora do seu sonho, de obter o espada, diminuindo o Muro de Chamas, derrubando a única barreira que existia entre Marda e Escalon. Ele poderia saboreá-lo. Estava tudo apenas atrás daquelas portas. Com todos os humanos mortos e com os dois últimos a fugir para longe, nada o impedia agora.

Ainda assim a porta não cedia.

Vesúvio, num acesso de raiva, aproximou-se, deu balanço à sua alabarda, decepando as cabeças de dois dos trolls que empurravam o aríete. Os outros trolls olharam para ele aterrorizados.

"MAIS RÁPIDO!", ordenou.

Dois trolls aproximaram-se para tomar o seu lugar e todos os trolls correram ainda com mais velocidade, entregando-se de corpo inteiro e abalroando uma e outra vez, desta vez com mais força. Vesúvio ficou atrás deles e ajudou, empurrando com os ombros, com as pernas enterradas na lama, esforçando-se com tudo o que tinha.

"PARA A FRENTE!", gritou.

Finalmente, depois de um forte empurrão, as portas antigas tremeram e curvaram, abrindo-se finalmente, balançando descontroladamente fora das dobradiças. Ouviu-se uma tremenda explosão, soando como metal a ser lacerado em pedaços.

Um grito elevou-se entre os trolls enquanto Vesúvio avançava sobre a Torre de Ur, liderando o caminho. Ele mal podia acreditar. Ali estava ele, avançando para o mesmo lugar onde sempre tinha tido a esperança de entrar, o mesmo lugar que a lenda dizia que nunca poderia ser arrombado. Ele tinha destruído as portas que a lenda dizia jamais poderem ser destruídas.

Vesúvio entrou apressadamente na fria e sombria torre. As suas botas rangiam nos seus pisos de ouro e as suas centenas de trolls regozijavam-se atrás dele, todos eles a correr juntos até à imensa escadaria em espiral. Quando olhou para cima, Vesúvio viu uns poucos soldados humanos que

restavam apressarem-se pela escada em espiral abaixo, diretos para ele. Ele rosnou, levantou a alabarda e matou-os, dois de cada vez, atirando-os a voar sobre o gradeamento e lançando-os lá para baixo.

Alguns dos seres humanos começaram a lutar, conseguindo até matar vários dos seus trolls; porém, mais trolls apareciam atrás dele, invadindo o lugar, esmagando os soldados que eram mortos rapidamente.

Vesúvio subiu as escadas correndo, três a três, liderando os seus homens. O barulho das suas botas enchia a torre como um trovão. Centenas de trolls subiram os degraus que não tinham sido feitos para serem subidos. Vesúvio quase tremia de emoção, percebendo o quão perto ele estava, quão depressa a Espada de Fogo estaria nas suas mãos.

Ele subiu patamar após patamar da torre misteriosa. Olhou para suas esculturas misteriosas, pisos e paredes antigas, feitas de um material exótico, com cada andar tão diferente do anterior. Ele tomou nota para si mesmo que, depois de terminar de roubar a Espada e quaisquer outros objetos de valor, reduziria este lugar a cinzas. Ele odiava a beleza. Ele não deixaria nada aqui para além de uma pilha de pedras - e até isso ia queimar.

Vesúvio ouviu um barulho, olhou para cima e viu mais soldados a surgir de salas escondidas na torre e que corriam para ele. Ele esquivou-se quando um dos soldados deu balanço na direção da cabeça dele e esmagou-o com o seu escudo, atirando-o por cima do trilho. Ele esfaqueou outro no intestino com a ponta da sua alabarda e, de seguida, virou-se e cortou a cabeça do outro, fazendo-o cair pela escada abaixo.

Ele continuou a subir, andar após andar, liderando os seus trolls, até que finalmente chegou ao fim e avançou pelo telhado. Lá, finalmente, sob céu aberto, ficou encantado ao ver dezenas de seres humanos mortos, todos assassinados pelas suas lanças, flechas e catapultas. Alguns estavam feridos, a gemer. Vesúvio foi até cada um, esfaqueando-os lentamente, deleitando-se com as suas mortes cruéis.

Do outro lado do telhado, porém, restava cerca de uma dúzia de soldados humanos, sangrentos, feridos, mas ainda a aproximarem-se para lutar. Estes homens simplesmente não desistiam. Eles correram para Vesúvio e ele correu para a frente, saboreando a batalha por vir.

Vesúvio cortou um no peito, dando balanço à sua alabarda antes que o homem pudesse alcançá-lo; em seguida, esquivou-se do corte frouxo da espada de outro soldado, girou e esfaqueou-o nas costas. Ergueu a alabarda

e virou-a de lado, bloqueando um golpe da espada que vinha direito a ele. Depois pontapeou o soldado no peito, ergueu a alabarda e cortou-o ao meio.

À sua volta os seus trolls avançaram a correr atacando à esquerda e à direita os humanos restantes. O último vivo entrou em pânico, desesperado, virou-se e correu para as ameias. Vesúvio não queria deixá-lo escapar tão facilmente. Ele fez mira e atirou a sua lança que se alojou nas costas do homem. Vesúvio sorriu ao dar um passo para a frente lentamente, agarrou o homem por trás e arremessou-o sobre a borda. Ele observou com grande alegria ao vê-lo cair a gritar, até morrer lá em baixo.

Os trolls do Vesúvio aplaudiram. A torre era finalmente deles.

Vesúvio ficou ali, sentindo uma onda de vitória. Nunca nos seus sonhos tinha imaginado que estaria aqui, no topo da torre, inteiramente no seu poder, a construção mais preciosa dos humanos. Ele sentia-se como se nada pudesse detê-lo. Como se o mundo fosse seu.

Lembrando-se da Espada, Vesúvio virou-se e correu escadas baixo até chegar ao último andar da torre, o piso que, dizia a lenda, tinha a mítica Espada. Ele colocou o ombro numa porta de carvalho, deitando-a abaixo e, em seguida, avançou pela câmara até chegar a uma outra porta. Ficou perplexo ao encontrar na sua entrada um humano morto, um corpo frio, morto há muito tempo. Ficou intrigado. Alguém já ali tinha estado, tinha matado aquele humano. Mas quem? Porquê?

Vesúvio aproximou-se no silêncio, com os gritos dos trolls silenciados por detrás das grossas paredes de pedra. Abriu a porta, com o coração a bater em antecipação. Entrou na câmara solene, tenuamente iluminada por tochas e, quando olhou para cima, viu um antigo suporte de aço, com almofadas de veludo por baixo, como se destinado a segurar a espada. Vesúvio percebeu imediatamente que a tinha encontrado.

Ele deu um passo para a frente, com o coração a bater, na expetativa de ver a Espada, para, finalmente, depois de todo este tempo, a segurar nas suas mãos.

Lá, sob o suporte de aço, estava uma tocha flamejante, como se para significar que esta era a casa da Espada de Fogo. No entanto, ao olhar lentamente para cima, ficou consternado. Sentiu uma onda de devastação, de desespero. Era como se o mundo inteiro o tivesse enganado.

Estava vazio.

Num acesso de raiva, Vesúvio chegou-se à frente, deu balanço à sua alabarda, esmagando o suporte, destruindo-o sem parar. Agarrou no que

restava, levantou-o acima da cabeça e atirou-o contra as paredes, partindo-o repetidamente. Por fim, inclinou-se para trás e gritou. O som sacudiu a própria estrutura da torre.

Ele apercebeu-se que a sua viagem através de Escalon ainda nem sequer tinha começado. Haveria muito mais mortes pela sua frente.

CAPÍTULO TREZE

Anvin lentamente abriu um olho e conseguiu espreitar, apenas o suficiente para ver um mundo de poeira e morte. O seu olho bom estava coberto de poeira e sujidade. Ele abriu um pouco o olho, o mundo a parecer apenas uma lasca. Ali, com a cara assente nas rochas do deserto, ele tentou desesperadamente lembrar-se onde estava, o que tinha acontecido. Os seus membros doíam-lhe mais do que ele pensava ser possível e o seu corpo pesava um milhão de toneladas. Sentia-se mais morto do que vivo.

Anvin ouviu um estrondo distante e ao olhar para o horizonte pôde ver o fraco esboço de um exército, reluzente, amarelo e azul, a marchar para longe. Eles levantavam uma nuvem de poeira ao marcharem para norte, para longe dele.

Lentamente, ele começou a lembrar-se. A invasão. Os Pandesianos. O Portão do Sul. Duncan nunca tinha chegado. Ele e os seus homens haviam perdido. Eles não os tinham conseguido deter.

Anvin estava ali estendido, sentindo contusões por todo o corpo, equimoses na cabeça, contundentes cortes e feridas. Ele sentiu a mão e latejar fortemente. Olhou para baixo e viu que não tinha o seu dedo mindinho e que o sangue tinha secado. Era agora apenas um cepo. As memórias voltaram depressa. A batalha. As hordas do mundo a descer sobre ele de uma vez só.

Anvin perguntou-se como é que podia estar vivo. Ele tentou olhar à volta, ainda incapaz de mover o pescoço. Viu o rosto morto de Durge, ali estendido apenas a alguns pés de distância, com os olhos bem abertos, olhando de volta. O seu olhar severo assombrava-o, como se até mesmo em morte Durge estivesse a dizer *eu avisei-te*.

Anvin mexeu-se apenas o suficiente para olhar mais longe e ver os corpos de todos os seus companheiros soldados, todos os homens que o tinham seguido, que tinham acreditado nele, que tinham lutado por Duncan, que tinham lutado por Durge, todos ali, mortos . Ele, aparentemente, era o único sobrevivente.

Em flashes, Anvin lembrava-se da última gloriosa defesa deles. Nenhum dos seus homens havia recuado das hordas do mundo. Anvin lembrava-se de ter matado uma dúzia de Pandesianos quando estes o alcançaram. Tinha sido uma defesa gloriosa diante da morte certa. Uma em que ele estava

destinado a morrer, em que todos eles estavam destinados a morrer e todos eles tinham morrido. Exceto ele. De alguma forma, o destino tinha sido cruel, deixando-o vivo, a ele e só a ele.

Anvin esforçava-se para se recordar, para se lembrar de como ele havia sobrevivido. Lembrava-se de ser esmagado na cabeça com um martelo, caindo no chão; depois, lembrava-se de cavalos a pisarem-no. Ele mexeu-se e sentiu as equimoses nas costas, por onde os cavalos e, depois, os soldados, tinham passado, todos pensando que estava morto. De alguma forma ele tinha sido esquecido na carnificina e o exército tinha marchado sobre ele. Eles tinham assumido que ele estava morto. E da forma como ele se estava a sentir agora, eles não estavam totalmente errados. Um milhão de equimoses e hematomas. Ao tentar mover-se, ele apercebeu-se de que a dor era muito intensa.

Porque é que ele tinha sobrevivido para testemunhar isso? Anvin indagava-se. Porque não podia ele ter morrido numa gloriosa defesa final, como ele pretendia? Qual era o sentido de viver agora? Escalon estava ocupado. Certamente todos aqueles que ele conhecia e amava estavam mortos. Duncan, também, devia estar morto; caso contrário, ele teria chegado para ajudá-lo.

Anvin usou todas as suas forças para mover um pouco os braços e, depois, lentamente, para se levantar um pouco. Ele esticou-se, agarrou rocha e terra e, cerrando o punho, com as mãos a tremer, esforçou-se para subir. Em seguida, esticou o outro braço, em pura agonia, com metade do seu corpo incapaz de se mover. Ele nunca tinha experimentado uma dor como esta, nunca tinha sido espancado e pisado por milhares de homens. Mal capaz de respirar, rebolou para o lado, apoiou uma palma da mão e levantou-se, apenas o suficiente

Lentamente, foi capaz de levantar o pescoço um pouco mais, com a respiração presa na garganta. O seu outro olho ainda estava fechado, mas de alguma forma, ele conseguiu pôr-se de joelhos, cambaleando, quase a cair.

Depois de minutos ali, respirando com dificuldade, ele obrigou-se a tentar novamente. Não podia simplesmente morrer ali. Ele tinha de continuar em frente.

Sê forte.

Anvin olhou para o corpo morto de Durge e viu sua espada caída na poeira, a poucos passos de distância. Anvin aproximou-se, sabendo que era o único caminho.

Com um esforço supremo, ele conseguiu agarrar a espada do seu amigo. Agarrando o punho, ele enfiou-o na terra e usou-o para se apoiar ao levantar-se. Ele pensou ser apropriado usar a espada de Durge.

Com os braços a tremer Anvin chegou aos seus pés. Ele ficou lá, instável, tentando equilibrar-se. Respirou por um longo tempo, não se sentindo em condições de continuar. Estava tonto, desejando poder agarrar-se a algo. Olhou a pestanejar para o sol enquanto olhava ao redor com o seu olho bom. Ele desejou não o ter feito. Ele estava cercado pela morte, pela desolação, apercebendo-se que estava completamente sozinho naquele deserto baldio. No entanto, pelo menos ele estava vivo. Ele devia estar grato por isso.

Anvin virou-se e olhou para o horizonte, para o desaparecido exército Pandesiano que invadia Escalon. Sentiu-se cheio de determinação. Ele não podia deixá-los entrar neste país. Não depois de tudo o que ele tinha defendido.

De alguma forma, ele reuniu a energia para colocar um pé à frente do outro e deu o primeiro passo.

Em seguida, outro.

E outro.

Anvin sentia como se estivesse a andar debaixo de água, a suar, sentindo-se como se fosse desabar a qualquer momento. Obrigou-se a pensar em Duncan, em todos aqueles lá atrás que ele conhecia e amava, obrigando-se a ir em frente.

Seria uma jornada interminável, ele sabia, um deserto diante dele e, para além disso, o exército Pandesiano. Mesmo se ele conseguisse, mesmo se ele os alcançasse, ele certamente seria morto.

No entanto, ele não tinha escolha a não ser seguir em frente.

Era assim que ele era.

E era para isso que ele vivia.

Toda a sua vida tinha sido uma forja, uma forja de valentia. E ele era o homem, o soldado, que os seus amigos, os seus comandantes e, acima de tudo, ele mesmo, tinha moldado. Cada escolha tinha-o forjado, tinha feito dele a pessoa que ele era, havia moldado o seu caráter. E cada escolha importava tanto quanto a próxima.

Era uma escolha para ir em frente. Ou uma escolha para recuar, para morrer ali, para falhar.

Anvin agarrou a sua espada, cerrou os dentes e deu um passo em frente, um pé de cada vez. Ele havia feito a sua escolha. Ele ia sobreviver, independentemente do que a vida lhe tinha preparado. Ele era mais forte do que as dificuldades. Mais forte do que o sofrimento.

E ele não ia parar até os matar a todos.

CAPÍTULO CATORZE

Dierdre gritou ao cair, num voo picado em direção à escuridão, algures sob as ruas de Ur. Ela segurou com força a mão de Marco enquanto ambos desciam, esperando que a queda a matasse. Ela não podia pensar numa maneira mais horrível de morrer.

Por fim, ela caiu com um chapão numa piscina de água, até a cintura, imersa em água gelada. Marco caiu também com um chapão ao lado dela. Dierdre, respirando com dificuldade, limpou a água dos olhos, arfando, maravilhada por estar viva. Com o coração a bater, ela olhou em volta e viu que eles tinham, pelo menos, resguardado-se no subterrâneo, tinham-se poupado de uma morte certa lá em cima. No entanto, onde é que estavam?

Ela olhou ao redor na penumbra, tentando orientar-se, enquanto Marco a agarrava pelo braço e ajudou-a a levantar-se. Estes túneis estavam iluminados apenas por pequenos raios de sol vindos de algum ponto acima, permitindo apenas a Dierdre luz suficiente para ver água a pingar pelas paredes de pedra em decomposição, com as piscinas de água por baixo dela. Marco começou a andar e ela a andar com ele, ainda sofrendo com a queda e do choque por ter estado tão perto de morrer lá em cima.

Dierdre ouviu, lá no alto, o trovão dos Pandesianos a assaltar a cidade, espalhando-se por toda a Ur, matando todos os do seu povo. Ela conseguia ouvir, até mesmo de lá de baixo, os gritos abafados, os gritos dos seus compatriotas a serem mortos, levantando-se com o eco de tiros de canhão, de edifícios em colapso. Ela sentia-se como se o mundo tivesse chegado ao fim.

Ela ficou aterrorizada ao ouvir lá em cima o som de alabardas a bater no metal; claramente os Pandesianos estavam a tentar partir a escotilha e persegui-los aqui em baixo.

"Temos de continuar a avançar!", Marco incitou, puxando-a junto com ele.

Dierdre deixou que ele a guiasse e eles apressaram-se pelos túneis, com a água a salpicar sob os seus pés. Ela fechou os olhos enquanto continuava, vendo flashes do cadáver do seu pai lá na praia e tentando afastar esse pensamento. Era quase demais para continuar.

Marco, conhecendo bem aqueles túneis, em breve a levou até uma passagem. Eles viraram para outro túnel, ecoando enquanto corriam e, em

seguida, para outro, até que finalmente Marco levou-os a um pequeno conjunto de escadas de pedra, que iam para cima. Subiram e Dierdre deu por si noutro túnel, este com um piso seco, mais perto da superfície, um pouco mais brilhante aqui.

De repente, Marco puxou Dierdre para um canto e colocou a sua mão sobre os lábios dela para a silenciar. Ela ficou ao lado dele, quase sem respirar e, quando Marco apontou para um raio de sol no alto, ela olhou para cima. Dierdre viu, através das ripas de ferro, soldados Pandesianos apressando-se para a frente e para trás; ela viu pessoas a serem esfaqueadas, caindo em todos os lugares, enquanto outros tentavam fugir. Ela olhou quando Marco apontou e, do outro lado do túnel, viu uma escada que subia.

Dierdre sentiu uma onda de indignação.

"Temos de salvá-los!", Dierdre insistiu. "Não podemos deixá-los morrer!"

O rosto de Marco estava sombrio.

"Ir até lá significaria a nossa morte", respondeu ele.

Ela franziu a testa.

"Melhor morrer a ajudar essas pessoas do que ficar aqui e morrer como cobardes", ela retorquiu.

Sem pensar, Dierdre correu para a escada e subiu dois degraus de cada vez até chegar ao topo, determinada a salvá-los. Ela imediatamente ouviu Marco atrás dela, subindo a escada também e quando chegou ao último degrau, incapaz de puxar o ferro pesado, ela esperava que ele a tentasse impedir, que a puxasse de volta para baixo.

Mas para sua surpresa, Marco aproximou-se e desbloqueou-a. Ele ficou ali perto dela e olhou para ela com um olhar de amor e admiração. E então, para sua surpresa, ele inclinou-se e beijou-a.

E, para sua ainda maior surpresa, ela inclinou-se e beijou-o também. Era o beijo de duas pessoas que sabiam que estavam prestes a morrer e que não tinham nada a perder.

Marco empurrou a escotilha suavemente, apenas o suficiente para ver uma onda de soldados Pandesianos a passar apressadamente. Eles corriam pelo meio da poeira e dos escombros, pelas ruas, perseguindo vítimas. Dierdre viu uma enorme construção arqueada a derrocar, formando uma montanha de escombros que bloqueava o caminho e, ela ficou feliz ao ver, matando vários Pandesianos no processo.

Ela avistou vários cidadãos agachados atrás da parede de escombros – homens velhos, mulheres, crianças – escondendo-se durante algum tempo dos Pandesianos que prosseguiam. Mas ela já conseguia ouvir os Pandesianos a escalar a parede.

"Agora!", gritou Dierdre.

Ela e Marco abriram toda a escotilha e Dierdre saltou para o solo, para as ruas, com Marco ao seu lado. Sentia-se vulnerável ali em cima, apesar de livre, impulsionada por um objetivo.

Ao alcançá-los, as pessoas que estavam escondidas olharam para ela assustadas; Dierdre, sem perder tempo, pegou na primeira que viu, uma criança, talvez dez, que olharam para ela com medo.

"Venham por aqui!", disse ela. "Rapidamente!"

Todas as pessoas, vendo uma oportunidade de ficarem em segurança, seguiram-nos, a ela e Marco, correndo para a escotilha aberta. Ela e Marco guiaram-nos a descer a escada, para baixo do solo, para dentro dos túneis.

Dierdre olhou para cima e viu os Pandesianos começarem a surgir no topo do monte de escombros, mas ela não desceu. Ela ficou ali, recusando-se a descer até que todas as pessoas ficassem em segurança lá em baixo.

"Vai para baixo!", gritou Marco para Dierdre, sobre o som de uma bala de canhão que atacava outro prédio. Ele virou-se e segurou uma lança na mão, de frente para os Pandesianos, montando guarda, também, enquanto mais pessoas desciam. "É muito perigoso estares aqui em cima!"

Ela abanou a cabeça.

"Não até que eles todos desçam", ela insistiu.

Restavam cerca de uma dúzia de pessoas - uma mulher velha, um homem coxo e várias crianças. Dierdre manteve-se lá com bravura, não se mexendo até os direcionar todos para baixo, um de cada vez, enquanto os Pandesianos, sobre o monte de escombros, estavam a aproximar-se.

"Depressa!", Dierdre gritou para os últimos, agarrando com força uma lança.

Ela logo percebeu que não ia conseguir descer a tempo. Levantou a lança, tal como fez Marco ao lado dela. Eles voltaram-se para enfrentar os soldados assim que as últimas pessoas desceram.

Três soldados dirigiram-se a eles de uma vez e Dierdre baixou-se quando um se lançou para ela; então, ela virou-se e cortou a sua garganta. Marco não esperou, correndo para a frente e esfaqueando um no coração. E quando o terceira se lançou para as costas de Marco, Dierdre correu na sua direção

com um grito e enfiou-lhe a lança nas costas. O soldado girou e Marco esfaqueou-o na garganta, derrubando-o.

Dierdre ouviu um clamor, olhou para cima e viu dezenas de outros soldados a surgirem no topo do monte.

"Vamos!", pediu Marco.

Eles desceram, correndo escada abaixo enquanto os Pandesianos avançavam. Marco aproximou-se e num segundo fechou com força a escotilha e trancou-a. Seguidamente, ouviu-se o barulho das botas sobre a grade de ferro, enquanto os Pandesianos tentavam desesperadamente entrar.

Mas não havia nenhuma maneira, mesmo para eles. O ferro tinha um pé de espessura e as suas espadas não conseguiam penetrar.

Ao pé da escada, em segurança lá em baixo, respirando com dificuldade, Dierdre olhou para o grupo de cidadãos e, em seguida, para Marco. Ele olhou para ela, tão descrente quanto ela.

De alguma forma, eles tinham conseguido.

*

Dierdre e Marco permaneceram com as dezenas de pessoas num espaço cavernoso abaixo do solo, todos eles finalmente em segurança. Eles tinham frio, estavam cansado, a tremer e algumas das crianças estavam a chorar. Dierdre perguntava-se quanto tempo eles podiam sobreviver lá em baixo. Mas, pelo menos, disse ela a si mesma, ela tinha-os salvo de uma iminente morte violenta, tinha-lhes dado mais tempo, uma segunda oportunidade na vida, independentemente de quão longa ela fosse. Ela sentia-se bem com isso. Isto ajudou-a a tirar da sua cabeça o seu pai e toda a devastação ao seu redor.

Dierdre andava de um lado para o outro há já algumas horas, querendo saber o que fazer a seguir enquanto ouvia toda a cidade a ser destruída em cima dela. Eles não podiam ficar ali para sempre, ela sabia disso. A morte estava a chegar para todos eles.

Quanto mais ela andava de um lado para o outro, mais uma vontade ardente começou a crescer dentro dela. Ela pensou no seu pai morto lá em cima, dos sacrifícios que ele tinha feito e ela sabia que tinha que seguir os seus passos. Era a única maneira de honrar o seu legado. Os seus pensamentos voltaram-se para Alec e ela lembrou-se do trabalho que ele

tinha feito, forjando aquelas correntes, os espigões e, lentamente, uma ideia ocorreu-lhe.

Ao ouvir que o fogo de canhão estava a ficar menos intenso, Dierdre virou-se para Marco, que estava ali, abatido, cabeça entre as mãos.

"Eles terminaram o primeiro ataque", comentou ela. "Isso significa que os seus navios vão entrar nos canais em breve."

Ele olhou para ela, perguntando-se.

"Não vamos facilitar-lhes a vida", acrescentou.

Ele olhou para ela e, lentamente, um reconhecimento despontou no seu rosto.

"As correntes?", perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

"Estão nos canais?", perguntou ela, querendo saber se o trabalho deles tinha sido concluído antes da invasão.

Marco assentiu com uma expressão de seriedade mortal.

"Junto ao porto", respondeu ele. "Mas não estão fixas. Não tivemos tempo antes da invasão."

Dierdre acenou com a cabeça, sentindo-se determinada.

"Então, não vamos esperar nem mais um minuto", disse ela, finalmente parando de andar de um lado para o outro, sentindo-se determinada.

Marco ficou, também, com um novo olhar de determinação nos seus olhos.

"Vocês são loucos", disse um homem velho, ao ouvir por acaso, de pé e chegando-se ao lado deles, com uma voz de preocupação. "Vocês vão-se matar!"

"Os Pandesianos já estão aqui", disse outro. "Nada pode detê-los. Para quê destruir alguns navios?"

"Se nós bloquearmos os canais", respondeu Dierdre: "vão morrer centenas de soldados. Vai entupir os canais. "

"E então?", perguntou outro. "Isso parará os milhões por trás deles?"

"A cidade já está destruída", acrescentou outro. "Porquê que é que nos havemos de dar ao trabalho?"

"Porquê?", ecoou Dierdre, indignada. "Porque isso é o que fazemos. É quem nós somos. É o que meu pai teria feito."

"Qual é a alternativa?", acrescentou Marco. "Ficar aqui e esperar pelas nossas mortes?"

"Pelo menos aqui estás em segurança", acrescentou outro.

"Eu não quero estar em segurança", Dierdre respondeu. "Eu quero defender a nossa cidade."

Algumas pessoas abanavam a cabeça, enquanto outras desviavam o olhar, com um olhar de medo e de cobardia.

"Nós não vamos arriscar as nossas vidas lá em cima", disse, por fim, um homem com um braço atrofiado.

"Eu não vos peço que o façam", respondeu Dierdre, fria e dura, sem esperar nada de ninguém. Ela já tinha passado esse ponto. "Eu vou fazer isto sozinha."

Dierdre começou a caminhar em direção a uma das escadas, quando sentiu uma mão no seu braço. Ela virou-se e viu os olhos castanhos e sérios de Marco a olhar para ela.

"Eu vou contigo", disse ele.

Dierdre ficou sensibilizada.

Antes dela subir, virou-se e olhou para a multidão de caras com medo e encolhidas, olhando para cada uma. Eles pareciam apavorados e ela compreendeu.

"Mais alguém?", perguntou ela, querendo dar-lhes uma última oportunidade de se juntarem a ela.

Mas todos eles desviaram o olhar com medo e vergonha.

"Estarás a escalar para a tua morte lá em cima", gritou uma mulher.

Dierdre assentiu.

"Não duvido", respondeu ela.

Dierdre voltou-se e começou a subir a escada, um degrau de cada vez, com Marco atrás dela. Era uma longa subida na escuridão, com as mãos a tremer de medo. No entanto, ela esforçou-se por suprimir os seus medos e por superá-los.

Quando finalmente chegaram ao topo, pararam e olharam um para o outro. Marco levantou uma sobrancelha, como se perguntando se ela tinha a certeza que queria fazer isso. Ela assentiu com a cabeça em silêncio e eles entenderam-se um ao outro.

Eles aproximaram-se e, juntos, puxaram os parafusos. Deram um grande empurrão à pesada placa de ferro e, um momento depois, foram inundados com a luz solar.

Ur.

O destino esperava por eles.

CAPÍTULO QUINZE

Kyra atravessou o campo de Escalon, com Andor a trovejar por baixo dela e Leo nos seus calcanhares, os três atravessando a floresta, partindo ramos, fazendo sussurrar as folhas, saindo e entrando nos trilhos da floresta, há horas. Desde que saíra de ao pé de Alva, Kyra sentia-se determinada, com propósito, enquanto se dirigia para a casa original da sua mãe, a fonte do seu poder, o lugar onde tudo devia ser revelado.

O Templo Perdido.

A sua mente não parou ao imaginá-lo, com cada passo a aumentar o seu sentido de antecipação. Era lá, Alva tinha prometido, que Kyra iria encontrar as pistas que precisava para levá-la até à sua mãe e para encontrar a sua própria fonte de energia. O coração de Kyra acelerou na expectativa. Toda a sua vida, ela tinha querido saber sobre a sua mãe; ela não tinha querido nada mais do que conhecê-la, ouvir a sua voz, abraçá-la, ver se ela era como ela. Ela queria desesperadamente saber se a sua mãe estava orgulhosa dela, queria ouvi-lo nas próprias palavras da sua mãe. Isso faria com que tudo tivesse valido a pena, todos esses anos em que não a tinha conhecido, em que não tinha crescido com ela.

Ainda mais, Kyra desejava saber de onde tinha vindo, quem era o seu verdadeiro povo, quem é que ela própria era. As palavras de Alva ecoavam na sua mente. *Os mais antigos*. *As pessoas originais*. *Protetores de Escalon*. *Aqueles que mantiveram os dragões na baía*. Kyra estava orgulhosa de descender de tal linhagem e, porém, questionava-se sobre o que significava. Era a uma raça diferente que ele se estava a referir. Uma raça de imortais, de seres todo-poderosos. Como é que tinham desaparecido? Quem os havia vencido? Tinham eles verdadeiramente desaparecido?

Kyra sentia que a sua mãe não era inteiramente humana, era mais poderosa que toda a raça humana, mas ela não sabia há quanto tempo atrás ela tinha vivido, quanto desse poder ela tinha herdado. Será que ela carregava o mesmo poder que a sua mãe? Ou era Kyra de uma raça mista? A sua mãe era imortal? Será que isso significava que Kyra era imortal, também?

Kyra cavalgava, percebendo como tinha sorte em estar viva. Os seus pensamentos voltaram-se para Kyle. Ele havia-a deixado tão abruptamente, voltando para a torre. Ela estava destroçada por saber que ele estava a ir ter

com o perigo. E se ela nunca mais o visse? Ela não entendia completamente os seus sentimentos por ele ou porque é que se importava tanto. E isso tudo fazia com que se sentisse fora de controlo - e ela não gostava de se sentir fora de controlo.

Kyra cavalgava, rumo ao sul, invariavelmente, até que, finalmente, quando o sol subiu, ela deu com uma enorme bifurcação no trilho da floresta. Um sinal de madeira em bruto apontava duas direções, uma para oeste, em direção à costa, na direção, sabia ela, do Arrependimento, do Templo Perdido. E a outra apontava para leste, com um sinal que indicava ANDROS.

Ela emocionou-se. Andros. Ela imediatamente pensou no seu pai, pensou no facto de ele estar preso. Kyra sentada em Andor, respirando com dificuldade, olhava para o sinal. Era como olhar para o seu destino. Ela queria ir para ambos os lugares ao mesmo tempo.

Mas ela sabia que não podia. Ela só podia escolher um lado da bifurcação, um só lugar. E qualquer caminho que ela escolhesse, ela sabia, teria consequências para o resto da sua vida. Ela sabia o que devia fazer: ela devia seguir as ordens de Alva e seguir para oeste, em direção ao templo, na direção da sua mãe. Tinha de encontrar a fonte do seu poder, tornar-se uma melhor guerreira e sobreviver por causa do seu pai. E ela tinha de encontrar as pistas que a levavam para mais perto da sua mãe, para ela própria.

No entanto, tentando como ela fazia, Kyra sempre se conduziu com o coração e não com a mente. E lá sentada, no topo de Andor, a respirar com dificuldade, o seu coração dizia-lhe que ela nunca poderia deixar o seu pai a apodrecer na prisão. Nem agora, nem nunca. Se ele não estivesse já morto, certamente ia ser executado em breve. E se ela se afastasse dele, o seu sangue ficaria nas suas mãos. Isso simplesmente não era quem ela era.

Assim, apesar do sentimento de mau presságio que amadurecia dentro dela, Kyra virou Andor para leste, para longe da costa, para longe do Templo - e na direção de Andros. Mesmo ao fazê-lo, Kyra sabia que era imprudente. Ela sabia que não podia assumir o exército Pandesiano, guardar Andros, sozinha. Ela sabia que o seu pai podia já estar morto. E ela sabia que estava a virar as costas à sua mãe, ao seu destino, à sua missão.

No entanto, ela não tinha escolha. Com o cabelo ao vento, ela já cavalgava, avançando para Andros, em direção ao seu pai.

"Pai", disse ela, "espera por mim."

CAPÍTULO DEZASSEIS

Merk e Kyle caminhavam rapidamente pela floresta de Ur há vários dias. Merk indagava-se sobre este rapaz ao lado dele. Eles tinham viajado juntos em silêncio durante dias e ele apercebeu-se que não sabia quase nada sobre Kyle. Ele sabia que estava agradecido a Kyle por estar vivo e era uma sensação estranha; Merk tinha sempre olhado para si mesmo, nunca se sentindo em dívida com ninguém. Certamente nunca tinha esperado isso dele, de todas as pessoas. Afinal, Kyle era o mais misterioso de todos os Sentinelas e estava sempre indiferente.

Merk questionava-se se Kyle gostava dele. E ficou ainda mais perplexo por ele ter voltado para trás para salvá-lo. O destino tinha-os colocado nesta jornada juntos, ambos com uma missão comum, visando alcançar a Torre de Kos e proteger a Espada de Fogo. No entanto, Merk questionava-se se Kyle teria voltado para trás para o salvar, se não fosse por isso.

"Porque é que me salvaste?", perguntou Merk finalmente, necessitando, depois de todos estes dias, de quebrar a monotonia e o silêncio.

Seguiu-se um longo silêncio, tão longo que Merk tinha a certeza de que Kyle não o tinha ouvido. Talvez ele tivesse optado por não responder.

Horas mais tarde, quando ele menos esperava, Kyle respondeu:

"Porque é que não haveria de fazê-lo?"

Merk olhou com surpresa. Os olhos cinzentos de Kyle pareciam antigos, apesar da sua tenra idade.

"Tu voltaste para trás para me salvar", disse Merk, "para poupar a minha vida antes que os trolls pudessem acabar com ela."

"Eu não voltei para te salvar", corrigiu Kyle. "Voltei pela torre, para defendê-la."

"E ainda assim salvaste-me."

Kyle encolheu os ombros.

"Tu estavas lá. A torre estava perdida", Kyle respondeu.

Merk estava a começar a sentir que Kyle não se importava nada com ele.

"Como é que sabias que estava perdida?", perguntou Merk.

"Simplesmente sabia", respondeu Kyle, taciturno. "Precisamos agora de ajudar o reino onde a ajuda é mais necessária. Há uma outra torre, afinal."

Merk indagou.

"Quando é que soubeste que a Espada não estava lá?", perguntou, curioso.

Kyle olhou para ele com ceticismo, como se estivesse a pensar se havia de lhe responder.

"Eu sempre soube", ele finalmente admitiu. "Durante séculos."

Merk ficou chocado.

"No entanto, permaneceste lá", disse Merk, apercebendo-se lentamente. "Durante séculos, ficaste de guarda lá. Numa torre vazia. Para uma missão vazia... porquê?", Merk estava boquiaberto.

Kyle pigarreou.

"Não foi uma missão em vão", ele retorquiu. "Uma torre tem a espada, outra não. E, no entanto, cada uma detem-na à sua própria maneira, cada uma tem o seu papel a desempenhar. Uma não pode servir como um chamariz sem a outra. Ambas devem ser igualmente bem guardadas. Se apenas uma fosse guardada, o inimigo sabia onde concentrar o seu ataque."

Merk ponderou sobre isso.

"E, porém, agora, com a Torre de Ur destruída, todos vão saber. O teu precioso segredo, depois de todos esses séculos, foi desvendado", respondeu Merk.

Kyle suspirou.

"É verdade", ele respondeu. "No entanto, se chegarmos primeiro a Kos, podemos avisá-los. Eles podem tomar precauções."

"E achas que as precauções deles vão realmente deter toda a nação de Marda?", pressionou Merk. "Ou o exército Pandesiano? A Torre de Kos vai cair, também, mais cedo ou mais tarde. A Espada perder-se-á. As Chamas irão baixar. Marda inteira irá entrar - e perderemos Escalon. Será uma terra saqueada. Um deserto."

Kyle suspirou. Ele ficou em silêncio durante algum tempo.

"Ainda não entendeste", disse Kyle. "Escalon nunca foi livre. Não desde que os antigos morreram. Não desde que apareceu o primeiro dragão. E não desde que perdemos O Bastão da Verdade."

"O Bastão da Verdade?", perguntou Merk, perplexo.

Mas Kyle ficou apenas a olhar fixamente em frente, em silêncio, deixando Merk sem resposta. Ele era infinitamente enigmático, levando Merk à loucura; perguntas só levavam a mais perguntas e metade do tempo ele falava de coisas que Merk nunca iria entender.

Eles continuaram mais umas horas em silêncio, caminhando pela floresta. De repente, começaram a ouvir um barulho intenso; saíram da densa floresta e deram com um rio caudaloso. Merk estava em êxtase com as espumantes águas brancas do Tanis. Fluía com o seu muro de rápidos a bloquear-lhes o caminho, parecendo impossível atravessar. No entanto, não havia outra maneira.

Merk sabia que não podia ficar ali. Começou a avançar em direção à água, quando sentiu uma mão firme no seu peito. Ele olhou para Kyle, intrigado.

"O que é?", perguntou.

Kyle olhou fixamente para a linha da floresta. Não disse uma palavra - não precisava. Merk podia dizer que pressentiu algo. Os Sentinelas era um mistério.

Merk tinha um grande respeito pelo seu amigo e parou, confiando nele. Examinou a paisagem, a densa floresta do outro lado do rio, mas não viu nada.

"Não vejo nada", disse ele. "Talvez estejas a ser excessivamente cauteloso."

Após uma longa espera, Merk deu um passo adiante e Kyle caminhou ao lado dele, os dois entrando na clareira e aproximando-se da margem do rio. Merk deu um passo, perguntando-se se conseguia desafiar os rápidos e, imediatamente, as geladas fortes correntes quase o fizeram cair.

Merk cambaleou para trás para a segurança da costa, percebendo que seria necessário arranjar alguma maneira de atravessá-lo. Viu movimento rio abaixo, algo a bater. Caminhou ao longo da areia com Kyle até que avistou um pequeno barco amarrado a uma rocha, balançando tão descontroladamente nas correntes, que os deteve aos dois.

"Eu não estou a gostar", disse Kyle, chegando-se perto dele.

"Tens outra ideia?", perguntou Merk.

Kyle examinou as correntes e o horizonte para além delas, mas ficou em silêncio.

Merk entrou na pequena canoa, quase caindo para fora por esta estar a balançar descontroladamente. Quando Kyle entrou para ao pé dele, ele cortou a corda com a sua adaga. O barco balançava violentamente. Ele empurrou com o remo e, um momento depois, eles foram apanhados pelas correntes, correndo rio abaixo.

Merk e Kyle remavam, esforçando-se para cortar as águas turbulentas, enquanto carneirinhos iam contra eles. Ao abriram caminho, o seu pequeno barco quase se virou de lado; Merk tinha a certeza de que iria virar.

Kyle olhou em todas as direções, como se esperasse que algo os atacasse e que manteve Merk na borda.

Finalmente, no entanto, eles foram capazes de sair à frente das correntes. Eles atravessam o rio e alcançaram o outro lado, todos molhados dos borrifos.

Eles saltaram para a margem e assim que o fizeram as correntes levaram o barco. Merk virou-se e vi-o sair, disparar para jusante, em breve perdido no mar de branco.

Kyle ficou ali e estudou a linha de árvores com uma expressão preocupada, ainda parecendo conturbado.

"O que foi?", perguntou Merk de novo, sentindo-se ele próprio perturbado. "Certamente que se houvesse algo, então…"

Assim que terminou de proferir as palavras, ele gelou. Ouviu-se um ruído que soava como um grunhido cruzado com um uivo, que fez com que os seus cabelos ficassem de pé. Vinha de algo mau.

Kyle, ainda observando, levantou o seu bastão.

"Baylors", disse, finalmente, ele com uma voz sinistra.

"O que são…"

Assim que Merk acabou de pronunciar as palavras, de fora da linha das árvores, apareceu um bando de animais selvagens, avançando diretamente para eles. Eram quatro, parecidos com rinocerontes, apesar dos seus seis chifres em vez de um e com espessas peles pretas. Cada um deles tinha dois longos caninos, tão afiados como espadas, e intensos olhos brancos. Atiraram-se a Kyle e Merk, com o trovejar dos seus cascos a fazer abanar o chão.

Merk virou-se, olhou para o rio agitado e percebeu que estavam presos.

"Podemos nadar", disse Merk, percebendo que talvez fosse melhor arriscarem nos rápidos.

"Eles também podem", Kyle respondeu.

Merk sentiu um pavor frio a subir-lhe pelas costas. Os Baylors aproximaram-se, agora praticamente a vinte jardas de distância, com o som como o dos trovões. Merk, não sabendo mais o que fazer, aproximou-se com a adaga, mirou e atirou.

Ele observou a adaga a navegar de uma ponta à outra, diretamente para um dos olhos de um animal.

Merk antecipou a adaga a perfurar os seus olhos, atirando-o ao chão - mas o Baylor apenas estendeu a sua pata e arremessou-a como um palito, sem praticamente perder velocidade.

Merk engoliu em seco. Ele tinha acabado de fazer o melhor que conseguia.

"Baixa-te!", gritou Kyle enquanto o primeiro se atirou a eles.

A besta ergueu as suas garras afiadas para cortar Merk pela metade e este caiu ao chão, rezando para que Kyle soubesse o que estava a fazer. Ele baixou-se sob a sombra do pé da grande besta que estava prestes a esmagá-lo.

A besta saiu a voar para os lados, para grande alívio de Merk, quando Kyle o golpeou com o seu bastão. Ouviu-se um afiado barulho quando Kyle atirou a besta pelos ares e, depois, a fez rebolar de um lado para o outro, com o chão tremer. Merk deu um suspiro de alívio, percebendo o quão perto ele tinha estado da morte.

Kyle deu balanço ao seu bastão na direção de outro Baylor quando este se aproximou; atingiu-o no peito e ele voou para trás pelo ar uns bons 20 pés, aterrando de costas, rebolando e derrubando outro com ele. Incrédulo, Merk olhou para Kyle, chocado com o seu poder, perguntando-se o que mais ele poderia fazer.

"Por aqui!", ordenou Kyle.

Kyle correu para a besta que estava nas suas costas, enquanto uma outra se abateu sobre eles e outras duas começaram a recuperar. Merk juntou-se a ele, correndo mais rápido do que alguma vez já tinha corrido na sua vida. Eles alcançaram a besta. Merk ficou chocado quando Kyle saltou para as costas dela, que se contorceu e se levantou. Merk sabia que isto era de loucos, mas ele não sabia mais o que fazer. Então saltou-lhe para cima, também, agarrando a sua pele grossa, escorregando e agarrando-se à sua querida vida enquanto o Baylor se punha de pé.

Um momento depois, Baylor estava descontroladamente aos pinotes, com os dois a montá-lo. Merk, a escorregar, estava certo de que iria morrer aqui. As outras bestas avançavam diretamente para eles.

Então Kyle inclinou-se e sussurrou ao ouvido do Baylor e, de repente, para espanto de Merk, a besta ficou quieta, levantando a cabeça, como se

estivesse a ouvir Kyle e, quando este a pontapeou, o Baylor chiou, fez um som alardeado como um elefante e atacou os seus companheiros.

As outras bestas claramente não estavam à espera. Elas mal sabiam o que fazer ao serem atacadas pela sua amiga. A primeira não conseguiu reagir a tempo e a besta baixou a cabeça e enfiou-lhe os chifres de lado. A besta gritou, caindo para o lado. A besta onde eles estavam montados pisou-a, matando-a.

A besta, então, levantou os seus chifres, espetando outra na garganta e levantando-a até a deixar cair, murmurando, morta.

A besta deles, de seguida, correu como um trovão, direcionando-se para a besta final.

Mas a besta final, vendo o que estava a acontecer, atacou de volta, enfurecida. Quando a besta que eles estavam a montar se atirou a ela, esta última baixou-se e deu uma pancada violenta. A besta por baixo deles gritou ao ficar com as suas pernas cortadas.

Merk sentiu-se a deslizar e, um momento, depois caiu e Kyle caiu com ele, batendo nas pedras e na sujidade e perdendo o fôlego ao cair, certo de que estava a partir as suas costelas.

Ele ficou ali deitado no chão e viu o ataque final da besta, viu Kyle atordoado, sem fôlego, também, estando certo de que seria esmagado até a morte.

Mas então, de alguma forma, a besta em que eles tinham estado montados conseguiu recuperar a força suficiente para um último golpe - girou, bateu violentamente e cortou o peito da besta final.

A besta final caiu no chão, morta, enquanto a besta em que eles tinham estado montados, baixou-se e caiu. Soltou um grande bufo, e, em seguida, um momento depois, ela, também, estava morta, em cima da sua amiga.

Merk manteve-se ali, a respirar com dificuldade, olhando para as quatro bestas mortas, dificilmente capaz de processar o que se tinha passado. Eles haviam sobrevivido. De alguma forma, eles haviam sobrevivido.

Ele virou-se e olhou para Kyle, ainda aterrorizado. Kyle sorriu de volta.

"Esta foi a parte mais fácil", disse ele.

*

Kyle e Merk marchavam, caminhando no silêncio, cruzando as grandes planícies de Escalon, dirigindo-se, invariavelmente, para sul e leste,

dirigindo-se para longe para o Dedo do Diabo, a antiga península de Kos. Eles estavam a viajar há vários dias, sem parar desde o seu encontro com aqueles Baylors. Kyle tentou perder-se na paisagem, para abafar os seus pensamentos. No entanto, tal não era fácil de fazer. Passavam-lhe pela mente imagens da Torre de Ur em queda, da morte dos seus companheiros Sentinelas. Ele ficava indignado e sentia um desejo mais forte do que nunca de chegar a Kos, de proteger a Espada antes que Marda conseguisse chegar e de garantir a sobrevivência de Escalon.

Apesar de tudo, Kyle tinha começado a gostar deste humano, o seu novo companheiro de viagem, Merk. Ele havia apresentado bravura na batalha, em defesa da torre, mesmo quando não precisava. Eram muito poucos os seres humanos de quem Kyle gostava, mas deste, por alguma razão, ele gostava. Kyle podia sentir nele, lá no fundo, uma luta pela mudança, para abandonar a sua antiga vida - e isso era algo com que Kyle se podia relacionar. Kyle sabia que podia confiar nele e que ele faria um belo irmão-de-armas, mesmo não sendo da sua raça.

Kyle estudava o horizonte enquanto o sol se punha, ponderando a melhor maneira de se aproximar da península árida e inóspita do Dedo do Diabo. À distância, ele já conseguia começar a ver os picos gelados de Kos, a cordilheira aparentando chegar ao céu. Ele sabia que tinham uma jornada formidável pela frente. A sua mente nadava em pensamentos sobre a torre, sobre os trolls – sobre Kyra - e ele tentava afastá-los, tentava manter o foco na sua missão.

E, no entanto, ao caminhar, imerso em seus pensamentos, a meio caminho nas grandes planícies, algo dentro de Kyle o fez parar de repente. Ele ficou ali, congelado, ouvindo algo no vento.

Merk parou ao seu lado, olhando-o interrogativamente. Era a primeira vez, em dias, que eles paravam.

Kyle virou-se e examinou as planícies diante dele. Virou-se lentamente na direção oposta e olhou para sul. Ao fazê-lo, sentiu pelo corpo um impulso de curso de energia. Ele sabia. A vida e a morte estavam em jogo. Ele era necessário.

"O que é ?", perguntou Merk.

Kyle ficou ali, em silêncio por vários minutos. Fechou os olhos, ouvindo o vento, tentando entender.

E então, de repente, de repente, ele soube. Kyra. Ela estava em grave perigo; ele sentiu-o em todos os ossos do seu corpo.

Ele virou-se para Merk.

"Eu não posso continuar contigo", disse ele, mal acreditando nas suas próprias palavras.

Merk olhou para trás, claramente chocado.

"O que é que isso quer dizer?", perguntou.

"Kyra", disse ele, tentando ainda entender o que era. "Ela precisa de mim."

Merk franziu a testa, mas Kyle aproximou-se, agarrou o braço de Merk e olhou-o nos olhos com toda a intensidade.

"Continua sem mim", Kyle disse-lhe. "Quando chegares a Kos, protege a Espada. Faz o que for preciso. Eu recuperarei o atraso."

Merk pareceu desapontado, claramente não entendendo. Kyle desejava conseguir explicar, mas como é que ele podia explicar o seu amor por Kyra? Como podia explicar que era mais importante para ele, ainda mais do que o destino de Escalon?

Sem mais nenhuma palavra, Kyle, cheio de pressa, virou-se e correu para sul, mais rápido do que ele jamais havia corrido, saltando pelas planícies, sabendo que iria salvar Kyra ou morrer a tentar.

CAPÍTULO DEZASSETE

Sua Gloriosa Ra, Santíssimo e Líder Supremo da Pandesia, estava no topo das ameias de Andros e observava o campo de Escalon, assimilando tudo. Era agora seu. Tudo. Ele sorria com satisfação.

Lá, distante, ele conseguia ver os seus exércitos a avançar para norte, perseguindo os trolls, cortando-os até à morte enquanto fugiam. Tinha sido uma derrota. A nação de Marda era sem dúvida uma nação viciosa, os trolls com duas vezes o tamanho dos seus homens, a sua força lendária e o seu líder, Vesúvio, no topo da lista dos que Ra queria capturar e torturar pessoalmente. E, no entanto, ainda assim, ele tinha triunfado. Ele tinha perdido milhares de homens a lutar contra eles - mas ele tinha simplesmente enviado mais uns milhares. Era a grande conveniência de ter um exército de escravos, tirados de todos os cantos do Império. O seu povo era dispensável.

No fim, como Ra antevia, os trolls esconderam-se sob as suas ondas de mão-de-obra, apercebendo-se, como a maioria das nações conquistadas eventualmente faz, que eles eram inúteis contra o seu grande poder. Ra era, afinal, invencível. Ele nunca tinha perdido e nunca perderia. Estava escrito nas estrelas. Ele era o Grande, Aquele Que Nunca Tinha Sido Tocado e Aquele Que Não Podia Morrer.

Ra observava as suas forças a espalharem-se para norte por todo o campo, irradiando em todas as direções. Ele percebeu que tinha sido demasiado gentil com Escalon. Ele havia tolamente pensado que eles iriam seguir o caminho de todos os seus outros territórios conquistados e se submeteriam às normas dos seus governadores reais. Ele lhes havia dado muitas liberdades e agora era hora de mudar tudo isso. Agora era altura de eles aprenderem quem ele era. Agora era hora de os fazer sofrer.

Esta guerra mesquinha com Escalon tinha sido uma distração para o Grande e Terrível Ra, um incómodo que o tinha desviado de outras tarefas prementes, de outras guerras. Ele faria com que aquelas pessoas de Escalon pagassem o preço. Desta vez, ele iria escravizar toda a nação. Ele iria cobrir todas as últimas polegadas de Escalon com soldados, iria matar todos os homens, iria torturar todas as mulheres, iria colocar as crianças em campos de trabalho e deixar a sua marca em cada polegada daquela terra. Ficaria

irreconhecível quando tivesse terminado. Eles tornar-se-iam um exemplo para todas as nações que ousassem desafiá-lo.

Ra tinha sido parvo em ouvir os seus conselheiros, em ouvir as pessoas que vangloriavam os grandes guerreiros de Escalon, quão independentes eram e a melhor maneira de os governar. Ele deveria ter confiado nos seus próprios instintos e ter feito o que ele sempre fazia: reprimir todos. Arrasar as suas cidades. Deixá-los sem nada. Afinal, as pessoas que já não existiam dificilmente podiam desafiar alguém.

À distância Ra conseguia ouvir o som reconfortante dos seus canhões, ressoando algures no horizonte enquanto as suas frotas atacavam Ur. Os seus exércitos e frotas estavam a atacar Escalon por todos os lados e não haveria escapatória. Logo, quaisquer focos de resistência seriam exterminados. O líder da resistência, o homem a quem chamavam Duncan, já estava nas masmorras e Ra estava ansioso por visitá-lo, para acabar com o último dos últimos espíritos livres.

Ao observar os trolls a fugir, Ra já sabia para onde eles estavam a ir. Sudeste. O Dedo do Diabo, a Torre de Kos. Eles estavam atrás da Espada de Fogo, estavam desesperados para reduzir As Chamas, para abrir as portas para a nação de Marda. Quão previsível. Eles não sabiam que o Grande e Terrível Ra nunca ia permitiria isso? Na verdade, as suas forças já estavam em movimento, preparando-se para destruir todos esses trolls antes que eles lhe pudessem causar mais problemas.

"Uma bela vista, não é?", ouviu-se uma voz.

Ra virou-se, deixando de sorrir ao ver Enis a aproximar-se, o rapaz que pensava que ele era Rei. Lá estava ele, fazendo lembrar o seu pai, o homem que ele tinha vendido e morto. Ra irritou-se. Que arrogância, pensar que podia aproximar-se assim tanto de O Grande e Santo Ra.

"É uma vista que eu nunca pensei ter ", continuou Enis. "Marda sempre ameaçou Escalon. E, no entanto, agora eles estão a fugir de nós."

"Nós?", perguntou Ra, olhando para ele com desdém, com a fúria a crescer dentro dele. Este rapaz presunçoso e arrogante claramente não tinha ideia de que nunca *ninguém* se aproximava de Ra sem se ajoelhar e inclinar a cabeça para o chão - e que ninguém *nunca* falava com Ra até Ra ter falado primeiro.

No entanto, lá estava ele, sorrindo de volta com a sua estupidez e arrogância.

"Escalon estará inteiramente sob o nosso domínio em breve", Enis continuou, "e o meu povo vai fazer exatamente o que queremos."

"*Nós*?", perguntou Ra, ficando de pé, hirto e alto, com orgulho e indignação.

Enis olhou para ele, igualmente orgulhoso e arrogante.

"Eu sou o Rei agora, afinal de contas", Enis respondeu, como se fosse óbvio. "Eu entreguei-te a tua maior vitória, uma vitória que nem sequer te custou um soldado, graças a mim. Eu entreguei o meu pai, também, juntamente com Duncan e todos os grandes guerreiros. Tens muito a agradecer-me."

Ra nunca tinha sentido tanta repulsa na sua vida e lá no fundo sentia-se prestes a explodir. Era tudo o que conseguia fazer para manter-se afastado e não estrangular o rapaz.

Juntando o insulto à injúria, Enis aproximou-se e, na verdade, atreveu-se a colocar a mão no ombro de Ra.

"Tu precisas de mim", continuou Enis, ainda não se apercebendo do perigo que corria. "Estas são as minhas pessoas. Eu sei como governá-las. Sem mim, não tens nada."

Ra respirou fundo e, em seguida, falou com uma voz trémula de raiva.

"Sabes quantos reis eu persuadi e depus?", perguntou Ra numa voz profunda e retumbante. "Quantas terras, quantas nações, têm sido o meu brinquedo? E, ainda assim, os reis, os *meus* reis, todos pensam a mesma coisa: eles imaginam que *têm* poder. Que é a terra *deles*. O *povo* deles. Os delírios crescem depressa. Há uma coisa que eles parecem esquecer-se sempre."

Ra aproximou-se e com um movimento rápido e súbito, agarrou Enis por parte de trás da sua camisa, deu vários passos para a frente, arrastando-o e, com um grande grito arremessou-o sobre a borda dos parapeitos.

Enis gritava enquanto se debatia e caía pelos ares. Finalmente, ele aterrou esborrachando-se de cara na pedra, longe, lá em baixo.

Ra olhou para baixo, sorriu e respirou fundo. Estava a começar a sentir-se melhor agora, vendo o corpo daquele rapaz insolente mutilado lá tão em baixo.

"O poder", disse Ra para o corpo morto lá em baixo, "é ilusório."

*

Bant caminhava pelas ruas da capital, sentindo-se eufórico pelo poder que lhe tinha caído no colo. Ele não se sentia assim tão vertiginoso desde que era um miúdo. A capital estava agora em segurança nas mãos dos Pandesianos. O golpe que ele tinha ajudado a orquestrar tinha resultado. O velho Rei Tarnis estava morto, Duncan estava preso e Enis, o rapaz que ele tinha ajudado a ascender ao poder, era agora o novo Rei.

Bant sorria amplamente. Enis devia-lhe o seu título, o seu reinado e com a Pandesia a governar Escalon e Enis seu governante, isso significava que Bant teria poder ilimitado. Com Enis no poder, ele e o seu povo eram intocáveis. A Pandesia nunca poderia prejudicá-lo, nunca iria invadir o seu desfiladeiro, a sua fortaleza e ele tinha assegurado a sua segurança e a segurança do seu povo para os próximos anos. Mais do que isso, ele tinha assegurado o poder deles na nova Escalon. Com todas as outras fortalezas invadidas, Barris seria o último, único e restante bastião de liberdade, de independência.

Pouco tempo depois, Escalon iria procurá-lo para liderar. E ele mataria Enis quando ele menos esperasse e, naturalmente, subiria ao poder.

Bant sorriu largamente, virando num portão da cidade, correndo para ver Enis agora. Ele tinha jogado no lado certo, na verdade. Ele nem queria imaginar, se tivesse colocado a sua sorte ao lado de Duncan, onde estaria agora. Morto, por uma lâmina Pandesiana.

Claro que ele tinha tido de trair alguns do seu povo, Duncan acima de tudo. Mas isso praticamente não o incomodava. A consciência, ele tinha aprendido há muito tempo atrás, era algo que ele tinha de ignorar se estivesse determinado a subir ao poder. E se ele estava determinado! Uma das coisas que ele mais ansiava, na verdade, era ver Duncan pendurado na forca. Só então se sentiria completamente à vontade.

Bant virou a esquina, chegando finalmente à entrada do palácio. Olhou para cima para o sol da manhã. Levou a mão aos olhos e conseguiu ver, lá no alto, Enis de pé, junto das muralhas, com Ra ao seu lado. Bant sorriu. Os dois estavam sozinhos lá em cima. Isso significava que, já, Ra estava a designar Enis para o conselho. Enis seria intocável. E Bant seria também.

Bant estava prestes a correr para as escadas, para subir e falar com Enis, quando, de repente, ele pensou ter detetado pelo canto do olho movimento. Olhou para cima e, durante um momento, não conseguiu processar o que viu. Ali estava Enis. Mas ele já não estava em pé no parapeito. Em vez disso, ele estava a gritar, caindo, voando pelo ar.

Bant assistiu com horror quando ele bateu no chão esborrachando-se, perto dele. Morto.

Olhou para cima, querendo saber se Enis tinha escorregado. Mas viu Ra a olhar para baixo a sorrir, percebendo que não tinha. Bant não podia acreditar. Enis estava morto. E Ra tinha-o matado.

Bant engoliu em seco. O seu desejo de poder, de segurança, já não iria realizar-se. A Pandesia já tinha voltado atrás com a sua palavra. Ele, também, tinha sido traído. Ninguém estava seguro.

Bant saltou para as sombras, esperando que Ra não o tivesse visto. Ele ficou ali, de costas para a muralha, a suar, respirando com dificuldade.

Depois, quando já tinha passado tempo suficiente, ele saiu repentinamente das sombras e correu. Correu e correu, para fora do portão, para longe da capital e algures para o dia, determinado a ir para tão longe da capital quanto conseguisse.

CAPÍTULO DEZOITO

Kyra atravessou Escalon, como fizera durante todo o dia e noite, desesperada para chegar a Andros, para libertar o seu pai antes que fosse tarde demais. Tinha sido uma noite longa e angustiante de cavalgada, guiada apenas pelas estrelas e, ainda assim, ela tinha persistido, sabendo que cada segundo era precioso, sabendo que não podia parar.

Apesar da noite mal dormida, Kyra sentia-se mais forte do que nunca. Ela cavalgou, motivada pelos seus propósitos. Sentia-se pronta, desde que se tinha curado, para assumir as hordas do mundo. Ela refletiu sobre os seus treinos, sobre a sua nova capacidade para convocar os seus poderes, para mover objetos com apenas a mente e ela sabia que eles eram reais. Sentia-se pronta para enfrentar qualquer que fosse o exército que a enfrentasse, para fazer o que tinha que fazer para salvar o seu pai - mesmo que isso significasse a sua própria morte. Ela só rezava para que não fosse tarde demais.

Ao sair da floresta e subir uma série de colinas, por fim, o céu da noite deu lugar à alvorada e todo o Escalon se abriu diante dela. Ela espreitou através da névoa do amanhecer, o campo a brilhar ao amanhecer e seu coração acelerou em antecipação quando ela finalmente avistou, no horizonte, os contornos do grande capital de Andros, alastrando-se, parecia, até o fim do mundo. Aqui estava a cidade de que ela se lembrava da sua juventude, com a sua enorme ponte arqueada levadiça, com os seus imponentes portões de pedra, as suas portarias, ameias, torres e imponente fachada. O seu coração batia mais rapidamente. O pai dela, ela sabia, estava por trás daquelas paredes e, desta vez, nada neste mundo iria impedi-la de tê-lo de volta.

Kyra esporeou Andor e eles cavalgaram ainda mais rápido, em direção à cidade. Ela viu ao longe a guarnição de soldados Pandesianos posicionados em frente à cidade, um mar de amarelo e azul, brilhando ao amanhecer. Ela ficou tensa, preparada.

Ao aproximar-se, eles claramente deram por isso; uma corneta soou e centenas de soldados destacaram-se e começaram a avançar diretos para ela com as lanças baixas e as viseiras para baixo.

Quando a primeira espada desceu na direção Kyra agarrou com firmeza o seu bastão, aumentando a sua velocidade, pronta para qualquer coisa.

Aqueles soldados ficaram entre ela e as portas e isso ela não podia permitir. Kyra soltou um grito de guerra, sabendo que aquele avanço era imprudente, mas sabendo que não tinha escolha. Ela sentia que agora era mais forte; ela tinha ganho poderes com os seus treinos, poderes que ela nunca tinha tido antes. Ela sentia que podia lutar contra este exército.

Kyra avançou, fechando o espaço à medida que centenas de Pandesianos nas suas armaduras a tilintar corriam para a frente em filas na sua direção. Ela não ia fugir, mas sim enfrentá-los sem medo. Ela podia vê-los todos a sorrir, como se estivessem à espera de uma vitória rápida e fácil, mas ela estava determinada a dar-lhes um resultado diferente.

da sua cabeça, Kyra focou-se no seu poder inato. Ela sentiu um calor intenso a subir dentro dela causando-lhe formigueiro nos braços e nas mãos. Sentia-se mais viva do que nunca. Deu balanço ao seu bastão e atirou ao chão, num só golpe, as espadas que estavam nas mãos de três soldados. Virou-se novamente e golpeou mais dois soldados no peito, fazendo-os cair dos seus cavalos. Ela sentia um poder externo e desconhecido a percorrê-la, sugerida no seu treino com Alva, um que simplesmente tinha sempre estado fora do seu alcance. Estranhamente, ela sentia-se como se a sua mãe estivesse com ela.

Kyra baixou-se quando um soldado lhe atirou um mangual à cabeça. Seguidamente, ela partiu-lhe as costelas, derrubando-o. Ela nunca abrandou, avançando para o meio da batalha, cortando e apunhalando soldados em todas as direções, esquivando-se, baixando-se e escapando, sentindo o seu poder sobrenatural a instigá-la para a frente, tornando-a mais rápida do que todos ao redor dela enquanto cortava caminho através das fileiras. Ela mantinha em mira os contornos de Andros e mantinha na vanguarda do seu pensamento o seu pai, preso, a precisar da sua ajuda - e ela deixava a adrenalina empurrá-la.

Leo e Andor lutavam, também. Andor chutava violentamente, atirando ao chão outros cavalos, derrubando os seus cavaleiros. Leo rosnava e mordia, matando qualquer soldado que se aproximasse muito dela. Kyra girou o seu bastão uma e outra vez e, ao fazê-lo, começou a fechar os olhos, achando que assim se conseguia concentrar melhor. Ela convocou o seu poder e foi capaz de convocar uma esfera de luz amarela, que disparava da ponta final do seu bastão, matando uma dúzia de soldados numa uma única explosão.

Kyra balançou novamente o bastão e, ao fazê-lo, uma esfera voou na outra direção, atingindo mais uma dúzia de soldados.

Ela balançou-o mais uma vez - e outra vez. Em breve o campo de batalha estava cheio de soldados mortos, centenas deles deitados no chão à volta dela. Era como se ela fosse um tornado, cortando as suas fileiras.

Kyra continuou a atacar, chegando-se cada vez mais perto da ponte para Andros. Ela tinha de atravessá-la. Dava balanço ao seu bastão enquanto avançava, sentindo-se invencível, disparando esferas de luz em todas as direções e fazendo cair dezenas de soldados. Ela apontou e explodiu a guarnição de pedra, matando mais umas centenas de soldados Pandesianos que tentavam sair, pensando no seu pai enquanto se vingava por ele.

Ao aproximar-se da ponte, Kyra viu, a seguir a esta, que a ponte levadiça estava aberta e viu outros milhares de soldados a avançarem para fora da cidade, diretamente para ela. Era um mar de azul e amarelo.

Ela deu balanço ao seu bastão novamente, mas desta vez, para seu horror, não apareceu nenhuma esfera. De alguma forma, o seu poder tinha parado - não havia agora nada na sua mão a não ser um comum bastão. Alva tinha estado certo? Ela ainda não estava pronta?

Tendo-se sentido tão invencível uns momentos antes, Kyra olhava agora para o cenário diante dela sentindo-se mais vulnerável do que nunca. Ela percebia agora que estava em grave perigo. Ela olhava esforçando-se para entender o que tinha acontecido e, ao fazê-lo, avistou um feiticeiro escuro, vestindo uma capa escarlate, emergindo da cidade. Ela viu a esfera vermelha da luz na mão dele e percebeu imediatamente que estava a enfrentar um poder muito maior do que o dela.

De repente, Kyra sentiu o primeiro golpe; um soldado atacou e atingiu-a no ombro com o seu escudo. Tendo caído do seu cavalo, ela aterrou no chão, sem fôlego, caindo no meio do exército hostil.

Kyra levantou o seu bastão, fazendo o seu melhor para bloquear os golpes enquanto os soldados Pandesianos fechavam-lhe o cerco. Ela deu balanço para a esquerda e para a direita. O barulho do seu bastão tilintava sempre que ela bloqueava um golpe de espada atrás do outro. Eles atacavam-na com espadas, alabardas e manguais. Ela conseguia virar-se em todas as direções, baixando-se, esquivando-se e bloqueando todos os ataques. Ela ainda conseguiu contra-atacar, matando muitos e derrubando vários.

Andor e Leo aproximaram-se a correr para ajudar. Andor violentamente chutava soldados para trás, mordendo-os, rasgando-os em pedaços e Leo pulava e afundava os seus caninos afiados nos braços de alguém que se aproximasse demasiado dela.

No entanto, à medida que mais e mais soldados se aproximavam, nas suas fileiras intermináveis, Kyra sentia-se cansada. Ela baixou os ombros um pouco, abrandando. Um golpe furtivo feriu o seu ombro, fazendo-a gritar. Ao mesmo tempo, um novo grupo de soldados cercou Andor e Leo, batendo-lhes até ficarem caídos de costas, atacando-os violentamente de todos os lados.

Kyra sentiu uma dor horrível no outro ombro quando outro golpe furtivo a atingiu, este de um martelo de guerra. Em seguida, um momento depois, ela sentiu um pontapé no peito, desequilibrando-se para trás. Eles eram demasiados e ela percebeu com horror que estava muito cansada, fraca demais para os deter a todos. Alva tinha razão; ela não tinha forças para assumir aquele exército sozinha. Ela tinha conseguido matar centenas de soldados, a lutar de uma forma brilhante, conseguindo convocar os seus poderes para que isso acontecesse. Mas aquele feiticeiro escuro tinha-a dominado de alguma forma, tinha parado a fonte dos seus poderes. E ela sabia que, com a sua energia humana minguante, o seu tempo havia acabado.

Kyra sentia agora os golpes a descerem sobre ela vindos de todas as direções. Depois de um golpe particularmente cruel de um bastão na sua caixa torácica, ela tropeçou e caiu no chão.

Ela ficou ali, mal conseguindo respirar, ainda a ser atacada, incapaz de se mover. Ela olhou para o céu que escurecia com os homens. Todos lhe fechavam o cerco, levantando as suas armas. Ela estendeu a mão para agarrar o seu bastão, mas este foi pontapeado para longe dela. Um outro soldado pisou o seu pulso com a bota. Ela estava ali estendida, impotente, olhando para o que ela conseguia ver do céu, sabendo que estava prestes a morrer.

Um soldado Pandesiano aproximou-se, ergueu a espada com as duas mãos e olhou fixamente para ela. Ela podia ver o ódio nos seus olhos. Ele estava a preparar-se para acabar com ela e ela não tinha dúvidas de que ele o faria.

Ela fechou os olhos e preparou-se. Ela já não tinha medo; apenas remorso. Ela desejava, mais do que tudo, de ter sido capaz de libertar o seu

pai antes de morrer.

Sinto muito, Pai, pensou. *Desapontei-te*.

CAPÍTULO DEZANOVE

Alec estava na proa do navio e olhava para o estranho porto diante deles. Observava, paralisado, enquanto navegavam entre afloramentos de rocha, tecendo o seu caminho sinuosamente através do arquipélago das Ilhas Perdidas. Passaram por ilhas abandonadas umas após as outras, todas cobertas de um manto de nevoeiro e névoa. O silêncio era pontuado apenas pelo som de criaturas exóticas que pulavam da água salpicando a névoa; Alec raramente as vislumbrava, deixando-o apenas a pensar no que mais estaria a nadar sob a superfície. Isto apenas aprofundava a sua sensação de mistério relativamente a este lugar.

Estas ilhas pareciam tão solitárias aqui no fim do mundo, separadas do continente por milhares de milhas de oceano, escondidas por uma névoa persistente. Alec observava fascinado ao passaram por enormes pedras azuis, que emergiam do mar como mãos para o céu. Passaram por ilhas feitas inteiramente de algas marinhas, enormes pássaros pretos grasnando sobre eles, tão grandes como ele, vendo-o passar como se estivesse a invadir a sua terra. Passaram ilhas de rocha irregular, o terreno tão acentuada que não havia lugar sequer para colocar o pé. Ele nunca tinha visto nada tão remotamente inabitável.

Uma brisa soprou e eles viraram num canal estreito. Ouviu-se um novo e distinto ruído em baixo. Alec olhou para baixo e viu longas algas marinhas azuis a levantarem-se das águas, agarrando-se ao casco. O navio desacelerou e ele olhou para fora, preocupado.

"Estamos presos!", disse.

Mas Sovos, para sua surpresa, apenas abanou a cabeça e continuou a olhar para a frente, sem se perturbar.

"Algas marinhas Illuvian", disse ele calmamente. "Tão antigas quanto estas ilhas. São as nossas boas-vindas. Elas estão a guiar-nos para as ilhas."

Alec observava fascinado à medida que os tentáculos se agarravam ao navio, enrolando-se pelo casco acima. Ao fazerem-no estalavam um pouco. As algas balançavam como se estivessem vivas. O ar era rapidamente preenchido com o som de um milhar de fracos estalos, o som das algas a sugarem e a agarrarem-se ao navio, puxando-os para a frente. O mar parecia estar a pulsar.

Alec finalmente viu a iminente massa de terra diante deles, cada vez mais revelada à medida que a névoa se começava a levantar. Quanto mais se aproximavam, mais Alec sentia uma sensação estranha. Era como se algo no ar o estivesse a envolver. Navegaram por uma névoa quente e ele sentia como se estivesse a respirar humidade. Isso fê-lo ficar sonolento, relaxado. As Ilhas Perdidas, ele começava a aperceber-se, eram diferentes de qualquer lugar que ele já tinha estado.

"A quem pertencem as ilhas?", perguntou Alec, enquanto faziam o seu caminho na direção das profundezas das ilhas.

"A ninguém", respondeu Sovos.

Alec ficou intrigado.

"Não fazem parte de Escalon?", perguntou. "Ou Marda? Ou Pandesia?"

Sovos abanou a cabeça.

"Eles são uma nação de si próprios. Eles são o seu próprio povo. No entanto, eles são mais do que apenas uma nação."

Enquanto Alec se esforçava para compreender, o nevoeiro finalmente levantou e ele ficou sem fôlego ao ver a paisagem mais espetacular que ele já tinha visto. Havia uma grande ilha, que brilhava na névoa, com um tom de prata à luz. O sol parecia brilhar apenas sobre este lugar, fazendo com que parecesse positivamente mágico. As ondas colidiam com os penhascos íngremes e, muito acima, a ilha estava cheia de campos verdejantes e colinas de ervas, mas também, inexplicavelmente, pontilhada com picos de gelo, apesar das brisas mornas que vinham a rolar do oceano. Nada daquilo fazia sentido. A ilha era rodeado por uma praia de areia de prata. Era como atracar no céu.

Ainda mais estranho, Alec podia ver que uma multidão de pessoas se tinha reunido na praia, como se estivesse à espera deles. Estavam ali em silêncio, várias centenas de habitantes das ilhas, trajando vestes prateadas, com longos cabelos prateados, olhos prateados e espadas prateadas nos seus cintos. Eles olhavam fixamente para Alec e quando os olhares deles se cruzaram, a coisa mais estranha aconteceu: ele sentiu uma conexão imediata com eles. Era como se ele tivesse voltado para casa. Era uma sensação estranha. Durante toda a sua vida Alec nunca se tinha sentido em casa, nem na sua aldeia nem verdadeiramente com ninguém da sua família. Ele sempre se sentira como um pária, como se não pertencesse verdadeiramente a lado nenhum. Mas aqui, com essas pessoas, ele sentiu, estranhamente, que estava entre o seu povo.

Quando o seu barco atracou, puxado gentilmente para a areia pelas algas marinhas, Sovos saltou do barco para a praia, dirigindo-se diretamente para as pessoas como se ele pertencesse ali. Alec seguiu-o, saltando igualmente do barco, com os pés a afundarem-se suavemente na areia, amortecendo a sua queda. Depois de tantos dias no mar, era estranho estar em terra firme novamente.

Alec caminhou para a frente com Sovos e todos os habitantes da ilha ficaram ali, em silêncio, observando-o cuidadosamente. Ele podia sentir todos os olhos sobre ele. O seu caminho foi bloqueado por um homem de meia-idade com uma expressão severa, uma cabeça mais alta do que a dos outros, que estavam diante dele, sem expressão. Ele olhou para Alec, com um olhar intenso, nem hostil nem de boas-vindas.

"Temos estado à tua espera", disse ele, com uma voz austera, de outro mundo. "Durante muitos anos."

Alec viu todos os outros a olhar para ele com a mesma intensidade, como se ele fosse o Messias deles. Ficou perplexo.

"Mas ... eu não te conheço", respondeu ele.

Mesmo quando ele pronunciava as palavras, Alec sentia que eram falsas. De alguma forma, ele conhecia todas aquelas pessoas.

"Não conheces?", perguntou o homem.

De repente, o homem virou-se e caminhou, com os pés a triturar a areia de prata. Todos os outros observavam Alec, como se esperassem que ele o seguisse.

Alec olhou para Sovos, que acenou para ele em afirmação.

Alec deu um passo, seguindo o homem. Os outros foram atrás dele.

Enquanto caminhava, deixando a praia, entrando nas ervas, Alec examinava a ilha diante dele. Era deslumbrante. Ele atravessou fazendas magnânimas emolduradas por árvores frondosas, com frutos de todas as formas, tamanhos e cores, diferente de tudo o que ele já tinha visto. Colinas verdes estendiam-se até ao horizonte, toda a ilha repleta de bondade e generosidade. Mel fluía de antigas árvores retorcidas e cardumes de peixes saltavam nos lagos.

Alec estava cheio de curiosidade quando chegou até ao líder deles. Eles continuaram a caminhar em silêncio, girando e virando através da paisagem exótica. Finalmente, eles viraram e, do outro lado de uma série de colinas, Alec viu o que só podia ser a principal aldeia deles. Era composta de habitações simples, casas construídas de granito brilhante e prateado, cada

uma a brilhar, como se fossem feitas de diamantes. No centro havia um grande edifício triangular, que parecia um templo.

O homem parou e virou-se para Alec.

"A casa da Espada", disse enigmaticamente.

Quando Alec olhou para ele, questionando-se, todos os aldeões emergiram das suas habitações e uma grande multidão cercou-o.

O homem virou-se para Alec.

"Bem-vindo a casa", disse ele.

Alec abanou a cabeça, confuso, confundido.

"Eu sou de Soli", ele respondeu, tentando pensar no assunto. "Eu não sou daqui."

O homem abanou a cabeça.

"Tu nem sabes", disse ele, misteriosamente.

Antes que Alec pudesse perguntar o que ele quis dizer, o homem levou-o para a frente, para o edifício triangular. A sua porta prateada abriu-se lentamente quando eles se aproximaram.

Alec caminhou para dentro do edifício pouco iluminado e parou, atordoado. A sala, com o seu alto teto pontiagudo, sem janelas e paredes de prata a brilhar, estava completamente vazia - guardada para um objeto particular. No centro estava uma bigorna feita de prata.

E nessa bigorna, uma espada.

Uma espada inacabada.

Alec, hipnotizado pela arma, viu-se a caminhar para a frente como se estivesse a ser atraído por um ímã, incapaz de olhar para qualquer outro lugar.

Ele parou ao lado dela e, lentamente, alcançou-a com as mãos a tremer. Havia uma tremenda energia que emanava dela, uma vibração que abalava o próprio ar.

Alec tocou na espada e sentiu uma pontada de energia a percorrer-lhe o pulso, o braço. Ele levantou-a muito lentamente, esta espada forjada pela metade, sentindo-a a vibrar na sua mão. Era a coisa mais estranha, mas ao segurar esta espada, pela primeira vez na sua vida, ele sentiu o que significava estar verdadeiramente vivo. Ele sentiu como se estivesse destinado a estar ali - como se toda a sua vida tivesse sido vivida por este momento.

Alec virou-se, segurando-a - e viu todas as pessoas lá dentro, todos a olhar para ele, com um olhar de esperança e expectativa.

"A espada inacabada", disse o líder. "Sem ela, Escalon está perdido."

Alec sentiu algo a sussurrar dentro dele e sentiu o propósito da sua vida nas suas mãos. O ferreiro dentro dele estava a apoderar-se.

"É por isso que precisamos de ti, Alec", Sovos explicou. "És *tu*. Tu e só tu pode terminar de a forjar."

Alec olhou para ele, atordoado.

"Mas porquê eu?", perguntou.

"Porque tu és um de nós Alec e Escalon precisa de ti."

Ele aproximou-se e olhou fixamente para baixo, com os olhos a brilhar com intensidade.

"Não nos dececiones, Alec."

CAPÍTULO VINTE

Anvin caminhava pelo deserto, arrastando um pé diante do outro no calor abrasador do deserto, cada passo um esforço, cada passo dando-lhe mais certezas de que ia morrer ali. O sangue das suas feridas tinha secado há muito tempo e estava endurecido na sua pele, misturado com a sujidade. Cada passo fazia-o sentir como se as suas feridas estivessem a reabrir-se. Ainda coberto de equimoses e hematomas, em agonia por ter sido espezinhado, tinha o corpo inchado do calor e das feridas, com cada passo a requerer-lhe um esforço Hercúleo. Ele sentia-se como se estivesse a andar debaixo de água.

Anvin forçou-se a olhar para cima, precisando de um motivo para continuar e, ao fazê-lo, ele avistou ao longe algo que fez o seu coração bater mais rápido. Lá, no horizonte, estava o fim da cauda do exército Pandesiano, a marchar para longe dele, em direção ao norte, deixando um rasto de destruição à sua passagem. O exército cintilava, um mar de amarelo e ouro, avançando como um verme gigante pela sua terra natal, destruindo uma vila de cada vez.

Agora, finalmente, o exército tinha abrandado, com o seu milhão de homens incapazes de se apressar pelo estreito das montanhas. Anvin tinha a sua hipótese de os apanhar. Ele estava a aproximar-se das linhas traseiras, dos retardatários, dos parasitas, dos que a Pandesia, na verdade, não se preocupava. Eles relegavam-nos para ali porque não tinham motivo para os protegerem. Eles detinham todo o Escalon agora - ou assim pensavam.

O exército movia-se tão lentamente que quase não se mexia. Anvin, apesar das suas feridas, aproximou-se deles. Teve de alcançá-los antes de eles chegarem às falésias de Everfall, um caminho impossível para subir com a sua condição. Ele fixou os olhos em alguns soldados no final da linha, retardatários, os homens que claramente tinham sido escravizados. Ele viu alguns que estavam coxos, alguns rapazes e alguns homens de idade. Qualquer um seria um alvo fácil.

O que ele precisava era da combinação perfeita; ele precisava encontrar um soldado exatamente do seu tamanho, cuja armadura ele pudesse roubar. E um soldado com um cavalo Pandesiano para montar. Com isso, ele podia passar pelos outros, todo o caminho até à capital. Era a sua única esperança.

No entanto, a consciência de Anvin não lhe permitiria atacar um homem velho ou jovem rapaz ou qualquer um que estivesse mutilado. Em vez disso, quando se aproximou, tentou encontrar um alvo com o qual conseguisse sentir-se justificado em atacar. Passado pouco tempo, ele fê-lo.

Bem atrás, mais próximo dele, estava um capataz Pandesiano. Ele estava a chicotear os outros, gritando asperamente numa linguagem que Anvin não conseguia entender, enquanto os rapazes e velhos tropeçavam sob o seu longo chicote. Ele serviria perfeitamente.

Anvin aumentou a sua velocidade, movendo-se tão rápido quanto conseguia e rapidamente se abateu sobre ele. A única vantagem que ele tinha era que ninguém se preocupava em olhar para trás, para verificar. Porque é que o haveriam de fazer, afinal? Eles tinham acabado de conquistar uma terra. Quem é que poderia esperar um ataque por trás?

Anvin reuniu toda a sua força restante e sentiu uma onda de adrenalina, suficiente para fazê-lo esquecer a sua dor por apenas um momento. Ele aumentou seu ritmo, levantou a cabeça um pouco mais alto, um olho ainda inchado e fechado e voltou suas atenções para o capataz.

"ACHVOOT!" O capataz gritou, ao chicotear um rapaz. O rapaz gritou e, por fim, caiu. O capataz avançou e esfolou-o uma e outra vez. Todos os outros seguiram em frente, deixando o rapaz nas mãos do seu destino.

Anvin sentiu uma onda de fúria, vendo o rapaz a ser esfolado até a morte. Ele sacou da espada e, pensando em Durge, usou a sua última gota de força ao avançar rapidamente com ela. Ele correu, tropeçando, ganhando impulso e, ao chegar perto, levantou a espada e soltou um grito gutural.

O capataz não o ouviu no início, com o som do chicote a dominar o ar. No último momento, ele virou-se, olhou para trás, ficando com um olhar assustado ao ver Anvin a atacá-lo por trás.

Anvin não lhe deu tempo para reagir. Ainda boquiaberto, Anvin saltou e fez atravessar a espada pelo seu intestino.

O capataz ficou ali por um momento, congelado em choque, caindo, em seguida, morto no chão.

Anvin ficou ali, respirando com dificuldade, exausto com aquele pequeno esforço, espantado por ainda conseguir. No entanto, pagou caro por isso. Tão exausto que estava que o mundo girava em torno dele. Momentos depois, desmaiou.

*

Anvin acordou e viu um rapaz, a sangrar, dando-lhe estalos na cara, olhando para baixo com preocupação. Anvin acordou e quando viu as marcas dos golpes no rosto do rapaz a pingar sangue, percebeu imediatamente que era o rapaz que o capataz tinha chicoteado.

Anvin olhou e viu o capataz morto deitado ao lado dele, o que o fez lembrar-se de tudo.

O rapaz estendeu a mão e Anvin agarrou-a, permitindo-lhe que o ajudasse a levantar-se.

"Devo-te a minha vida", disse o rapaz. Ele tinha um olhar de terror no seu rosto. "Eles escravizaram toda a minha família, eu sou o único que resta. Por favor, por favor, não me entregues a eles. Eles vão matar-me."

Anvin virou-se e olhou para o exército, a cerca de cem jardas à frente no horizonte. Ele sabia que permitir que este rapaz sobrevivesse, esta testemunha do seu crime, colocaria em risco a sua vida. Ele sabia que era a coisa prudente a fazer.

No entanto, ele nunca magoaria o rapaz, prudente ou não. Isso não era quem ele era.

Anvin olhou para o cadáver do capataz. Felizmente, ele era do seu tamanho.

"Podes ajudar-me?", perguntou Anvin, com a garganta seca, apontando para o corpo.

O rapaz olhava para trás e para frente de Anvin para o cadáver e, finalmente, percebeu.

Ele aproximou-se depressa e começou a tirar o soldado morto da sua armadura. Anvin via o rapaz, com a sua pele morena, cabelos encaracolados, olhos verdes e inteligentes, talvez treze anos. Ele admirava a sua energia, o seu entusiasmo, apesar das suas feridas. Ele precisava dele, ele percebeu. Até ficar bom, ele precisava de ajuda.

O rapaz rapidamente tirou a armadura ao soldado e colocou-a em Anvin, um pedaço de cada vez, fazendo ajustes, certificando-se que lhe servia. Anvin sentia-se cada vez mais pesado com cada peça, sentindo a sua energia a esgotar-se à medida que suava cada vez mais. No entanto, ele sabia que tinha de fazer aquilo para chegar a Andros.

Em breve, ele tinha a armadura toda colocada. Uma peça colocada meticulosamente de cada vez. Sem fôlego, ele sentiu como se pesasse um milhão de libras, a suar dentro do traje de metal. No entanto, ele tinha

conseguido. Ele sabia que agora estava em condições de chegar à capital. Sentiu que tinha novamente uma hipótese.

Anvin ouviu um relincho, virou-se e ficou emocionado ao ver que o rapaz lhe tinha trazido o cavalo do capataz. O rapaz ajudou a montá-lo e, quando ele se sentou, ele viu o rapaz ali de pé a olhar para ele com olhos esperançosos.

"Eu vou morrer aqui", disse o rapaz. "Eles vão matar-me, no momento em que encontrarem este homem morto. Por favor, leva-me contigo. Deixa-me ser o teu escudeiro. Serei fiel, sempre. Chamo-me Septin."

Anvin suspirou. Ele estava ali sentado, a olhar acima e abaixo para o rapaz magricela.

"Eu mal consigo sobreviver", disse Anvin, com uma voz pesada. "Se eu te levar comigo, certamente morrerás, também."

"Eu não me importo", respondeu imediatamente o rapaz.

"Para onde vou", disse Anvin, "jazem as garras da morte. Serias escudeiro de um homem morto."

O rapaz sorriu.

"Eu prefiro morrer a lutar nas garras da morte do que morrer aqui como um escravo."

Anvin finalmente sorriu também, reconhecendo que o rapaz o desafiava orgulhosamente, fazendo-o lembrar-se de si próprio nessa idade. Finalmente, ele assentiu com a cabeça. O rapaz, a sorrir, correu e montou o cavalo, atrás de Anvin.

Anvin esporeou e os dois partiram. Em pouco tempo, cortavam já as linhas Pandesianas, sem serem detectados, cavalgando para norte, cada vez mais rápido, no seu caminho, finalmente, para Andros.

Duncan, pensou el*e, espera por mim.*

CAPÍTULO VINTE E UM

Kyra estava no campo de batalha, a ir-se, preparando-se para morrer, quando um som surgiu através do clamor, um que a incitava a manter-se viva. Era um som curioso, um som de homens a gritar e a cair no campo de batalha, um som de caos nas fileiras Pandesianas. Não fazia sentido - e este mistério, obrigou-a a aguentar-se mais do que nunca. Porque é que, afinal, estariam os soldados Pandesianos a cair? Tinha sido apenas ela contra o exército deles. Quem mais poderia estar a atacá-los?

No seu estado semiconsciente, Kyra olhou e viu algo a agitar-se nas fileiras. Era um borrão de movimento, de luz, movendo-se tão rápido que ela mal conseguia vê-lo, causando disrupção suficiente para fazer o soldado que estava acima dela baixar a sua espada e desviar o olhar.

Kyra aproveitou-se do seu momento de distração, inclinou-se para trás e pontapeou-o com todas as suas forças. O soldado caiu e, momentos depois, a bola rodopiante de luz atirou-o ao chão. Ela viu um reflexo de metal, viu um borrão de movimento e uma espada a descer, matando o soldado. Então, ela olhou para cima, ficando totalmente surpreendida com o que via.

Kyle.

Ele acelerava através das fileiras como um relâmpago, levantando a lança e abatendo soldados em todas as direções, como um peixe a nadar através da água. Os Pandesianos caíram a toda a sua volta, nenhum protegido dos seus golpes mortais, nenhum suficientemente rápido para impedi-lo, muito menos apanhá-lo. Kyra sentiu-se completamente aliviada ao vê-lo; mais do que isso, ela sentiu uma onda de amor. Ela estava a transbordar de gratidão. Ele tinha voltado, ela apercebeu-se, para ela.

Kyra desesperadamente queria chamá-lo, queria aproximar-se dele, mas estava demasiado fraca, entrando e saindo da consciência. Tudo o que conseguia fazer era ver Kyle a desbravar o seu caminho através das fileiras, como um sonho, aniquilando, uma após as outras, as fileira de soldados. Ela nunca tinha testemunhado um poder assim. Ele era uma força imparável, claramente de outra raça. Ele parecia invencível, como uma onda de destruição, enquanto centenas de soldados caiam diante dele. Mesmo o poder do feiticeiro sombrio parecia incapaz de detê-lo.

Houve uma pausa nos combates e ao abrir os olhos Kyra, perguntando-se quanto tempo tinha passado, viu mais centenas de corpos espalhados no

campo de batalha. Toda a primeira vaga de Pandesianos estava mortos. Ela mal podia acreditar. Porém, ouviu-se o som de uma corneta. Ela olhou para cima e viu algo que gelou o seu sangue: mais milhares de Pandesianos marcharam no horizonte, uma força com dez vezes o tamanho desta, todos a vir como reforços dos seus homens. Ela olhou e viu Kyle, a sangrar, respirando com dificuldade, claramente exausto. Ela sabia que nem mesmo ele conseguiria aguentar outra investida.

Seguiu-se o som de outra corneta, elevando-se pelo ar. No entanto, estranhamente, este não era o som das cornetas familiares de Escalon ou da Pandesia. Ela não conseguia identificá-la; nunca a tinha ouvido antes.

Kyra virou-se e olhou para trás. Ficou aterrorizada ao ver o horizonte atrás dela repleto com milhares de soldados - contudo, ainda mais perturbador, estes eram soldados de outro exército. Outra raça. Ali, marchando firmemente para cima da colina, em direção à capital e em direção ao exército Pandesiano, estavam milhares de trolls. Aqueles sons de corneta, Kyra percebeu com um sobressalto, eram as cornetas de Marda. De uma nação de trolls. Ela mal podia acreditar: a invasão deles havia começado.

Dois exércitos enormes estavam prestes a enfrentar-se um ao outro e aconteceu que Kyra e Kyle estavam enclausurados no meio. Não havia nenhuma possibilidade, ela percebeu, de Kyle lutar contra ambos os lados de uma vez - e ambos os lados, com os olhos nele, claramente o queriam morto como o primeiro ato de guerra. Kyle viu aquilo, também, com os olhos arregalados de surpresa, apercebendo-se ao mesmo tempo que ela.

Kyle, de repente, correu para ela e ajoelhou-se ao seu lado, ofegante. Tinha sangue nas mãos, nos ombros, nos braços e ela, preocupada, aproximou-se para abraçá-lo. Mas exatamente ao tentar, os ombros dela caíram; os seus olhos estavam muito pesados e ela estava muito fraca devido à perda de sangue, às suas feridas.

Um momento depois, Kyra sentiu as mãos suaves de Kyle na sua cintura, em seguida, sentiu que estava a ser levantada no ar. Era tão bom estar nos seus braços.

Ele colocou-a de estômago nas costas de Andor. Ela tentou abrir os olhos para ver, no entanto, dentro e fora da consciência, ela estava muito fraca. Ela apenas via um flash de imagens: o rosto de Kyle, a olhar para trás, com compaixão nos seus olhos. Os dois exércitos aproximavam-se. E, por fim, Kyle segurou suavemente o rosto dela nas mãos dele.

"Vai para longe daqui", disse ele com uma voz tão suave. "Andor sabe onde. Nunca voltes. E lembra-te de mim."

Então ele olhou-a nos olhos, até que, por fim, ela foi capaz de abri-los, apenas por um momento.

"Eu amo-te", disse ele.

Kyle inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Andor. Ela tentou alcançá-lo, para pedir-lhe para ele não se ir embora. No entanto, ela estava demasiado fraca para proferir as palavras.

Então Andor partiu. Saiu a correr com ela às costas e com Leo ao seu lado. Kyra tentou desesperadamente impedi-lo. Ela não queria sair daquele campo de batalha, nem queria que Kyle permanecesse lá por causa dela, onde certamente ele ia morrer.

No entanto, ela estava exausta demais para parar Andor. Não havia nada que pudesse fazer a não ser agarrar-se ao ver-se a correr pelo campo, caída sobre ele, dirigindo-se para longe dali.

Ela reuniu a força para olhar para trás uma última vez, o mundo para cima e para baixo. Ela viu Kyle, agora apenas um detalhe, cercado, os exércitos a fecharem o cerco sobre ele de ambos os lados. Ele estava ali orgulhosamente. Levantou a sua lança, inflexível, preparada para atender a ambos, preparado para travar uma batalha que ele sabia que não conseguia ganhar. Kyra estava destroçada porque sabia que ele estava a ficar para trás para distraí-los, mantê-los longe dela, para morrer por causa dela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Vesúvio liderava o exército de trolls atacando os Pandesianos, levantando a sua alabarda alto e soltando um grande grito de guerra. Ele estava ansioso por sangue e quase conseguia sentir-lhe o gosto. Diante dele estava algo que o incendiou: um mar azul e amarelo de Pandesianos suficientemente parvos para pensar que conseguiriam deter Marda. Ele mataria todos e de cada um deles.

Ao aproximar-se, Vesúvio notou que, estranhamente, eles nem sequer pareciam estar a atacar os seus trolls - em vez disso, todos eles pareciam estar fixados em atacar um único homem. Um rapaz, ao invés, com longos cabelos dourados, que se movia por entre as suas fileiras como uma explosão de luz, atacando-os por todos os lados e que só parou, momentaneamente, para colocar uma miúda num cavalo e mandá-la embora.

Era uma cena desconcertante e Vesúvio mal sabia o que fazer. Quem era esse rapaz que ousava enfrentar um exército de forças Pandesianas? Quem era a miúda que ele tinha salvado? Para onde é que ele a tinha enviado?

Nada disso importava, porém; Vesúvio mataria de bom grado tudo e todos que se atravessassem no seu caminho e se eles estivessem no caminho para a capital, então pior para eles. A capital seria dele. O seu objetivo final, claro, era atacar a Torre de Kos e capturar a Espada de Fogo; mas Andros estava precisamente no caminho e era um prémio demasiado valioso para ignorar. Além disso, ele estava a divertir-se muito a destruir aquele campo, uma cidade de cada vez.

Embora o mar de azul e amarelo diante dele fosse muito superior à quantidade dos seus trolls, Vesúvio estava ansioso por entrar em batalha com eles. Matar aqueles humanos em Escalon tinha sido muito fácil; ele desejava um inimigo real. Enquanto observava a estranha batalha acontecer diante dele, porém, começou a perceber que aquele rapaz, aquele que estava a espancá-los profundamente, mas lentamente a perder força, devia certamente ser importante. Porque outro motivo eles o enfrentariam? E porque outro motivo seria ele capaz de afastá-los?

Ele devia, Vesúvio percebeu, ser um prémio muito especial para a Pandesia – o que significava que ele também seria um prémio especial para Marda. Vesúvio admirava qualquer guerreiro que conseguisse lutar assim;

este rapaz tinha claramente mais destemor do que o seu lamentável exército de trolls. Ele queria-o como prémio. Ele queria-o a lutar pela sua nação.

"ATACAR!", gritou Vesúvio.

Vesúvio avançou para o ataque, levantando a sua alabarda, salivando com a ideia da batalha, do derramamento de sangue, ouvindo os passos estrondosos da sua nação por trás dele. Ao aproximarem-se, o rapaz misterioso virou-se e Vesúvio não viu medo nos seus brilhantes olhos cinzentos, o que o surpreendeu. Ele nunca tinha encontrado um inimigo que não tremesse de medo ao ver a sua cara e corpo grotescos.

Mas ele viu surpresa. Afinal, o rapaz certamente não estaria à espera que um exército de trolls o atacasse, encurralando-o entre eles e o exército Pandesiano. Vesúvio sorriu largamente, ao decidir aquecer o cenário.

"FLECHAS!", gritou.

De forma obediente, a sua linha dianteira de soldados ergueu os seus arcos e disparou.

Vesúvio assistia com prazer à medida que o céu se enegrecia e o mar de flechas navegava em direção ao rapaz. Ele antecipou o momento da morte do rapaz, da sua perfuração por milhares de flechas e quase guinchou de alegria. Talvez agora ele tivesse medo.

Mas Vesúvio ficou chocado ao ver o rapaz ficar ali, firme, como se pronto para abraçar as setas. E então, para horror do Vesúvio, o rapaz apenas moveu o braço no último momento, afastando para longe todas as setas com uma pancada. Elas separaram-se no céu, caindo ao seu redor, muitas ainda passando por ele e matando soldados Pandesianos.

Vesúvio olhou, estupefacto. Ele nunca tinha visto nada parecido na sua vida. Claramente, aquilo não era humano, mas um rapaz de outra raça. O que daria um prémio ainda mais valioso.

O rapaz virou-se e olhou fixamente para Vesúvio, como se a observá-lo. Os dois de olhos bloqueados. Vesúvio tomou nota da fúria nos olhos do rapaz, uma ferocidade que combinava com a sua própria. A sua curiosidade aprofundou-se. Ele levantou a alabarda e duplicou a sua velocidade, indo direto a ele. Ele amava um desafio e, finalmente, ele tinha encontrado um adversário digno.

Vesúvio, apenas a alguns passos de distância, baixou a sua alabarda na direção do peito do rapaz, com o objetivo de dividi-lo em dois. Ele já podia sentir a vitória.

Mas para sua surpresa, o rapaz desviou-se, mais rápido do que ele pensava, levantou o seu bastão e, para choque de Vesúvio, atirou-o para cima e empurrou Vesúvio fazendo-o cair. Foi um golpe surpreendentemente poderoso, mais forte do que qualquer outro que Vesúvio já tivesse recebido.

De costas, vendo estrelas, com a sua cabeça a tilintar, Vesúvio percebeu que, tanto quanto se conseguia lembrar, era a primeira vez que o venciam. Agora ele realmente queria saber: quem era aquele rapaz? Agora, ele estava determinado a capturar esse rapaz a todo o custo. Ele precisava dele - se ele conseguisse controlar a sua própria vontade de o matar primeiro.

Os milhares de trolls de Vesuvio aproximaram-se, cercando o rapaz em todas as direções. O rapaz deu balanço ao seu bastão. Vesúvio via faíscas de luz a voar enquanto o rapaz golpeava para longe alabardas como se fossem palitos. Ele girou e atirou os seus trolls ao chão, dez de cada vez, troçando deles. Vesúvio estava prestes a entrar na luta.

No entanto, antes de conseguir, ele viu-se forçado a voltar-se para os Pandesianos, que, de repente, se dirigiram para os seus trolls com um choque estrondoso de armaduras e armas, o mar de azul e amarelo. Com a sua atenção distraída do rapaz, ambos os exércitos concentraram-se um no outro. Os humanos gritavam e caiam enquanto os seus trolls, duas vezes do seu tamanho, levantavam as suas poderosas alabardas e cortavam-nos ao meio, diretamente através da sua armadura.

Porém, os Pandesianos continuavam a chegar, implacáveis, como uma corrente de formigas, sem se importarem com a morte. Eles eram um exército de escravos, com comandantes sem remorsos e isso notava-se. Vesúvio admirava a sua disciplina, o seu completo desrespeito pela vida. Novas fileiras de Pandesianos avançavam, sendo repostas assim que aniquiladas.

Alguns acabaram por conseguir, mantendo-se nas suas linhas bem disciplinadas. Era só uma questão de tempo até que os trolls, apesar de seu maior tamanho e força, começassem a cair.

Vesúvio virou-se ao ser atacado por uma dúzia de soldados Pandesianos. Ele deu balanço à sua alabarda à medida que as espadas deles desciam para ele, cortando quatro espadas ao meio num só golpe. De seguida, no mesmo movimento, virou-se e cortou quatro cabeças.

Simultaneamente, mais uma dúzia de soldados, vinda de trás, saltou para cima dele. Atacaram-no no chão. Ele girou e abriu os braços maciços,

atirando-os para trás. Ele então deu-lhes uma cotovelada na cara, partindo maxilares, ouvindo os ossos a estalar. Um som que lhe dava imensa alegria.

No entanto, apareceu ainda mais uma dúzia de soldados, derrubando-o, pontapeando-o na cara, em todo o seu corpo. Ele apanhou a sua alabarda do chão, virou-se e cortou-lhes as pernas, matando mais meia dúzia.

Seguidamente, uma seta veio na sua direção, falhando por pouco.

De seguida, outra.

E outra.

Ao redor dele, começaram a cair trolls. Quando Vesúvio olhou para o horizonte, viu um mar infinito agitado com amarelo e azul. Ele sabia que conseguia matar milhares deles - mas ele finalmente percebeu que não seria suficiente. Estes Pandesianos tinham *milhões* de homens. As suas tropas eram implacáveis como um exército de formigas que acabaria por rastejar e matar a sua nação. Ele sabia que tinha de recuar. Ele não tinha escolha. Eles poderiam ter Andros por enquanto. O prémio maior, afinal, era a Torre de Kos, a Espada, e reduzir As Chamas. Quando o fizesse, isso iria permitir que milhões dos seus homens entrassem. Então, ele poderia terminar esta guerra – nos seus próprios termos.

Vesúvio fez um gesto para os seus comandantes e, quando os ordenou, pela primeira vez em anos, eles fizeram soar a corneta de retirada. Era um barulho que lhe custava ouvir.

Bem disciplinados, os seus soldados viraram-se e começaram a retirar-se. No entanto, ao virar-se para ir, Vesúvio percebeu que não podia sair dali sem o seu prémio. Ele voltou os olhos para o rapaz, que estava orgulhosamente a atacar Pandesianos e trolls em ambos os lados, girando em círculos, desviando-os. Ele conseguia ver que o rapaz estava exausto, sobrecarregado, com os seus poderes a esgotarem-se, lutando com muitos soldados em ambas as direções. Este rapaz era heróico e imprudente.

Vesúvio sabia que não podia usar uma arma normal sobre o rapaz - e ele sabia agora que não o queria morto. Ele era muito valioso para isso.

"O RAPAZ!", gritou Vesúvio para os seus soldados de elite.

Uma centena dos seus melhores trolls viraram-se e juntaram-se a ele enquanto ele corria para o rapaz. Eles cercaram-no por todos os lados, todos a abanarem as alabardas.

O rapaz afastou esta vaga de tropas com a sua lança e bastão mágicos, com o barulho do metal a pesar no ar. Frustrado, Vesúvio teve de admitir

que também o admirava. Há muito tempo que não encontrava um guerreiro que realmente admirasse.

Vesúvio percebeu rapidamente que até mesmo os seus homens de elite não poderia vencê-lo - nem tinham muito tempo com os Pandesianos a aproximarem-se. Ele manteve os seus homens a lutar, porém, como uma distração. Isso dava-lhe tempo para extrair a sua rede Luathian e sorrateiramente aparecer por detrás do rapaz. Feita de fios de uma origem antiga, era uma arma que ele reservava apenas para situações muito especiais - como esta.

Vesúvio puxou a rede do saco à sua cintura, correu para a frente e, ao surgir por detrás do rapaz, lançou-a no ar. Ela desenrolou-se com um sussurro sobrenatural, como se estivesse viva. Ele observava em delírio. A rede espalhou-se e caiu sobre o rapaz, enrolando-o, magicamente contraindo-se, encolhendo-se em torno dele, envolvendo-o, restringindo os seus braços. Em pouco tempo o rapaz, incapaz de se mover, caiu no chão.

Ele era dele.

Vesúvio, emocionado, agarrou no seu prémio pela cintura e atirou-o para cima do seu ombro.

"RETIRAR!", ordenou.

Ele virou-se e correu a toda velocidade, enquanto a sua nação de trolls o seguia. A Torre de Kos estava algures para sul, o Dedo do Diabo estava diante dele e com seu prémio recém-descoberto, o seu mais novo recruta, não haveria como pará-lo agora.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O Seu Mais Glorioso e Supremo Ra desceu para as masmorras de Andros ladeado por duas dúzias da sua comitiva, com as suas botas a ecoar na escada de pedra em espiral enquanto descia nível após nível. Ele alcançou os níveis mais baixos e marcharam por corredores escuros de pedra, iluminados apenas por eixos distantes de luz solar, passando filas de barras de ferro. Eram como a maioria das prisões onde ele tinha estado: alguns prisioneiros correriam para a frente, a gritar, enquanto outros ficavam ali em silêncio, fervendo de raiva. Ra adorava masmorras. Lembravam-lhe o seu poder supremo, de como todos no mundo lhe eram subservientes.

Ra caminhava pelos corredores, ignorando-os a todos, interessados apenas numa pessoa: o prisioneiro final na cela final. Ra tinha a certeza que Duncan era mantido na sua parte mais funda e escura. Afinal de contas, ele queria acabar com aquele homem mais do que qualquer coisa.

Ra virou corredor após corredor até que passou a última das celas e chegou a uma cela final bem lá na ponta. Ele ficou ali em pé diante da cela e acenou com a cabeça. Vários dos seus servos correram para a frente, abrindo-a para ele.

Os grandes portões de ferro rangeram ao abrirem-se lentamente.

"Deixem-me", Ra virou-se e ordenou aos seus homens.

A sua comitiva virou-se e caminhou saindo dos corredores, tomando posições fora da vista.

Ra entrou na cela e a porta fechou-se atrás dele. Estava muito mais escuro ali e, ao caminhar no meio da escuridão, ao som da água a pingar e dos ratos a fugir, lá, num canto escuro, viu o homem que tinha vindo ver. Duncan. Ali estava ele, o líder da grande rebelião, o homem que se dizia estar entre os melhores guerreiros de todo o mundo.

Que patético. Ali estava ele, acorrentado, no chão como um cão. Estava imóvel, com os olhos quase fechados de todas as tareias que tinha apanhado. Ra suspirou. Ele esperava um adversário mais formidável do que aquilo. Não havia ninguém que restasse no mundo que fosse tão forte quanto ele?

E, no entanto, quando Ra se aproximou, Duncan olhou para a luz das tochas, diretamente para ele e Ra reconheceu algo nos seus olhos, algum

orgulho, alguma valentia, algum destemor, que o impressionou. Era um olhar que Ra raramente via e que ele apreciava. Imediatamente sentiu uma afinidade com este homem, mesmo sendo seu inimigo. Talvez ele não o dececionasse tanto quanto ele pensava.

Ra parou a alguns pés diante de Duncan, elevando-se sobre ele. Saboreou o silêncio, a sensação de o controlar.

"Sabes quem eu sou?", perguntou Ra, com uma voz autoritária e crescente na cela que ecoava pelas paredes.

Ra esperou durante muitos segundos, mas Duncan não respondeu.

"Eu sou o Grande e Santo Imperador da Pandesia, o Seu Glorioso Ra. Eu sou a luz do sol, os raios da lua e o berço das estrelas. Estás a ter a honra de estar perante a minha presença, uma honra que poucos recebem na vida. Quando eu entro numa sala as pessoas ficam de pé e curvam-se diante de mim; acorrentado ou não, eles baixam o rosto para o chão. Vais curvar-te para mim agora ou vais ter um encontro com a morte."

Seguiu-se um longo silêncio. Por fim, Duncan olhou para cima e olhou fixamente para ele, com um olhar de desafio.

Ra ficou ali, esperando impacientemente. Ele ansiava por deferência do último homem sobrevivente que tinha ousado desafiá-lo. Ter Duncan a fazer-lhe uma vénia seria como ter Escalon a fazê-lo, iria mostrar a Ra que não havia uma única alma nesta terra que ousasse desafiá-lo.

No entanto, para sua fúria, Duncan não se curvou.

Finalmente, Duncan pigarreou.

"Eu não me curvo perante ninguém", disse Duncan, com a voz fraca. "Perante nenhum homem e nenhum deus. E tu certamente não és nenhum deus. Espera pela minha vénia e ficarás à espera durante muito tempo."

Ra ficou vermelho. Ele nunca tinha enfrentado tal impunidade

"Estás preparado para te encontrares com a tua morte?", perguntou Ra.

Duncan olhava fixamente para ele, imperturbável.

"Já enfrentei a morte muitas vezes", respondeu. "É um amigo familiar. Todos os que amo estão mortos. Seria agora um alívio bem-vindo."

Ra viu o brilho nos olhos daquele homem e sentiu que as suas palavras eram verdadeiras. Ele ouviu a autoridade na sua voz, a autoridade de um homem que havia comandado homens e isso fez com que o respeitasse ainda mais.

Ra pigarreou e suspirou.

"Eu vim até aqui abaixo", respondeu ele, "para ver a face do meu inimigo. Para que soubesses em primeira mão o que eu fiz ao teu outrora grande país. Está tudo em minhas mãos agora. Tudo subjugado. Toda e qualquer aldeia e cidade. A tua filha, Kyra, está a ser perseguida agora e será nossa em breve. Vou ficar muito contente e orgulhoso em tê-la como minha escrava pessoal."

Ra sorriu largamente ao ver a raiva no rosto de Duncan. Finalmente, ele estava a conseguir chegar-lhe.

"Os teus grandes guerreiros estão todos mortos ou capturados", continuou Ra, querendo fazê-lo sofrer, "e nada resta do Escalon de outros tempos. Em breve, nem sequer vai ser uma memória, pois eu vou mudar-lhe o nome. Não será mais do que um posto avançado da Pandesia. O teu nome, as tuas explorações, os teus guerreiros, a vida que viveste - tudo isso vai ser apagado dos livros de história. *Tu* não vais ser nada, nem mesmo uma carapaça, nem mesmo uma memória. E aqueles que se lembrem de ti serão todos mortos, também."

Ra sorria, incapaz de conter a sua alegria.

"Eu vim aqui abaixo porque eu queria ver o teu rosto quando te dissesse", ele concluiu.

Seguiu-se um longo silêncio, com Ra à espera, tremendo de antecipação, ao ver a variedade de emoções a rodopiar no rosto de Duncan.

Finalmente, Duncan respondeu.

"Eu não preciso de memórias", disse ele, numa voz rouca mas ainda num tom de desafio. "Eu não preciso de livros de história. Eu sei a vida que vivi. Eu sei *como* tenho vivido. E o mesmo acontece com as pessoas que viveram comigo. Se eu estiver morto ou esquecido não me faz diferença. Dizes que ficaste com tudo. No entanto, esqueces-te de uma coisa: o nosso espírito permanece intacto. E isso nunca pode ser tomado. Isso é a única coisa que nunca conseguirás possuir. E a raiva que isso te dá é o que alegrará na minha morte."

Ra sentiu uma intensa onda de raiva. Respirou fundo e fez má cara ao olhar para baixo para essa criatura com ar de desafio.

"De manhã", disse Ra, tremendo de raiva, "quando eles te vierem buscar para a tua morte, vais para a praça pública e proclamarás a todos em Andros que estavas errado. Que eu sou o governante supremo. Que te curvas perante mim. Se fizeres isso, eu não te vou torturar e morrerás de uma

forma rápida e indolor. Se fores convincente, eu até te posso deixar viver e devolver-te a regência da tua terra."

Este era o momento em que Ra esperava que Duncan, como todos os seus outros prisioneiros em todas as suas outras terras, finalmente cedesse.

Mas para surpresa de Ra, Duncan continuou a olhar para ele com ar de desafio.

"Nunca", respondeu Duncan.

Ra olhou para ele. Num acesso de raiva, ele desembainhou a espada e levantou-a, com as mãos a tremer. Mais do que qualquer coisa, ele desejava cortar-lhe a cabeça exatamente naquele momento. No entanto, ele forçou-se a abster-se, querendo antes vê-lo torturado publicamente.

Ra atirou a sua espada que caiu com um som estridente. Ele virou-se e saiu de repente da cela, ansioso pelo amanhecer, pela morte de Duncan e por Escalon ser seu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kavos estava detido no meio da multidão de soldados, com Bramthos, Seavig e Arthfael a seu lado, todos eles prisioneiros de guerra, todos desesperados para sair. Ao lado dele estavam centenas de homens, os seus homens, os homens de Duncan, os homens de Seavig, todos soldados orgulhosos e nobres, todos os que tinham seguido Duncan na guerra e tinham sido forçados a renderem-se. Ele mal conseguia imaginar que chegaria a isto e que todos eles ficariam à mercê de Pandesia.

Kavos estava encolerizado. Tinha sido um erro render-se a estes Pandesianos. Teria sido melhor ter-se deixado morrer nos combates. Duncan tinha sido levado. Sofria ao pensar no que lhe teria acontecido. Estava vivo? Morto? A ser torturado?

Kavos nunca se tinha rendido antes, nunca na vida, em nenhuma circunstância. Ele tinha-o feito desta vez apenas por má vontade. Ele apenas o tinha feito por ordem de Duncan, apenas tinha deposto as suas armas porque milhares de outros soldados haviam feito o mesmo. Todos eles tinham sido encurralados aqui, aguardando o seu destino, dia após dia, sem fim à vista. Seriam libertados? Haveria uma amnistia? Eles seriam escravizados no exército Pandesiano? Ou estaria a Pandesia à espera para os matar?

Kavos andava de um lado para o outro, como fazia todos os dias, à espera de ouvir o seu destino. Ele olhava para os milhares de soldados desalentados, em pé, sentados ou a andar, detidos neste enorme pátio de pedra, com barras de ferro a enjaulá-los por todos os lados. Eles estavam quase a uma milha fora da capital. Ele olhou para fora e viu a bandeira Pandesiana a esvoaçar ousadamente por cima dos portões da cidade. Ele encolerizou-se. Ele queria apenas mais uma hipótese para atacar corajosamente os Pandesianos. Ele não se importava de morrer no processo - ele simplesmente não queria morrer assim.

Mais do que tudo, Kavos queria encontrar e libertar Duncan. Duncan era um bom homem e um bom guerreiro, que tinha feito apenas um erro em confiar demais, em acreditar nos homens pelas suas palavra. Nem todos os homens eram como ele.

"Achas que eles ainda estão vivos?", ouviu uma voz.

Kavos virou-se e viu Seavig de pé ao lado dele, olhando para ele, preocupado. Kavos suspirou.

"Duncan não nasceu para morrer", disse ele.

"A morte não detém controlo sobre ele", acrescentou Bramthos aproximando-se. "Ele escapou à morte muitas vezes. Se ele morrer, então tudo o que temos entre nós morre com ele."

"No entanto, os seus filhos foram mortos", Seavig entrou na conversa. "Isso poderia tirar-lhe a vontade de viver."

"É verdade", disse Arthfael, juntando-se a eles. "No entanto, ele tem um outro filho por quem viver. E uma filha."

"Vamos ficar aqui e esperar, então?", perguntou Bramthos. "Esperamos que os Pandesianos decidam o nosso destino? Para virem e nos matarem a todos?"

Todos eles trocaram olhares desconfortáveis.

"Eles não nos vão matar", disse Seavig. "Se eles nos fossem matar, não o teriam já feito?"

Kavos encolheu os ombros enquanto todos olharam para ele.

"Talvez não", respondeu Kavos. "Afinal, existe uma mais–valia em matar-nos publicamente."

"Ou em nos escravizar", acrescentou Arthfael, "espalhando-nos pelos seus exércitos e enviando-nos além-mar."

Ali estavam eles preocupados, quando, de repente, uma alegria súbita ouviu-se a cortar o ar. Kavos e os outros viraram-se e olharam lá para fora através das barras de ferro. Ele viu, ao longe, um grande grupo de soldados Pandesianos a celebrar, acenando a bandeira da Pandesia. Ele observava os soldados jubilantes, questionando-se sobre o que estaria a acontecer.

Ele gritou para o guarda parado em pé imediatamente a seguir ao muro.

"O que aconteceu?"

O soldado virou-se e sorriu para ele.

"Parabéns", disse o soldado. "O teu rei está morto."

Kavos sentiu um buraco no estômago dando voltas à cabeça, tentando entender. Ele estava a referir-se a Duncan?

Então, de repente, ele percebeu: Enis. O usurpador.

"Nenhum de nós está seguro", disse Seavig. "Se eles já o mataram, certamente não nos vão poupar."

Olharam todos uns para os outros com rostos sombrios. Kavos sabia que ele estava certo. Eles não respeitaram a lei. A morte estava a chegar para

todos eles.

"A noite está a cair", disse outro, olhando para fora para lá do pôr do sol, vendo as tochas a serem acendidas. "Talvez eles nos matem, também, amanhã."

"Então, não lhes vamos dar essa hipótese", disse Kavos, formando uma ideia.

Todos olharam para ele.

"Nós não temos armas", disse Seavig. "O que podemos fazer?"

"Nós temos as nossas mãos", respondeu Kavos. "E nós temos as nossas mentes. Às vezes isso é tudo o que se precisa."

Eles olhavam para ele intrigados e Kavos, formando uma ideia, caminhou até às barras da cela.

"Tu aí!", gritou para o guarda novamente. "Precisamos de ajuda!"

O guarda Pandesiano, que andando de um lado para o outro à distância, olhou para ele com desconfiança.

"Que tipo de ajuda poderias tu eventualmente precisar?", perguntou.

"Eu tenho algo aqui", ele improvisou, "algo que o Supremo Ra estará ansioso para ver."

O guarda franziu a testa e, em seguida, virou-se e aproximou-se, parando a poucos passos de distância.

"Se me estás a fazer perder tempo", disse ele rispidamente: "Eu mato-te. E aos teus amigos". Ele franziu as sobrancelhas. "Então o que é?"

Kavos engoliu, pensando rápido. Ele precisava que o guarda se aproximasse.

"Podes levar-lhe isto tu mesmo e seres o herói", disse Kavos. "Tudo que eu quero em troca são mais provisões."

"Considera-te cheio de sorte se eu não te matar", o guarda vociferou. "Agora mostra-me."

Kavos, lembrando-se, de repente, da jóia na sua sacola, uma que a sua mulher lhe havia dado antes de ele partir para a guerra, tirou um pano do seu saco, desdobrou-o, revelando um rubi vermelho cintilante.

O guarda, intrigado, deu um passo adiante, como Kavos esperava que ele fizesse, parando antes das barras de ferro.

"Entrega-mo", ele exigiu.

"Certamente", respondeu Kavos.

Kavos estendeu a mão com a jóia, colocando-o através das barras e, quando o guarda tentou agarrá-lo, Kavos deixou-o cair. O guarda baixou-se

para apanhá-lo e, ao fazê-lo, Kavos deu-lhe um pontapé o mais forte que conseguiu, através das grades, na cara, atirando-o ao chão.

Seguiu-se uma movimentação súbita quando todos os prisioneiros em torno dele se aproximaram a correr, excitados. Kavos lançou-se através das barras e agarrou o corpo, conseguindo alcançá-lo por pouco. De seguida, arrastou-o para a frente, alcançou o cinto do guarda e agarrou as chaves. Todos os homens ao seu redor aplaudiram quando ele rapidamente abriu as grades com as mãos trémulas.

O pesado ferro rangeu quando eles o abriram.

Kavos parou na porta da cela, olhando para fora, vendo os Pandesianos ao longe. Felizmente eles não tinham visto ainda. Todos os prisioneiros pararam na porta atrás dele, sem saber. Kavos virou-se e olhou para eles.

"Homens", ele gritou: "estamos desarmados. Nós temos duas escolhas. Podemos fugir para as nossas casas, fugir da capital e ir para tão longe e tão rapidamente quanto conseguirmos. Ou podemos fazer o que os guerreiros fazem, o que os homens de Escalon fazem: matar esses invasores, tirar-lhe as armas e resgatar o nosso comandante! Nós provavelmente iremos morrer a tentar. Mas vamos morrer com honra! Estão comigo?!"

Ouviu-se uma grande exclamação. Como um só, os prisioneiros correram para fora do portão, uma força unificada, todos a correr para os Pandesianos, todos preparados para lutar até a morte. Ou morreriam naquele campo ou Andros seria deles.

Duncan, Kavos pensava. Aguenta-te. *Nós vamos ter contigo*.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Aidan estava com Motley em cima do palco improvisado, uma plataforma de madeira enorme no centro de Andros. Ele olhou para o mar de rostos. Ficou ali, congelado. Pela primeira vez na sua vida, estava com medo do palco. Ele nunca se tinha aproximado de um palco, nunca tinha sequer conhecido um ator antes de se conhecer Motley. Ali, enquanto parte do jogo, a olhar para a multidão, com toda a gente a olhar para ele, ele nunca se tinha sentido tão consciente de si mesmo em toda a sua vida. Ele queria encolher-se e morrer.

Ali, incapaz de se lembrar da sua deixa, Aidan tinha agora uma respeito totalmente novo pelos atores. À sua própria maneira, ele percebeu, eram guerreiros destemidos. Era preciso coragem para enfrentar essa multidão de estranhos, mais coragem do que ele tinha, mais coragem até que o seu pai e os seus homens precisaram para levantar as suas espadas.

Motley virou-se e olhou para ele, claramente irritado, repetindo a sua linha:

"Achas realmente que Escalon pode servi-lo?", ele cutucou.

Aidan tinha uma boa visão. O mundo desacelerou como ele viu vários atores num canto do palco fazendo malabarismo com bolas multicoloridas e vários atores noutro canto a fazer rodar tochas flamejantes pelo palco. Ele sabia que tinha um papel nesta peça, mas ele simplesmente não conseguia, pela sua vida, lembrar-se.

Por fim, Motley deve ter-se apercebido que ele estava com uma branca, porque ele aproximou-se e colocou a mão no ombro de Aidan.

"Eu posso ver que consegues", Motley trovejou para a multidão, salvando-o. "Eu estou contente por servir o Supremo e Santo Ra, assim como todos nós. Ele glorificou a nossa pátria com a sua visita. Não achas?"

Aidan sabia que aquela era a sua deixa, que era suposto ele dizer alguma coisa. Mas ele esqueceu-se o que era. Sentiu que todos olhavam para ele e desejava ser invisível. Este era um plano idiota, percebia agora, pensando que podia entreter os Pandesianos para os distrair, para levá-los para o coração da capital, mais perto do seu pai, para salvá-lo. Isso levou-os para mais perto, mas Aidan não via como isso podia funcionar. Ele tinham-lhe permitido o acesso ao centro da capital e Motley tinha razão: parecia que toda a cidade estava rebitada. Era a distração que ele precisava. No entanto,

ele não conseguia lembrar-se, com todas essas pessoas a olharem para ele, o que havia de fazer.

"Sim", ele finalmente disse, com a voz embargada.

A multidão explodiu em gargalhadas, percebendo claramente que Aidan se tinha esquecido das suas falas e Aidan corou; ele nunca se tinha sentido tão humilhado.

"E vais servi-lo para sempre?", Motley espicaçou-o, assentindo secretamente com a cabeça.

"Sim", disse Aidan novamente.

Motley enfrentou a multidão e sorriu.

"Um homem de muitas palavras!", gritou ele.

A multidão rugiu às gargalhadas.

Um grupo de atores, de repente, aproximou-se a correr e juntou a eles no palco, fazendo malabarismo com tochas, sinalizando que esta parte da peça tinha acabado. Ao fazê-lo, Motley gesticulou para Aidan, que se aproximou dele apressadamente.

"Agora é a hora", Motley sussurrou urgentemente. "Move-te rapidamente!"

Aidan caiu na realidade, lembrando-se do plano de mestre deles, do porquê de eles ali estarem, em primeiro lugar. Com a multidão distraída, ele rapidamente escapuliu-se, escondendo-se atrás dos novos atores e saindo pela parte de trás do palco.

O coração de Aidan batia enquanto ele saiu a correr do palco, a saltar, batendo no chão duro e tropeçando no chão. Ele ficou de joelhos e correu para um canto escuro atrás do palco, onde ele se recompôs, respirando com dificuldade, a suar.

Ele olhou para todos os lados, com as palmas das mãos suadas, tentando lembrar-se do plano. Era difícil pensar como deve ser.

O pai dele. As masmorras. Os guardas...

Branco, esperando nas sombras do palco, imediatamente surgiu ao lado dele. Aidan ajoelhou-se diante dele e acariciou-lhe sua cabeça.

"Tu ficas aqui, rapaz", disse ele. "Não podes vir comigo para onde vou. Espera por Motley. Ele vem ter contigo."

Branco lambeu-lhe o rosto em troca.

Aidan percebeu que não tinha tempo a perder e entrou em ação, com o coração a bater de entusiasmo, percebendo o quão perto estava o seu pai. Ele correu por becos escuros, girando e virando nas ruas secundárias de

Andros, indo em direção ao baixo edifício de pedra, ao longe, onde ele sabia onde era a masmorra.

Ele finalmente parou nas proximidades e agachou-se nas sombras, respirando com dificuldade, ao olhar e estudar um soldado Pandesiano que montava guarda nos imponentes portões de ferro para a masmorra. Aidan atormentava-se, querendo saber como passar pelo guarda. Ele havia esperado que, com a cidade inteira a assistir à peça, os guardas também o estivessem a fazer. Mas estava errado. Ele não podia derrotar este homem e não via forma de passar por ele.

Aidan pensou bastante e percebeu que precisava de causar uma distração. Ele estendeu a mão e sentiu a bolsa de moedas de prata à cintura, moedas estas que Motley lhe havia dado, para o caso de ser preciso. Ele aproximou-se a rastejar ao longo da parede e quando estava, apenas a alguns pés de distância, atirou a bolsa com toda a força.

A bolsa caiu no pátio, a cerca de dez pés do guarda. As moedas de prata derramaram-se e tilintaram na calçada.

O soldado saltou. Ele correu na direção do ruído. Aidan deteve a respiração enquanto ele olhava em volta, desconfiado.

Esta era a sua oportunidade. Aidan correu para o portão aberto, com o coração ao pulos. Ele começou a correr pelo portão - quando de repente ouviu passos atrás dele e sentiu uma mão áspera no seu ombro. Sentiu-se a ser puxado para trás. Virou-se e viu o rosto enraivecido do soldado Pandesiano, vestido na armadura azul e amarela, olhando fixamente para ele.

"Onde é que pensas que vais?", perguntou ele. "Quem és tu?"

Aidan ficou ali, sem palavras, sem saber o que dizer.

O soldado aproximou-se ainda mais, sacou de uma adaga da sua cintura e começou a erguê-la. Aidan encolheu-se, percebendo que aquilo ia acabar mal. Ele não tinha saída e não sabia o que dizer.

"Estava a tentar esgueirar-se para as masmorras. Porquê?", perguntou o soldado. "Estás a tentar resgatar alguém, não é? Quem?"

Aidan esforçava-se para se libertar, mas era inútil. O soldado era muito forte. Ele ergueu a adaga, preparando-se para cortar a garganta de Aidan. Aidan estava certo de que o seu tempo tinha chegado. O que mais lhe doía não era pensar que ia de morrer, mas sim estar tão perto de libertar o seu pai e ter falhado.

Aidan vislumbrou movimento , de soslaio. Depois, tudo aconteceu tão rápido; ele viu cabelo longo, cor de morango. Seguidamente, viu uma pequena miúda agarrar o braço do soldado e bater-lhe no pulso. O soldado gritou, deixando cair a faca.

A miúda imediatamente agarrou na faca e, num movimento rápido, espetou-a no seu coração.

O soldado arfou e caiu de joelhos, com uma expressão de choque no rosto, parecendo mais surpreendido pelo facto de uma jovem e pequena miúda conseguir matá-lo, do que pelo facto de estar a morrer. A miúda pegou a adaga e rapidamente cortou-lhe a garganta. Ele caiu de cara no chão, morto.

Aidan estava ali, atordoado, percebendo que a sua vida tinha sido salva e não entendendo porquê ou quem era essa pessoa. Ela olhou para ele e, ao olhar de perto, ele começou a reconhecer as características da miúda. Debaixo da sujidade no seu rosto e roupas, ela era surpreendentemente bonita, sensivelmente da sua idade, com olhos azuis brilhantes e as maçãs do rosto fortes. Ele conhecia, mas não se conseguia lembrar de onde.

"Não te lembras de mim?", perguntou ela.

Aidan abanou a cabeça, tentando.

"Ajudaste-me uma vez", disse ela. "Deste-me as tuas moedas."

Ela segurou um saco de moedas de ouro e, de repente, ele lembrou-se. A miúda mendigo. A miúda a quem ele tinha dado todo o seu dinheiro. *Cassandra*.

Ela sorriu.

"Eu quis dizer o que disse", disse Cassandra, "sobre recompensar-te. Considera-nos empatados."

Aidan olhou para ela com imensa gratidão, sem saber o que dizer. Ele olhou para trás, viu a cela aberta para as masmorras. Ele sabia que aquela era a sua oportunidade.

"A maioria das pessoas tenta fugir de uma masmorra, não é?", perguntou ela com um sorriso.

"O meu pai está lá dentro", Aidan respondeu, apressadamente.

"E achas realmente que vais libertá-lo?", perguntou ela. "Achas que ele está sem guardas?"

Enquanto ela pronunciava aquelas palavras, Aidan apercebeu-se de como o seu plano era estúpido. Mas já era tarde demais agora. Não havia outra escolha.

Ele encolheu os ombros.

"Eu tenho de tentar", disse ele, preparando-se para ir. "É o meu pai."

Ela observava-o, como se a perguntar-se se ele seria louco. Por fim, abanou a cabeça.

"Ok, então", disse ela. "Vamos a isso."

Os olhos de Aidan arregalaram-se surpreendidos.

"Porque que é que haverias de me ajudar?", perguntou.

Ela sorriu de volta.

"Eu gosto do risco", disse ela, "e gosto da causa. E eu odeio *verdadeiramente* os Pandesianos".

Ouviu-se um tumulto. Aidan virou-se e viu uma dúzia de soldados Pandesianos que apareceram do pátio, correndo diretamente para eles. Ele olhou para as masmorras e ficou horrorizado ao ver mais uma dúzia de soldados a avançarem pelo outro lado.

Ele virou-se e olhou para Cassandra. Ela olhou para ele com uma expressão igual de horror.

Eles estavam encurralados.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kyra caminhava lentamente através da névoa, balançando os braços, quando entrou num trajeto de floresta escura. Passou por árvores baixas e grossas com galhos retorcidos, contorcidos e revirados que a alcançavam. Elas criavam um arco, um caminho que cobria a sua cabeça, ficando cada vez mais escuro e mais nublado. Era um caminho que ela sentia que estava a fazer desde sempre.

O caminho abriu-se e Kyra encontrou-se numa pequena clareira onde o nevoeiro era mais espesso. Diante dela estava uma pequena casa de pedra, com luzes de tochas a cintilar vindas de lá de dentro, um sinal luminoso no meio do espesso nevoeiro. Kyra perguntava-se quem poderia estar lá dentro, quem podia viver num lugar tão misterioso, ali no meio do nada, no interior de uma floresta misteriosa, antiga.

Lentamente, a sua desgastada porta de carvalho abriu-se e de lá surgiu uma figura que ficou à sua frente, a olhar fixamente para ela, apenas a alguns passos de distância. Kyra pestanejou e mal podia acreditar no que via. Era *ela*. Ela estava de frente para *si própria*.

Ali estava uma réplica exata de si mesma, de frente para ela, pestanejando também. Era a coisa mais assustadora que Kyra já tinha visto.

"És digna?", perguntou a sua réplica.

Kyra olhou fixamente para ela, questionando-se. Era para o rosto dela que ela estava a olhar; era a sua voz, os seus gestos, o seu corpo. E ela não sabia como responder.

"És digna?", repetiu a miúda.

"Não entendo", respondeu Kyra.

"És digna de te tornares a guerreira que Escalon precisa que sejas?", perguntou a rapariga.

Kyra pestanejou, confusa.

"*Sou* digna", respondeu finalmente Kyra.

A miúda, de repente, puxou para fora um bastão e Kyra ficou chocada ao ver que era exatamente como o dela. Kyra agarrou no seu próprio bastão quando a miúda, de repente, avançou e atacou-a.

Kyra bloqueou-o, com o tilintar do metal a ecoar através da floresta. A miúda virou-se para ela uma e outra vez. As duas lutaram, em harmonia perfeita, atirando-se reciprocamente para trás e para a frente pela clareira,

nenhuma sendo capaz de ganhar uma vantagem. Elas antecipavam qualquer golpe e nenhuma conseguia encontrar uma abertura.

Kyra, encharcada em suor, sentiu-se envolvida numa batalha que parecia que ia durar para sempre. Ela estava a lutar contra si mesma, ela percebeu, não sabendo como o fazer.

Exatamente ao pensar que a luta nunca ia acabar, Kyra baixou um pouco o bastão e, de repente, para sua surpresa, o seu bastão foi arrancado da sua mão. A sua réplica desatarraxou a ponta do seu bastão, revelando uma lâmina e, de repente, deu um passo em frente e esfaqueou Kyra no intestino.

Kyra arfou, com uma dor tão severa que ela nem conseguia falar.

"És digna?", perguntou a miúda, olhando intensamente nos olhos dela.

Kyra arfava enquanto ela olhava fixamente para ela, sem palavras, sabendo que estava a morrer.

Kyra sentou-se, a gritar, coberta de suores frios, agarrando o seu estômago. Respirou fundo, olhando para si mesma e levou vários minutos a perceber que tinha estado a sonhar.

Kyra passou a mão sobre o estômago, ainda sentindo a dor do seu sonho, como se fosse real. Ela massajou-o, tentando encontrar a ferida e ficou desconcertada ao não encontrar nenhuma.

Kyra sentiu que estava sobre algo desconfortável. Olhou para baixo e viu pedras duras debaixo dela. Com o seu corpo dolorido, ela sentou-se, torceu-se, virou-se e olhou em volta, desorientada, perguntando-se onde estava. Era crepúsculo e, ao espreitar pela luz, uma paisagem tão estranha, levou alguns instantes para perceber que estava num lugar onde nunca tinha estava antes. Ela pestanejou várias vezes, tentando lembrar-se.

Ela lembrava-se de uma batalha. A lutar contra os Pandesianos. A tentar chegar a Andros, para salvar o seu pai. Ela havia sido cercada, em desvantagem numérica. Ela estava a ficar fraca. Lembrava-se de ser derrubada, perder a consciência e, então... de Kyle aparecer. Ajudando-a.

Kyra lembrava-se vagamente de ser colocada em Andor e, ao ouvir um ronco, ela entrou em movimento. O seu coração saltou de alegria ao ver Andor, mastigando um pedaço de musgo a cerca de 10 pés de distância; ao mesmo tempo, ela sentiu algo macio e peludo encostar-se a ela e olhou para o seu outro lado e viu Leo a lamber-lhe a palma da mão. Ela ficou aliviada ao ver os seus velhos amigos ali, com ela.

Kyle tinha-a salvado, ela percebeu. Ele tinha-a colocado em Andor e mandando-a para longe, muito longe do campo de batalha. Mas para onde?

Kyra sentiu uma onda de culpa ao pensar que tinha abandonado Kyle lá atrás, deixando-o sozinho a lutar contra os dois exércitos. Era impossível que ele tivesse sobrevivido - e ele devia saber isso. Ele havia ficado para trás como uma distração, para que ela pudesse fugir em segurança. Ele tinha-se sacrificado para que ela pudesse viver. Só de pensar nisso ela já se sentia morta. Ela daria tudo para estar lá, agora, ao seu lado.

Kyra olhou ao redor e, à medida que o nevoeiro se dissipava, viu que estava de pé no meio de pedras sem fim, esculturas espeleológicas e paredes a desmoronarem-se. Eram ruínas sem fim, apercebeu-se, uma cidade antiga que já não era. Apenas estavam intactas as fundações. Era, um lugar abandonado e misterioso, um lugar assombrado. Tinha sido tudo perfeitamente preservado, intocado durante milhares de anos mas, de alguma forma, parecia que era como caminhar num cemitério.

Ela ficou ali, perguntando-se onde estava. Era o lugar mais exótico onde ela já tinha estado, um lugar que, claramente, não tinha tido visitas durante milhares de anos, a planta de uma cidade que já tinha sido magnífica. E, ali no meio, ela sentia-se completamente sozinha.

Kyra deu o primeiro passo, vendo apenas ruínas em todas as direções, percebendo que estava longe de qualquer coisa e teria de fazer o seu caminho por esta cidade. Ela caminhou lentamente nos escombros, com pedras a esmagarem-se sob os seus pés, com Leo ao lado dela e Andor a segui-los. Ela olhou e ficou espantada por ver o quão vasto era este lugar. Era uma cidade mística, de tirar o fôlego, estendendo-se por milhas em todas as direções. Ela podia ouvir o fraco bater das ondas à distância e no horizonte podia ver o grande Mar do Arrependimento, com as suas ondas a rebentarem nos rochedos lá em baixo. Esta cidade, lá em cima, num planalto, estava empoleirada na borda do oceano.

Kyra assimilava tudo ao caminhar, esfregando a mão ao longo da antiga pedra lisa, muito grata por estar viva. O seu corpo doía-lhe a cada passo, cheio de maleitas e dores da batalha, mas não ter morrido era a Kyle que tinha de agradecer.

Ao passar por um arco de pedra em ruínas, uma passagem antiga, ela virou-se, olhou para cima e, ao longe, elevando-se sobre tudo, viu uma estrutura alta que permanecera na cidade. Parecia ser um grande templo de pedra, com algumas das suas paredes em colapso e estava enquadrada de ambos os lados por estátuas de pedra com cem pés, de mulheres que

usavam adereços na cabeça em louro e que tinham os braços esticados para fora e as palmas das mãos viradas para o céu. Parecia um lugar sagrado.

Kyra de repente percebeu: o Templo Perdido. O lugar onde a sua mãe tinha nascido. A outrora capital de Escalon. Ela tinha conseguido.

Kyra sentia algo de especial por este lugar, uma energia mística que pairava no ar. Era como um vapor que se agarrava a tudo, à sujidade, às pedras. Ela sentia que este era um lugar de poder, sentia que tinha sido outrora a maior capital do mundo. No entanto, ela sentia algo mais. Este era um lugar sagrado. Um lugar não habitado por seres humanos, mas por aqueles de outra raça. Ela sentia-o no próprio ar, no toque das pedras, a sensação eletrizante que ela tinha a cada passo que dava.

Kyra tinha sempre ouvido falar do Templo Perdido, um lugar sagrado, o único lugar em Escalon onde os mortais temiam ir. Dizia-se que os espíritos caminhavam por aqueles jardins, pairando no ar. E que os poucos que tiveram a coragem de se aventurar por ali nunca mais voltaram.

Ventos fortes assobiavam vindos do oceano, pelas rochas. Kyra virava-se com frequência, pensando ter ouvido alguém atrás dela, alguém sussurrando para ela. No entanto, não havia ninguém.

Ela sentiu um calafrio. Esta era, de facto, uma cidade de fantasmas.

Kyra caminhava sem parar, cruzando a cidade, fazendo o seu caminho em direção ao templo, atraída pelo som longínquo das ondas a rebentar. Ela não sabia exatamente o que estava a procurar, mas sabia que, de alguma forma, ela estava exatamente onde estava destinada a estar.

Ao caminhar, Kyra não conseguia evitar sentir que estava à procura da sua mãe. Ela sentia o espírito da sua mãe ali, protegendo-a, guiando os seus passos. A sua mãe tinha realmente vivido ali? Este pensamento emocionava-a. Será que ela poderia estar ali agora?

Ao caminhar, Kyra sentia como se estivesse a traçar as etapas da vida da sua mãe e ela perguntava-se como é que a vida tinha sido para a sua mãe aqui. Passavam-lhe imagens pela cabeça. Ela via a sua mais recente batalha, matando Pandesianos; ela via Theos, a besta poderosa que tinha amado, a voar algures lá no alto; ela via o seu treino com Alva; e ela via, acima de tudo, persistentes imagens da sua mãe, fora de alcance. A sua mãe estava aqui neste lugar, Kyra conseguia senti-lo. Ela sentia-se mais perto dela do que nunca.

Ao caminhar, fazendo o seu caminho através das paredes parciais de pedra desmoronada, passando-lhes a mão, Kyra vislumbrava cacos de

cerâmica antiga no chão. Ela parou ao ver um objeto incomum escondido nos escombros. Apanhou-o, limpou-o de anos de poeira e ficou surpreendida ao perceber que estava a segurar uma espada antiga. Ela ergueu-a bem alto e esta desintegrou-se em pedaços na sua mão, caindo numa nuvem de poeira. Devia lá estar, ela percebeu, há milhares de anos.

Kyra andou e andou, puxada inexoravelmente para o templo, mantendo-o na sua linha de visão e fazendo o seu caminho na sua direção. Ao aproximar-se, olhou para as centenas de degraus de pedra desgastados na sua base, o templo situado no topo num vasto planalto de pedra, parecendo como se chegasse ao céu. Kyra começou a subir, colocando um pé diante do outro, numa pedra tão suave, claramente desgastada por milhares de anos de uso e da cacimba do oceano.

Quanto mais Kyra subia, mais lhe era oferecida uma vista imponente da cidade, com as falésias e o oceano mais além. Por fim, ao alcançar o topo, ela virou-se e viu toda a cidade lá em baixo. Era deslumbrante. Kyra sentia-se como se estivesse no topo do mundo. Mesmo no meio da sua decadência, ela conseguia ver as linhas da cidade que em tempos tinha sido, com a sua bela simetria. Ela só conseguia imaginar o quão grandiosa aquela capital tinha sido. Para lá dela, as belas águas do Arrependimento brilhavam ao pôr do sol, como se estivesse vivo, emoldurando tudo.

Kyra virou-se, olhou para cima e examinou o templo, uma estrutura de pedra maciça subindo ainda mais alta no céu. Diante dela estava um grande arco, esculpido na pedra, uma entrada para o templo. Se alguma vez lá tivesse havido uma porta, tinha desaparecido há séculos atrás. Estranhamente, ela podia ver duas tochas a arder lá dentro. Ela questionou-se como é que elas podiam estar acesas, tendo percebido que era magia. Ela questionava-se sobre o quão místico era este local. Ela sentia-se como se estivesse noutro reino, a disputar com forças que ela não entendia.

Kyra virou-se, em pé sobre o vasto planalto de pedra. Olhou sobre a cidade. Os ventos oceânicos acariciavam-na enquanto ela olhava para o sol.

"Mãe!", gritou ela, com a sua voz a ecoar, levada pelo vento. "Onde estás?"

Não se ouviu nada, a não ser o uivo do vento e o bater das ondas.

"Quem sou eu?", gritou ela.

Mais uma vez, nenhuma resposta.

"Mãe! Eu vim de tão longe para encontrar-te. Mostra-te a mim! Diz-me quem sou. Ensina-me!"

E ainda assim, para desgosto de Kyra, não se ouviu nada para além do silêncio.

Kyra, exausta, cansada das batalhas, ainda coberta de hematomas, caiu de joelhos sobre a pedra. Sentou-se sobre os seus pés, apoiou as mãos no colo e fechou os olhos. Sentindo os ventos frescos do oceano a acariciarem-lhe o rosto, ela ficou ali enquanto o sol se punha.

Ela fechou os olhos e tentou refletir. Não entendia este lugar; no entanto, ela sentia que este lugar era a chave. Era a chave para encontrar a sua mãe. Para desbloquear o seu poder. Para se compreender a si mesma, o seu destino. Para salvar Escalon.

No entanto, ela não sabia como decifrá-la.

Kyra não sabia quantas horas se tinham passado ao ajoelhar-se ali. Ela não distinguia o dia da noite e, contra a monotonia do rebentar das ondas e vento uivante, ela embalou-se lentamente e começou a perder a noção do tempo. Ela sentia-se a entrar numa profunda meditação, indo mais fundo dentro dela do que alguma vez antes o tinha feito.

Quando ela, por fim, lentamente, abriu os olhos, o céu estava preto. Ela olhou para cima e, na escuridão, viu um céu cheio de estrelas cintilantes e a lua em quarto crescente, a cor do sangue. Atrás dela, as duas tochas tremeluzentes nunca morriam.

Kyra ali ajoelhada, sentindo-se irremediavelmente perdida. Insegura acerca de tudo o que sabia. Ela alcançou as profundezas da incerteza.

E nesse momento de verdadeira incerteza, começou a ouvir uma voz dirigida a ela. Começou a ver alguma coisa na escuridão, a emergir lentamente, subindo as escadas, aproximando-se dela.

Era uma pessoa.

Ela viu o seu rosto e, em choque, ela sabia.

Era a sua mãe.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kavos liderava o ataque enquanto centenas de homens de Duncan se reuniam atrás dele, todos agora em liberdade após a sua fuga da prisão. Eles gritavam despreocupadamente. Eram gritos de homens que sabiam que não tinham nada a perder, que sabiam que podiam perder as suas vidas a qualquer momento – e que provavelmente perderiam – ao atacar imprudentemente o coração da capital, aproximando-se de uma morte certa à mercê dos milhares de Pandesianos melhor armados.

Mas isso era valentia, Kavos sentia. Ao lado dele atacavam Bramthos, Seavig e Arthfael. Ele podia ver nos seus rostos que eles não iam fugir do inimigo, nem tão pouco hesitariam em atirar-se para a batalha. Com efeito, desde que se tinham libertado, já tinham tido várias escaramuças com batalhões Pandesianos, lutando contra dezenas de homens aqui e ali. Alguns dos seus próprios homens tinham caído, mas a maioria tinha varrido a cidade como uma onda de destruição, apanhando os Pandesianos desprevenidos, nenhum deles a abrandar, usando o seu ímpeto para matar, correr e matar novamente.

Kavos levantou a alabarda roubada quando eles viraram a esquina e surpreenderam várias dezenas de soldados Pandesianos, todos de costas para ele. Ele golpeou dois deles, assim como Bramthos, Seavig e Arthfael a seu lado, antes que os outros começassem a dar por isso e os enfrentassem. Kavos, a liderar, deu por ele a defender-se de vários Pandesianos que o atacaram. Ele levantou a alabarda e virou-a de lado, bloqueando golpes dos dois lados. Inclinou-se para trás e pontapeou um soldado no peito. Em seguida, virou-se e arrancou a cabeça a outro Pandesiano. Ele estava a lutar pela sua vida e não havia tempo a perder.

A batalha estava violenta, mão a mão. A luta estava brava. Ao início, os Pandesianos correram para a frente corajosamente, com a sua típica arrogância, pensando claramente que a batalha estava ganha, que eles rapidamente iam despachar aqueles prisioneiros desonestos e loucos o suficiente para fazer um último ataque desesperado à cidade. No entanto, Kavos e os seus homens estavam determinados, de costas viradas para a parede. Eles correram para a frente, linha após linha, com tudo o que tinham, arremessando lanças, cortando espadas e esmagando soldados com escudos. Aproximaram-se como uma onda, rápidos e furiosos, ignorando o

espaço corporal entre as linhas. Aproximaram-se tanto e tão rapidamente que, na verdade, atiraram alguns Pandesianos para o chão, impedindo que estes tivessem o tempo e o espaço que precisavam para se reagruparem.

A estratégia funcionou. Em pouco tempo, os Pandesianos estavam em desordem. Metade das suas fileiras estavam mortas, em comparação com apenas um punhado de homens de Kavos. Os homens que permaneceram vivos começaram a entrar em pânico. Eles lutavam sem convicção, até que, por fim, viraram-se, tropeçando uns nos os outros e fugiram.

Kavos e os seus homens perseguiram-nos, não lhes dando uma segunda hipótese de se reagruparem, atirando lanças para as suas costas e golpeando-os. Eles lutaram como homens possuídos, como homens que lutavam pelas suas vidas.

Em breve tudo ficou calmo. O grupo de Pandesianos estava morto no chão. Os seus corpos estavam espalhados por toda a capital. Os homens de Kavos não perderam tempo a vasculhar o campo de batalha, para recuperarem as armas daqueles, trocando as suas espadas e escudos mais rudimentares por outros melhores. Passo a passo, corpo a corpo, os homens de Duncan estavam novamente a tornar-se num exército profissional.

Revigorados, os homens de Duncan deixaram escapar um grito de vitória e continuaram a correr por toda a capital, virando rua após rua na densa noite, determinados a que nada os detivesse, até chegarem à masmorra de Duncan e libertarem o seu comandante.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Merk chegou a camisa ao pescoço enquanto caminhava, baixando a cabeça, tentando proteger-se das incessantes tempestades de vento que lhe rasgavam a pele. O vento soprava desde o Mar de Lágrimas até um dos lados de Merk e da Baía da Morte até ao seu outro lado, balançando-o para trás e para a frente como uma boneca de pano. Ele caminhava sem parar há dias, entre as duas massas de água, pela península estreita e estéril abaixo conhecida como o Dedo do Diabo.

Era um nome que inspirava medo em praticamente todo o Escalon, o único lugar que a maioria dos Escalonites temia ir. Mas eles não tinham muita razão para isso. Era um estéril apêndice pedregoso da terra, um lugar onde se ia para escorregar para a morte. Merk escorregou e deslizou sobre as suas pedras cobertas de musgo, escorregadio devido à brisa do oceano, percorrendo o seu caminho lenta e traiçoeiramente pelo mais famoso trecho de terra em todo o território de Escalon. Mal capaz de se firmar, ele olhava para esta bizarra península de pedregulhos, que se estendia até ao horizonte, perguntando-se se aquele inferno nunca mais tinha fim. Ele duvidava que conseguisse sobreviver. Esta península, se é que isso era possível, era ainda pior do que a sua reputação.

Um lugar de lenda - e de medo - o Dedo do Diabo era um dos poucos lugares em Escalon onde Merk nunca tinha desejado ir. O lugar projetava-se para fora do continente e chegava até ao canto longínquo do sudeste de Escalon como um apêndice que nunca devia ter existido. "Península" era um nome muito hospitaleiro para um lugar como este. Não era nada mais do que um árido trecho de pedras, praticamente todo liso e irregular, entalado entre dois corpos de água tumultuosa.

Merk praguejou ao escorregar novamente, raspando o joelho pela centésima vez. Ele já tinha torcido ambos os tornozelos e pulsos, voltando a cair uma e outra vez, escolhendo o seu caminho por entre cada pedra. Ele havia criado uma espécie de sistema, virando os tornozelos e erguendo os braços para se conseguir equilibrar, inclinando-se para a frente para cair de mãos quando escorregasse. Este era um lugar desagradável, horrível, um lugar onde nenhum ser humano jamais deveria viver. Era um nome demasiado apropriado.

Merk sabia, porém, que não tinha escolha a não ser aventurar-se. Depois de atravessar Escalon, esta era a última etapa da sua viagem, o último trecho entre ele e a Torre de Kos. Chegar a esta península tinha quase acabado com ele. Ter atravessado o sudeste de Escalon sozinho depois de se ter separado de Kyle. Depois, ter passado os picos de Kos e ter caminhado ao lado do Thusius. Tudo isso a caminhar, apenas para chegar aqui, a esta península. Era por isso provavelmente, ele raciocinou, que a maioria ia em peregrinação à Torre de Ur, não a Kos. Havia rumores de que Kos era muito estéril, isolado, esquecido, para deter a Espada. Tinha sempre sido assumido por todos que era a torre da distração.

No entanto, ao procurar no horizonte, Merk sabia que era o contrário. Todas as lendas tinham estado erradas. A lendária Espada de Fogo estava onde ninguém suspeitava que estivesse. Merk sabia que era apenas uma questão de tempo até que os trolls descobrissem. Ele sabia que estava a correr contra o relógio com cada passo que dava, para os vencer, para proteger a espada antes que eles conseguissem alcançá-la.

Merk verificou o horizonte novamente, esperando por algum sinal – qualquer sinal - do fim da península. Ele esperava ver o contorno da torre, mesmo se ténue.

No entanto, não havia nada. Só mais rochas, sem fim à vista. Ele estava exausto, desgastado até aos ossos. Porém, parecia que ainda lhe faltavam muitos dias.

Merk olhou para a esquerda e viu o Mar de Lágrimas, com as suas correntes viciosas, as suas ondas enormes a rebentar nas costas rochosas do Dedo do Diabo, enviando ondas enroladas de névoa e espuma. Ele sentiu a bruma à volta dos seus tornozelos, lavando as rochas debaixo dele, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele não sabia o que fazia mais barulho, se o bater das ondas ou as tempestades de vento que o mantinham em desequilíbrio.

Merk olhou para o outro lado, para a sua direita, ainda que essa vista não lhe proporcionasse alívio; ali estavam as turvas águas pretas da lendária Baia da Morte. Também tinha correntes viciosas, mas estas correntes rodopiavam, fazendo uma coleção de espumosa de remoinhos. A baía era pontilhada com carneirinhos até ao horizonte, com o branco brilhante em grande contraste com as suas águas negras, agitadas pelas ventanias constantes. Para Merk ver essas águas pretas era ainda mais desconcertante do que ver as ondas a rebentarem na península do Arrependimento. Era

como se as duas massas de água estivessem a tentar destruir com toda a força aquele estreito pedaço de terra.

Merk virou-se para o caminho diante dele. Olhava para a frente quando pensou ter ouvido um barulho estranho. No entanto, ele não via nada.

Ouviu novamente o mesmo som, porém, um som distante, quase como uma corneta. Desta vez, olhou para trás - e ficou devastado ao ver algo no horizonte. O esboço ténue de um exército de estandartes e, quando a corneta soou distante novamente, Merk soube, com medo, o que era: Marda. Os trolls já havia chegado ao Dedo do Diabo. Eles estavam a fazer um melhor tempo do que ele pensava.

Merk retomou e duplicou o ritmo do seu passo. Ele tinha um dia de avanço sobre eles, mas eles estavam a recuperar e podiam ultrapassá-lo. Seria uma corrida até ao fim, para ver quem conseguia alcançar a Torre de Kos e obter a espada primeiro.

Merk apressou-se, ignorando as dores da fome no seu estômago, as bolhas nos seus dedos do pé, a exaustão que quase lhe fechava os olhos. Ele tinha de chegar à Torre de Kos, independentemente do que fosse preciso, para salvar Escalon, para se redimir do seu passado. Apesar de tudo, ter finalmente uma causa, ter um verdadeiro propósito na vida, era uma boa sensação.

Merk caminhou sem parar, hora após hora, com o sol a crescer alto no céu, cegando-o com a sua neblina do oceano. Ele subiu ao topo do pedregulho mais alto que alguma vez tinha visto, ansioso pelo novo local estratégico que lhe permitisse ter uma boa vista, cheio de esperança de que, uma vez na sua parte superior, pudesse finalmente vislumbrar a torre.

Mas ele ficou cabisbaixo ao olhar e não ver nada a não ser mais pedregulhos, mais picos falsos. Parecia a partir dali como se nada para além de rocha árida cobrisse o mundo.

Merk ficou ali, sem fôlego, apoiando-se no seu bastão para descansar por um momento – quando, de repente, ouviu um novo ruído que lhe pôs o cabelo em pé. Era um barulho que soava como um caranguejo a escorregar pelas rochas.

Ele virou-se, no limite, procurando nas pedras debaixo dele, questionando-se se não estaria a ouvir coisas. Afinal de contas, não tinha havia sinais de vida em toda a viagem e não lhe ocorrera que qualquer coisa conseguisse sequer sobreviver ali fora, naquelas condições estéreis. Afinal, do que é que se alimentariam?

Mas, ouviu novamente. Um barulho inquietante. Quando Merk procurou novamente nas rochas, uma rajada de vento levou a névoa e, desta vez, ele viu algo que fez com que o seu sangue gelasse. Numa racha entre as pedras, surgiu lentamente uma enorme garra. Era uma garra de um caranguejo, ainda maior do que qualquer garra na qual ele já tivesse posto os olhos em cima. Esticava-se sem parar. Tinha pelo menos dez pés de comprimento.

Surgiu outra garra, depois outra. Merk assistia com horror quando viu surgir da fissura um caranguejo monstruoso, com trinta pés de largura, ofuscando-o. Merk congelou ao olhar para aquilo. Com a sua carapaça preta e vermelha, olhos redondos, levantou a cabeça e fez-lhe uma careta, abrindo as suas mandíbulas e assobiando, exibindo fileiras de dentes afiados.

Em seguida, deslizou pelos pedregulhos, direito a ele.

A criatura mexia-se surpreendentemente rápido. Merk ficou ali, congelado de medo, não estando à espera daquilo e não tendo nenhuma ideia do que fazer. Ele não tinha margem de manobra, mesmo se quisesse. O monstro saltou diretamente para ele, com as garras para fora. Um momento depois Merk sentiu uma dor terrível na sua canela. Olhou para baixo e viu uma das suas garras a agarrá-lo, a apertá-lo.

O caranguejo içou-o ao ar. Merk pendia por uma perna. O caranguejo abriu a sua boca e puxou-o para perto, preparando-se para engoli-lo inteiro. Merk viu as fileiras de dentes a aparecer. Ele sabia que estava prestes a morrer da maneira mais horrível que se podia imaginar.

Por alguma graça de Deus, os instintos de Merk surgiram, no último momento. Ele aproximou o seu bastão, virou-o e enfiou-o na vertical dentro da boca da criatura. O caranguejo tentou fechar a boca e ficou furioso ao ver que estava presa.

Merk, ainda pendurado, enfiou a mão no cinto, tirou a espada, virou-se e, com um esforço enorme, enfiou-a com as duas mãos num dos olhos do caranguejo.

O caranguejo gritava enquanto pus verde jorrava dele, soltando Merk. Merk caiu com força nas rochas, sem fôlego, sentindo como se os seus ossos se estivessem a partir. Ele rebolou, ressaltando pelas íngremes rochas abaixo, escorregadias de musgo, deslizando inevitavelmente para as ondas que rebentavam lá em baixo. Ele mexia-se, tentando agarrar-se a alguma coisa para parar a sua queda, mas era tudo muito liso. Ele estava a deslizar para a sua morte.

O caranguejo conseguiu extrair do seu olho, com as sua tenazes, a espada de Merk, fechando, de seguida, as suas grandes mandíbulas e partindo o bastão de Merk em pedaços. Em seguida, virou-se e focou o seu olhar em Merk, um olhar cheio de raiva, uma raiva que Merk nunca havia visto. Este caranguejo tinha a intenção de comê-lo vivo.

Merk, ainda deslizando, por fim conseguiu agarrar-se a uma brecha numa rocha, mesmo antes de deslizar pela borda fora. Ele olhou para baixo, balançando e viu, a centenas de pés abaixo, uma queda que o aguardava para dentro do Mar de Lágrimas. Era um mergulho que iria matá-lo.

Ele olhou para trás e viu o caranguejo a descer na sua direção, de alguma forma capaz de manter o seu equilíbrio em qualquer coisa. Merk sabia que estava entalado entre duas mortes horríveis. Com a morte certa em cada um dos seus lados, ele não sabia o que fazer.

O caranguejo aproximou-se e, como estava apenas a alguns pés de distância, Merk, de repente decidiu escolher uma morte sobre a outra. Era melhor morrer no oceano, ele imaginou, do que ser comido vivo por aquela coisa.

Merk soltou-se e escorregou pela rocha, saltando e rebolando, ferindo-se com cada solavanco, deslizando cada vez mais para baixo. Ele gritou ao cair, quase incapaz de recuperar o fôlego enquanto caia diretamente para o oceano.

O caranguejo, sem medo, tão rápido como a luz, deslizou para baixo atrás dele e, num rápido movimento relâmpago, estendeu a sua tenaz e tentou agarrar a outra perna de Merk. No entanto, Merk estava a cair demasiado rápido e para seu grande alívio, o caranguejo não conseguiu.

A sua queda continuou, até Merk, de repente, parar abruptamente quando caiu nas rochas. Ele olhou para baixo, perplexo, para ver que, por alguma graça de Deus, havia uma pequena saliência na pedra que ele não tinha visto, projetando-se na borda do penhasco. Felizmente ele tinha caído nela. Com pouca largura para o segurar, ele ficou ali, agarrando-se à beira do precipício, rezando pela vida.

O caranguejo claramente não esperava falhar e o movimento desequilibrou-o: escorregou pela borda, com um horrível barulho estridente, continuando a deslizar pelo penhasco. Ao cair tentou agarrar Merk pela última vez e arrastá-lo para baixo com ele. Merk, frenético, prendeu a respiração e encostou-se o mais que conseguiu contra a pedra. O caranguejo falhou por pouco, roçando no braço de Merk. Aquele continuou a cair, para

seu grande alívio, balançando, de costas, com a sua barriga exposta e a chutar as pernas no ar. Caiu centenas de pés com Merk a ver, esperando, sentindo-se ainda inseguro até o ver realmente morto.

A imensa criatura finalmente mergulhou no oceano lá em baixo, de costas, fazendo um grande estrondo ao partir a sua carapaça. Merk ficou aliviado ao ver que a criatura tinha sido levada pelas ondas maciças do Arrependimento, com as suas pernas ainda a agitarem-se enquanto flutuava de costas para alguma morte cruel e desconhecida.

Merk ficou ali, na beira do mundo. Respirou fundo pela primeira vez. Olhou para a subida íngreme, só conseguindo perguntar-se: que mais horrores o aguardavam no Dedo do Diabo?

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Kyra esteve de joelhos sobre a pedra a noite toda, com as pernas dormentes, tão perdida em meditação que já não sentia o corpo. Tinha deslizado para um estranho estado, onde se tornou difícil para ela distinguir a realidade da fantasia. Ela já não conseguia dizer se estava acordada ou a dormir quando abriu os olhos lentamente e viu no céu negro milhões de cintilantes estrelas vermelhas e, acima de tudo, o rosto da sua mãe. Lá estava ela, com um manto branco esvoaçante, com surpreendentes olhos azuis e um longo cabelo loiro, a subir os degraus do templo, aproximando-se dela, como se ela tivesse estado à sua espera desde sempre.

Kyra, sem fôlego, estudou o rosto da sua mãe quando ela se aproximou. Era um rosto bonito, intemporal, com traços finos, maçãs do rosto esculpidas e olhos cativantes, olhos nos quais Kyra podia encontrar algo de si mesma. No seu vestido esvoaçante, branco, ela parecia flutuar acima das escadas, parecia pairar diante de Kyra, apenas fora do alcance, sorrindo docemente para ela.

"Tu perdeste o teu caminho", disse a sua mãe, numa voz tão suave que, porém, ainda ecoava por toda a cidade vazia. Era uma voz que ressoava dentro da alma de Kyra, uma voz que ela sempre tinha desejado ouvir. Só de a ouvir sentia-se revigorada.

"Qual é o caminho, mãe?", Kyra apelou. "Nunca ninguém me ensinou."

A mãe sorriu de volta.

"É por isso que deves ensiná-lo a ti própria", respondeu ela. "A guerreiro não procura que outros a treinem; ela olha para dentro. Tu olhas sempre para fora, Kyra, à procura do reconhecimento externo. Tu procuras aprovação, fama, armas, professores, mentores. Isso é tudo uma ilusão, Kyra. Nenhum deles irá ajudar-te. Olha para dentro. Essa é a jornada mais difícil de todas."

Kyra franziu a testa, esforçando-se por entender.

"Eu ...", ela começou, "não sei quem sou, mãe."

A sua mãe respirou fundo. O coração de Kyra batia em antecipação e um longo silêncio seguiu-se, preenchido com nada a não ser com o uivo do vento.

"O que é que está dentro de ti que tu te recusas a enfrentar?", perguntou finalmente a sua mãe.

Kyra lutou com a questão. Aquela era a pergunta com que ela tinha estado a braços a noite toda sem conseguir obter uma resposta. Ela sabia que a sua mãe estava certa: ela estava a esforçar-se para a aprovação e reconhecimento, formas externas de se melhorar a si mesma. A sua mente estava tão focada no mundo exterior que era difícil concentrar-se internamente.

"Deves esvaziar a tua mente, Kyra", disse a mãe. "Tens de desaprender tudo o que sabes."

Kyra tentou, mas sentiu que não podia. Em vez disso, ela deu por ela distraída com um milhão de pensamentos.

"Como, mãe?"

A sua mãe suspirou.

"Pára de tentar ver o mundo pelo que tu pensas que ele é. Vê-lo, em vez disso, pelo o que ele realmente é. Para o que ele é agora, neste momento. O mundo agora não é o que vai ser daqui a um minuto e não é o que era há um minuto atrás. Ele está em constante mudança. O que vês no agora?"

Kyra ponderou a pergunta da sua mãe e sentiu um calor a subir dentro dela ao começar a perceber a verdade das suas palavras. Ela percebeu que tinha sempre tentado tanto agarrar tudo, para compreender. E nesse entendimento preliminar, ela percebia agora, tinha perdido todas as hipóteses de compreender. Logo que *ela* sabia alguma coisa, o seu conhecimento já não era verdade. O estado pelo qual ela precisava de se esforçar, ela percebeu, era um estado de mente continuamente aberta. Um estado de desconhecimento contínuo.

Kyra fechou os olhos e refletiu. Lá ajoelhada, Kyra refletindo na meditação da sua mãe, sentiu um calor a espalhar-se dentro dela, ultrapassando-a, enquanto ela lentamente se sentia cheia de clareza.

Após um longo silêncio, Kyra abriu os olhos, cheia de compreensão e excitada por isso.

"O verdadeiro guerreiro", disse Kyra, olhando para trás com entusiasmo, "não sabe nada. Ele sabe que a única batalha é dentro de si próprio. O mundo lá fora é ilusão."

A sua mãe finalmente sorriu largamente.

"Sim, minha filha."

Kyra sentiu o calor a continuar a espalhar-se dentro dela, enquanto, no mesmo instante, o céu ficou cheio de cor. O sol começou a rastejar sobre o horizonte, uma lasca do amanhecer sobre o vasto céu noturno. Era como se

o mundo estivesse a acordar com ela. O sol e a lua estavam frente a frente no céu, com as estrelas ainda entre eles. Kyra sabia que algo especial estava a acontecer. Ela sentiu um poder a percorrê-la e, pela primeira vez, não sentia mais qualquer dúvida. Era como se um véu tivesse sido levantado do universo. A sua fonte de poder, ela percebeu, vinha da sua compreensão.

Quando Kyra fechou os olhos, habitando na sua iluminação, uma imagem surgiu-lhe na mente – um dragão bebé. Este abria os olhos, brilhando, com uma luz tão intensa que ela sobressaltou-se. Ela ficou confusa ao perceber que não era Theos. Era um dragão bebé. E muito mais poderoso. Ela sentiu uma conexão imediata com ele.

Ela conseguia sentir a sua dor, as suas feridas, o seu apego à vida. E através da sua mente, ela fez um esforço para curá-lo. Para invocá-lo.

Passou-lhe pela mente uma outra imagem: uma arma. Ela franziu a testa, esforçando-se por visualizá-la.

"O que é que eu estou a ver?", perguntou Kyra.

Seguiu-se um longo silêncio, até que, finalmente, a sua mãe respondeu: "O dragão acorda. E o Bastão da Verdade acena-te."

"O Bastão da Verdade?", perguntou Kyra intrigada.

"A única arma que nos pode salvar."

Kyra, confusa, tentou focar a imagem.

"Eu vejo-a no topo de uma montanha de cinzas", disse ela. "Numa terra que arde em enxofre e fogo."

"És tu, Kyra", disse a mãe. "És tu quem deves ir lá e recuperar a arma."

"Mas onde?", perguntou Kyra. "Onde está essa arma? Para onde devo ir?"

Seguiu-se um longo silêncio, até que, finalmente, a sua mãe proferiu uma única palavra, uma palavra que iria mudar a sua vida para sempre:

"Marda."

CAPÍTULO TRINTA

O dragão bebé estava deitado no chão da floresta, sentindo-se a morrer já sem se preocupar. Ele estava tão fraco agora por causa da perda de sangue, que mal conseguia abrir os olhos. Ele tinha estado a entrar e a sair da consciência, dominado por sonhos em que o seu pai o vinha receber, para acompanhá-lo para uma luz brilhante.

Ele tinha lutado contra isso ao princípio, mas agora estava pronto para se deixar ir. Esta vida tinha sido demasiado curta, muito dolorosa, muito confusa. Ele não entendia a vida. Porque é que ele havia nascido apenas para sofrer? Porque é que ele não havia de viver mais tempo?

Sem o seu pai vivo, ele sentia que tinha poucos motivos para ir em frente. As suas feridas doíam-lhe, mas a dor diminuía quando ele ficava inconsciente, quando parava de lutar pela vida. Ele percebeu que a morte podia não ser assim tão má, afinal.

O bebé estava a ir-se, sentindo-se mais em paz, a cair num mundo de branco. Os sons da floresta silenciaram-se, distantes à sua volta. De repente, aconteceu. Era como um sibilo para a sua consciência, um só feixe direto de energia que o despertou do seu estado. Isso trouxe-o de volta.

O bebé abriu os olhos com um sobressalto e olhou em volta, respirando com dificuldade, perguntando-se. E então aconteceu novamente.

Era real. Era uma chamada, um comando - uma convocação. Vinha de uma miúda em perigo, uma miúda pela qual o seu pai se tinha preocupado muito. Uma miúda que era mais do que uma miúda. Um ser humano que era mais do que um ser humano. Era uma miúda que precisava dele. Que o estava a chamar. Que tinha um poder que ele não podia resistir. Um poder que o fez querer viver.

Com um novo sentido de vida, o bebé abriu os olhos e até esticou o pescoço. Ele permitiu que a luz branca se desvanecesse, que a sensação de conforto se desvanecesse. Ele abraçou a dor da vida, por mais que lhe doesse. Afinal, ele estava vivo. E a vida era mais importante do que tudo. Ele podia morrer mais tarde, encontrar a paz depois. Mas agora ele só conseguia viver.

O bebé sentiu-se a ser percorrido por nova fonte de energia. Era uma energia mágica, mística, direcionada pela miúda, ele sabia, mesmo a milhas

de distância. Essa energia inundou as suas veias, deu-lhe força, poder, razão para continuar. E curou-o.

O bebé sentou-se, ficando surpreendido ao descobrir que agora conseguia estender as suas asas. Ele ficou ainda mais espantado quando se viu capaz de as bater e de se por de pé. Inclinou-se para trás e ficou chocado ao saber que até conseguia expelir fogo, queimando uma árvore diante dele.

O bebé pestanejou várias vezes, alerta, vivo, pronto para enfrentar o mundo. E como primeira ação, ele correu para a frente, bateu as asas e saltou para o ar.

Momentos depois, ele estava a voar, batendo as asas, gritando, subindo cada vez mais alto sobre Escalon. Ele voava com grande velocidade, intenção e propósito. Afinal, havia uma miúda que precisava dele.

E juntos eles iriam mudar o rumo do destino.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Aidan estava com Cassandra no portão da masmorra e preparava-se enquanto os soldados Pandesianos se aproximavam deles de ambos os lados. Sem saída possível, parecia que a morte o tinha finalmente encontrado durante a sua missão de libertação do seu pai. Aidan preparava-se enquanto eles se aproximavam, estudando os soldados imponentes na sua armadura azul e amarela e perguntando-se qual deles o iria matar primeiro. Ele sacou da sua curta espada, querendo ser corajoso, como o seu pai seria, mas segurou-a com as mãos a tremer e ele sabia que isso não o ia ajudar.

"Bem, foi bom conhecer-te", disse Cassandra ao lado dele, de frente para os soldados, também, segurando a sua adaga, ali de pé bravamente. Aidan estava espantado com a sua calma; ela mostrava menos medo do que ele. Ela tinha vivido uma vida dura nas ruas e isso via-se.

"Gostava de ter podido chegar a conhecer-te", acrescentou ela. "Tu és meio interessante."

"Meio?", perguntou Aidan.

Antes que ela pudesse responder, um barulho confundiu Aidan e fê-lo virar. Era um grito - não de Pandesianos. Era um grito que ele reconhecia, um grito que ouvira toda a sua vida. Um grito dos homens do seu pai.

Todos os soldados Pandesianos viraram-se, também. O coração de Aidan ficou em êxtase ao ver centenas de guerreiros do seu pai, com um olhar maníaco, ensanguentados, sujos, claramente tendo acabado de escapar da prisão e avançando diretamente para a masmorra. Eles seguravam armas furtadas, correndo com um grito de batalha feroz. Aidan alegrou-se ao perceber que eles tinham vindo para salvar o seu pai. Eles não se tinham esquecido dele.

"Vamos, rapaz!", gritou uma voz.

Aidan virou-se ao sentir alguém a puxar o seu braço, ficando agradavelmente surpreso ao ver que era Motley, com Branco ao seu lado, puxando-o para fora dali. Um momento depois, ele estava a correr com Motley, Cassandra e Branco. Contornara os soldados Pandesianos, agora distraídos pela grande força de soldados que avançava sobre eles. Motley, com o seu perfeito sentido de oportunidade, como sempre, sabia como tirar proveito da distração, conseguindo levá-los a todos na exata fração de segundo da oportunidade que tiveram.

"E a peça?!", gritou Aidan, ofegante, enquanto corriam pelo portão de ferro na direção das masmorras.

Motley arfava, claramente fora de forma.

"Eu acho que eles não estavam a gostar muito dela de qualquer maneira", respondeu ele, arfando.

Correram todos para a masmorra, virando pelo caminho até aos estreitos corredores de pedra, passando por filas de tochas de fogo, passando por portões de ferro abertos.

"Qual é o caminho?", perguntou Aidan, olhando para Motley.

Motley mal conseguia recuperar o fôlego.

"Estás a perguntar-me?!", disse ele, a correr. "Eu pensei que eu é que te estava a seguir!"

De repente, Branco parou e virou-se, a rosnar. Aidan virou-se e ficou chocado ao ver que um soldado Pandesiano tinha-se dispersado do grupo e tinha ido atrás deles. Ele correu atrás deles, caindo sobre eles rapidamente.

"Parem aí mesmo!", gritou.

O soldado levantou uma lança e Aidan preparou-se porque sabia que em pouco tempo iria sentir uma lança a atravessar-lhe as costas.

Branco rosnou e atirou-se ao soldado. Aidan não podia acreditar o quão rápido o cão musculado tinha diminuído o espaço entre eles. Ele chegou-lhe antes que ele pudesse soltar a lança, batendo com as quatro patas no seu peito. Ele empurrou-o para trás e afundou os seus caninos afiados na garganta do soldado, matando-o instantaneamente.

Branco saltou de volta para o lado de Aidan e este sentiu uma onda de amor para com o seu cão, sabendo que ele estaria ao seu lado para sempre.

Os quatro continuaram a correr pelos corredores, esquivando-se, em seguida, através de um corredor de pedra arqueada. Eles seguiram por outro portão aberto e, finalmente, chegaram a uma encruzilhada, a corredores que levavam a três direções diferentes.

Todos pararam, ofegantes.

"Que caminho agora?", perguntou Cassandra.

Todos eles olharam para Aidan e ele encolheu os ombros. Ele sabia que a escolha errada iria fazer com que perdessem os preciosos momentos que precisavam e, certamente, levar ao seu falhanço e mortes; no entanto, ele não tinha ideia de onde, neste vasto complexo prisional, o seu pai poderia estar. À sua esquerda, viu escadas que desciam; à sua direita, escadas que subiam.

Aidan ficou ali, congelado com indecisão, com o coração a bater. Então, finalmente, decidiu arriscar, rezando para que fosse o caminho certo.

"Por aqui", ele gritou.

Aidan virou-se e correu para a sua esquerda, descendo as escadas de pedra.

Estava escuro ali e ele quase caiu sobre a superfície lisa, mal mantendo o equilíbrio, fazendo cair os outros três de uma vez. Os outros estavam mesmo atrás dele.

Ficava mais escuro ao descer. As tochas estavam acesas nas paredes esporadicamente, a cada vinte pés. As escadas acabavam num nível inferior e quando Aidan atingiu o chão a correr, deu por ele num corredor escuro, com caminhos à esquerda e à direita. Ele virou à esquerda, respirando com dificuldade, rezando para que tivesse sido a escolha certa mais uma vez. Era tarde demais para voltar atrás agora.

Viraram num novo corredor e, finalmente, ao virarem novamente, chegaram ao seu fim, uma abertura em arco enorme, com grossas barras de ferro. Aidan sentiu que esta secção da masmorra, com as suas paredes grossas e barras extras, tinha sido projetada para manter alguém especial.

Aidan avançou. Ele viu que esse portão estava sem guarda, também, com a porta destrancada. Ele percebeu que todos os soldados deviam ter sido convocado para lutar contra os homens do seu pai, deixando o posto sozinho. Ele avançou e correu por outro corredor escuro até que chegou a um ainda mais escuro. Ele virou numa esquina, esperando ver o seu pai - e ficou surpreso ao encontrar um soldado Pandesiano a andar exatamente na sua direção.

Aidan esbarrou de caras com o soldado entroncado e caiu no chão. Foi como bater numa parede. Ele olhou para cima e viu que o soldado ficou igualmente surpreendido ao vê-lo ali, também.

"Quem és tu?", perguntou ele. "O que estás a fazer aqui?"

Motley, Cassandra e Branco alcançaram-no. Quando o soldado olhou para eles, deve ter percebido imediatamente o que eles estavam a fazer. Ele sacou da sua espada e franziu as sobrancelhas. Aidan preparou-se dando balanço na sua direção.

Para surpresa de Aidan, Motley atirou-se para a frente e saltou para as costas do soldado, salvando Aidan de um golpe mortal. Motley lutou com o homem maior desajeitadamente, deixando-o desequilibrado, agarrando-lhe o braço, até que, por fim, o soldado conseguiu atirar Motley para uma cela.

Motley gemeu e caiu no chão, imóvel.

O soldado centrou novamente as suas atenções em Aidan e avançou para ele. Aidan apressou-se a levantar-se, mas sabia que não ia conseguir fazê-lo a tempo - e mesmo se o fizesse, haveria pouco que ele conseguisse fazer para afastar aquele homem. Ele estava à espera de um golpe nas costas mas, de repente, Cassandra avançou e ficou entre ele e o soldado. Aidan estava espantado com a coragem dela. Ela atacou o soldado, que tinha três vezes o seu tamanho, golpeando-o com a sua adaga.

Mas o enorme soldado nem sequer abrandou e simplesmente agarrou-lhe o pulso e puxou-a. Cassandra gritou quando ele a atirou contra uma parede, fazendo-a cair no chão.

O soldado dirigiu-se novamente para Aidan, que tinha acabado de se por em pé. Aidan estava ali, desarmado, quando Branco saltou para a frente e mordeu o pulso do soldado. Este soldado, porém, era mais tenaz do que os outros; enquanto que aquela mordida teria feito cair outros homens, este soldado simplesmente aproximou-se e atirou Branco contra a parede, uma e outra vez. Cada golpe doía a Aidan só de ver.

Branco, para seu crédito, não desistiu, mas Aidan conseguia ver que ele estava a ficar gravemente ferido.

Aidan, determinado a ajudar o seu amigo, correu e agarrou a adaga que Cassandra tinha deixado cair, levantou-a alto e atacou. Ele gritou ao enfiá-la nas costas do soldado com ambas as mãos. Ele sentiu a lâmina a entrar-lhe na carne.

O soldado gritou desta vez. Ele imediatamente soltou Branco ao cair no chão. No mesmo movimento, para surpresa de Aidan, deu uma cotovelada a Aidan no nariz. Este caiu no chão, cego pela dor. Este homem era uma força.

O soldado virou-se, carrancudo. De alguma forma, ele conseguiu remover a adaga das suas costas. Em fúria, ele abateu-se sobre Aidan, desta vez pronto para matá-lo.

Motley, colocando-se de pé, correu e saltou novamente para as costas do soldado. O soldado torceu-se e virou-se, tentando derrubá-lo, mas Motley não ia deixar passar desta vez. Na verdade, ele colocou um braço carnudo ao redor da garganta do soldado e apertou com toda a força.

O soldado grunhiu e gritou ao cruzar o corredor, atirando com Motley às paredes. Motley gemia a cada batida, mas para seu crédito, recusou-se a

desistir. O soldado simplesmente não conseguia tirar o braço de Motley da sua garganta.

Por fim, o soldado ficou fraco e caiu de joelhos.

No mesmo momento, Aidan correu para a frente, agarrou a adaga e enfiou-a no coração do soldado.

Com Motley ainda a segurar a sua garganta, o soldado caiu no chão, morto, com Motley a cair em cima dele.

Aidan olhou e viu Motley lá ajoelhado, coberto de sangue, a olhar para o soldado morto como se chocado ele próprio com o que tinha feito.

Enquanto eles ficaram ali todos, atordoados, recompondo-se, Cassandra irrompeu em ação. Ela baixou-se e tirou as chaves da cintura do soldado. Em seguida, correu para o conjunto final de barras de ferro. Ela atrapalhou-se com as chaves e Aidan, apercebendo-se, correu e ajudou-a, ambos tentando uma chave após a outra.

Por fim, ouviu-se um clique e eles abriram a porta da cela.

Eles invadiram a cela final, escura, ainda mais escura do que as outras. Enquanto corriam através dela, ali mais frio, mais húmido, Aidan perguntava-se como é que qualquer ser humano conseguia manter alguém aqui em baixo. Era demasiado cruel para pôr em palavras.

"PAI!", Aidan gritou, esperando, rezando.

Aidan atravessou a sala escura, incapaz de ver os seus pés, tropeçando, iluminado apenas por uma única tocha no canto mais distante. Ele rezava para que tivesse encontrado o lugar certo; afinal de contas, esta era a menor das celas na parte mais baixa do complexo da masmorra e parecia-lhe o lugar lógico para manter o seu prisioneiro mais importante. Se não, não haveria como voltar atrás - ele falharia o seu pai e todos iriam morrer ali.

"PAI!", gritou ele de novo, correndo desesperadamente pela sala cavernosa, espalhando-se com os outros. Ele estava a começar a perder a esperança. Teria ele sido louco para tentar ir ali, em primeiro lugar?

"Aidan?", ouviu-se uma voz fraca.

Era tão fraca que Aidan, ao início, perguntou-se se tinha ouvido. Então animou-se ao detectar movimento na escuridão.

Ele correu para a parede mais distante e, ali, mal iluminado na cela escura, estava o seu pai. Aidan chorou ao vê-lo. Lá estava o seu pai, um homem derrotado, macilento, acorrentado ao chão como um animal, fraco demais para se sentar. Ele nunca o tinha visto assim e aquilo destroçou-o.

"Pai!"

Aidan correu para o lado do seu pai, ajoelhou-se e abraçou-o. O seu pai, acorrentado, mal o conseguia abraçar, mas ele fez o máximo que pôde. Aidan estava cheio de alegria; tinha sido uma viagem tão longa desde que partira de Volis, uma viagem que, na verdade, ele nunca tinha pensado que conseguiria completar.

"Aidan", respondeu o pai fracamente. O seu pai parecia atordoado, como se Aidan fosse a última pessoa que ele esperava ver. "O que é que estás a fazer aqui? Porque é que não estás em Volis?"

O seu pai espreitou e viu Motley, Cassandra e Branco a aproximarem-se.

"E quem são estas pessoas contigo?"

Aidan estava de rastos por ver o estado lastimável em que o seu pai estava, com os lábios rachados e o corpo magoado. Ele imaginava o que lhe haviam feito.

Ele deu-lhe o seu saco de água e o seu pai bebeu avidamente.

"Não muita", advertiu Motley, chegando-se à frente, segurando o saco. "Ele vai ficar doente."

Aidan puxou o saco e o seu pai suspirou de alívio.

"As chaves!", gritou Aidan, aflito por ver o seu pai acorrentado.

Cassandra correu e atrapalhou-se com o anel das chaves, até que, por fim, conseguiu abrir as algemas que prendiam os pulsos e tornozelos de Duncan.

O pai dele inclinou-se para a frente e caiu nos braços de Aidan, fraco demais para ficar de pé. Todos eles ajudaram-no a não cair e Motley passou um braço em torno do seu ombro, ajudando-o a ficar de pé, a andar.

Ruídos distantes do conflito irrompiam algures acima do solo.

"Temos de ir!", Motley insistiu.

Eles voltaram pelos corredores da masmorra, passando por todas as outras celas, virando em corredores intermináveis. Aidan não podia acreditar que tinha efetivamente o seu pai nos braços, que ele realmente tinha feito aquilo. Ao vê-lo, ele sentiu uma razão para viver novamente.

Eles viraram num corredor após o outro, até que, por fim, chegaram novamente às escadas. Eles subiram os degraus da melhor maneira que conseguiram, todos arrastando Duncan, até que, finalmente, chegaram ao nível superior.

Aqui estava mais claro. Aidan, feliz por sentir de novo o cheiro do ar fresco, conseguia ouvir o combate à distância. Ele via os homens do seu pai, ainda bloqueados na batalha com os soldados Pandesianos. Os homens

do seu pai, ele ficou consternado ao ver, estavam cercados, muitos deles caídos. No entanto, eles não tinham recuado. Eles estavam a prestar a distração crucial que Aidan necessitava.

Aidan correu na direção deles, enfiando-se nas sombras, em quaisquer reentrâncias na parede que conseguisse encontrar. O seu coração batia enquanto percorriam os corredores, ficando cada vez mais perto da saída para a liberdade. Ele ansiava por estar de volta nas ruas, longe deste lugar, de Andros, mas ele tinha um sentimento negativo de que ele nunca iria sair daqui vivo.

Finalmente, eles contornaram o corredor final e Aidan viu, ali diante deles: a porta da liberdade. Estava aberta.

Aidan saiu das sombras, preparando-se para correr para ela, quando, de repente, a sua visão escureceu. Ele olhou para cima e viu que o seu caminho estava bloqueado. De pé diante deles estava um enorme soldado Pandesiano, segurando uma espada e bloqueando o seu caminho.

"E onde é que vocês pensam que vão?", perguntou ele, olhando para eles, com os seus olhos parando em Duncan.

O soldado deu um passo adiante, de espada erguida. Aidan sabia que eles estavam acabados. Com Duncan a ser rebocado, não havia nenhuma maneira de conseguirem-se defender. Nenhum deles estava bem armado o suficiente, ou podia reagir com rapidez suficiente, para acabar com este homem. Aidan preparou-se para levar com uma espada no seu intestino. Pior ainda, para o seu pai ser morto. Que lugar horrível para morrer, pensou. Bem aqui, precisamente quando eles estavam a olhar para as portões da liberdade.

De repente, o soldado arfou e caiu de joelhos, caindo de cara na frente deles, morto.

Aidan olhou para baixo, chocado, vendo um machado nas suas costas.

Ele olhou para cima e ficou confuso ao ver um outro soldado Pandesiano aproximar-se para matá-los. Ele estava confuso. Porque é que haveria um soldado Pandesiano de matar um dos seus?, perguntou-se.

Aidan preparava-se enquanto o outro Pandesiano se aproximava.

Mas então o Pandesiano ergueu o capacete, revelando-se. Aidan ficou em choque quando viu quem era:

Anvin.

"Anvin!", gritou Duncan, ao ver o seu velho amigo.

Anvin correu e abraçou-os a todos e, sem hesitar, passou o braço em torno de Duncan, ajudando a agarrá-lo.

"Temos de nos apressar!"

Aidan viu um rapaz sensivelmente da sua idade a correr na direção deles, em pânico. Ao correr para Anvin e começar a ajudar a transportar Duncan, ele percebeu que ele devia ser escudeiro de Anvin.

O grupo virou-se e saiu rapidamente da cela final, para fora das masmorras, de volta para as ruas e, algures, para o meio da noite caótica da capital, em direção à liberdade.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Merk caminhava ao longo das rochas intermináveis do Dedo do Diabo, escorregando, lutando para manter o equilíbrio, quase bêbedo de exaustão enquanto se dirigia para o pôr do sol. Os seus olhos estavam tão pesados que mal conseguia mantê-los abertos. Doíam-lhe todos os cantos do seu corpo, principalmente por causa da ferida deixada pelo caranguejo, ainda purulenta na sua canela. No entanto, ele sabia que tinha sorte em estar vivo.

Ondas intermináveis de névoa rebolavam, trazidas por rajadas de vento que vinham do mar e baía, algumas suficientemente fortes para desequilibrá-lo. A todo o tempo ele era atormentado pelo som distante das cornetas de Marda, ecoando no nevoeiro, assombrando-o, mantendo a pressão. Depois de tantos dias de caminhada sem ver ninguém, ele começava a perceber porque é que mais ninguém se atrevia a fazer aquilo: caminhar até ao Dedo do Diabo significava ficar com a sua vida nas suas próprias mãos.

Merk estava a perder a esperança de alguma vez chegar à Torre de Kos; ele começava a perguntar-se se ela realmente existia ou se era apenas uma lenda. Ele sentia-se tão fraco, com as mãos a tremer de cansaço. Sabia que nunca mais conseguiria voltar. Ele encontrou-se a fantasiar sobre a vida no continente, sobre as generosidades de Escalon. O que ele daria para estar em terra seca, lisa e plana novamente. Para estar em qualquer lugar no mundo, exceto aqui.

Cada passo era mais um esforço e Merk viu-se a cair no desespero. Ele deu por ele a olhar para baixo para as fendas e a equacionar o quão fácil podia ser dar apenas um passo para uma delas e permitir-se cair para a morte. Olhou para a esquerda e para a direita, para o mar e para a baía, percebendo o quão fácil seria permitir-se a si mesmo deslizar sobre a borda e cair para a morte. Talvez, começou a pensar, fosse um alívio.

Merk olhou para cima, esperançoso apesar de si mesmo, uma última vez enquanto montava um outro pedregulho - ainda assim, ficou destroçado ao não ver nada além de mais pedras. Ele tinha a certeza de que era isso que se sentia com a morte, uma jornada para lado nenhum, torturado a cada passo. Este era o retorno da vida que tinha levado. Afinal, ele tinha assassinado dezenas de pessoas ao longo da sua vida, como profissão. Esta caminhada solitária obrigou-o a refletir sobre todos eles. Ele viu os seus rostos.

Pensava na vida que tinha levado honestamente, pela primeira vez. E não gostou do que viu. Esta odisseia, curiosamente, tinha sido a sua verdadeira *peregrinação*. Talvez fosse por isso que a Espada de Fogo estivesse ali.

Se Merk tivesse a esperança de se arrepender e refletir, ele não poderia ter esperado um lugar melhor. Dia após dia a caminhar nestes penhascos rochosos, de não ver uma alma, de ficar envolto em névoa e nevoeiro, com cada passo quase a fazê-lo cair para a morte, forçou Merk a apreciar a vida. Ele queria, pela primeira vez, *viver*, viver verdadeiramente. Ele queria uma oportunidade para começar uma nova vida.

À medida que as horas passavam, com o sol a cair, Merk ouviu um barulho, sentiu algo nas suas maçãs do rosto e percebeu que estava a chorar. Ele estava assustado e não tinha ideia porquê. Ao refletir, ele percebeu que era um grito de lamento, lamento pela vida que tinha vivido. Arrependimento por não ser capaz de voltar atrás para tentar novamente. Desesperadamente ele queria fazer tudo de forma diferente, para ter apenas mais uma hipótese.

Outra rajada de vento passou e quando o nevoeiro se dissipou, o sol brilhou pela primeira vez. Merk olhou para cima e, desta vez, ele parou ali de pé em choque. A sua respiração ficou presa na garganta enquanto ele olhava ao longe.

Lá, no horizonte, estava um arco-íris. Ele não tinha certeza se alguma vez tinha acreditado em Deus, mas desta vez, ele sentiu que Deus lhe estava a responder. Ele sentiu que lhe estava a ser oferecida redenção. Ele parou e ficou ali a chorar incontrolavelmente, sem entender a vida. Ele sentiu que uma parte dele tinha morrido no caminho e uma nova parte estava a brotar.

Ao olhar além do arco-íris, Merk teve uma outra visão que ainda lhe provocou uma maior mistura de sentimentos. O Mar do Arrependimento encontrou-se com a Baía da Morte. Os dois corpos de água unida, com remoinhos de espuma. A península tinha chegado ao fim. Os mares estavam a brilhar. E ali de pé no meio de toda aquela luz, Merk ficou surpreendido e feliz por ver, estava uma estrutura única.

Uma torre.

Lá estava ela, a antiga Torre de Kos, erguendo-se naquela paisagem, no meio de todo o nada, como se emergindo da própria pedra. Lá estava ela, orgulhosamente empoleirada no fim do mundo.

A Torre de Kos era real. E estava precisamente diante dele.

*

Merk desceu o último pedregulho, aterrando no cascalho e suspirando de alívio. Ele nunca tinha ficado tão grato por estar em terra plana e seca. Ele poderia andar de novo, rapidamente e com firmeza, sem medo de cair. As suas botas trituravam o cascalho e ele nunca tinha apreciado tanto aquela sensação.

A Torre de Kos estava mesmo à frente dele, praticamente a cinquenta pés de distância. Merk olhou para cima e estudou-a com admiração. Atrás dela as ondas do mar e da baía intersetavam-se e cruzavam-se, oferecendo um cenário deslumbrante. Ao olhar para a torre, o que mais surpreendia Merk era que ele já a tinha visto antes; parecia ser uma réplica exata da Torre de Ur. A pedra, a altura, o diâmetro - parecia ter sido construída ao mesmo tempo, misteriosamente, em cantos opostos do reino. Mas como? Merk perguntou-se. Como é que se conseguia construir alguma coisa ali, na borda do mundo?

Merk olhava para as brilhantes portas douradas, exatamente como as portas de Ur. Quando olhou de perto, notou uma pequena diferença: estas portas tinham uma insígnia diferente das portas de Ur, tinham sido esculpidas com diferentes símbolos, imagens. Ele desejava agora, mais do que nunca, conseguir ler. O que significava isso tudo? Havia uma imagem de uma espada longa, chamas a cercarem-na, esculpida em ouro. Isso dominava ambas as portas e cruzava-se por cima delas, na horizontal.

Merk ficou ali e sentiu uma energia diferente nesta torre. Ele não sabia exatamente o quê, mas sentia algo. Era uma *ausência*. Estranhamente, sentia como se este lugar estivesse abandonado.

Merk deu um passo adiante, mais perto. Ao fazê-lo, ficou ainda mais chocado ao encontrar as portas entreabertas. Ele sentiu um frio na espinha. Como é que as portas para a medonha Torre de Kos podiam estar abertas? Sem guarda? Alguém lhe teria batido ? O que é que tudo isso significava?

Merk aproximou-se, no limite, já não sabendo o que esperar. Ao fazê-lo, o seu choque foi ainda maior quando as portas se começaram a abrir. Perplexo, ele ficou ali. E saindo da escuridão surgiu uma pessoa. Não era qualquer pessoa – era a miúda mais bonita que já tinha visto. Não fazia sentido. Era como uma aparição.

Com tantas coisas chocantes a acontecer ao mesmo tempo, Merk não conseguia processar tudo. Ele não sabia o que o impressionava mais. Ele

ficou sem palavras ao ver aquela mulher em pé, diante das portas, olhando para ele com os seus olhos azuis translúcidos, com as suas características impressionantes, talvez na casa dos vinte. Ainda mais estranho, ele tinha a louca sensação que a conhecia, que a reconhecia de algum lugar. Ele recordou-se de todos aqueles anos a servir o velho Rei Tarnis e, quando olhou para ela, com seus brilhantes olhos azuis, o seu cabelo louro-prateado, ele não conseguia evitar pensar que ela se parecia exatamente com o velho Rei Tarnis.

Não fazia sentido. Como podia ser? Tarnis, tanto quanto ele sabia, nunca tinha tido uma filha.

Ou tinha?

Ela ficou ali, a olhar para ele com uma tal graciosidade, tal postura, que ele não conseguia ver como é que ela podia ser qualquer outra coisa que não da realeza. No entanto, havia algo mais. O seu rosto era tão branco, quase translúcido, irradiando uma energia intensa, como se ela não fosse inteiramente humana. A última vez que ele se sentira assim estava na presença de um Sentinela.

Ela ficou ali, no silêncio, pontuada por nada a não ser pelo vento e pelas ondas e, por muito que ele quisesse saber mais sobre ela, sentia uma urgência em chegar ao cerne da questão, para iniciar os preparativos para alertá-la, para proteger a Espada, uma vez que os trolls estavam praticamente apenas a um dia de distância dele.

"Minha senhora", começou, "Eu vim numa missão urgente. Um exército avança para aqui, um exército de trolls, visando a destruição. Eles vieram para matá-la e para matar todos que aqui estejam e levarem a espada."

Ela olhava para ele. Ele ficou surpreendido por não ver nenhuma reação – nenhum medo, nada. Ela permanecia inexpressiva. Talvez ela não tivesse acreditado nele. Ele indagou-se sobre o seu próprio estado, sobre a sua aparência depois daquela caminhada, percebendo que dificilmente poderia culpá-la. Talvez a seus olhos, ele fosse apenas um louco que tinha surgido da névoa.

"Eu sei que a Espada reside aqui", continuou, determinado. "Eu servi na Torre de Ur - a torre que não existe mais."

Mais uma vez, ele procurou no rosto dela uma reacção e, novamente, para sua desorientação, não houve nenhuma.

"Não há tempo, minha senhora", ele insistiu. "Temos de proteger a Espada antes deles chegarem. Temos de preparar uma defesa

imediatamente."

Ele esperava que ela ficasse consternada, em pânico, mas para sua grande surpresa, ela ali estava com um leve sorriso no canto dos lábios, completamente imperturbável, com mais pose do que qualquer pessoa que ele já tivesse visto.

"Não são novidades para si?", perguntou ele finalmente, perplexo.

"Não", respondeu ela, numa voz tão suave, tão calma, apanhando-o completamente desprevenido.

Ele estava atordoado.

"Mas como podia saber tudo isto?", perguntou ele. "E se sabia de tudo isto...", disse ele, lutando para entender, "então ... porque é que ainda está aqui? Porque é que não fugiu?"

"Só eu resto aqui", respondeu ela pacientemente. "Eu mandei os outros embora, há muito tempo atrás, no dia em que Marda atravessou até Ur."

Merk olhava para ela, chocado. Olhou para a torre vazia questionando-se.

"Está a dizer que está aqui sozinha?", perguntou. "Porque que é que não fugiu?"

Ela sorriu.

"Porque eu estava à tua espera", respondeu ela sem rodeios.

"À *minha* espera?!", perguntou, espantado.

"Eu estava à tua espera para te salvar", acrescentou.

Ele não sabia o que dizer. Ela estava a gozar com ele?

"Mas eu vim aqui para *te* salvar", ele respondeu.

Merk ficou ali, com a ansiedade a crescer dentro dele quando ouviu, mais uma vez, o som do exército dos trolls ao longe.

"Quem és tu?", perguntou ele, ardendo em curiosidade.

Mas ela não respondia. Merk estava cada vez mais agitado.

"Eu não entendo", disse ele. "Não temos tempo. Se não há ninguém aqui, temos de proteger a Espada, levá-la para longe daqui e deixar este lugar."

Porém, ela não reagiu.

"Diz-me", insistiu ele, desesperado, questionando-se se tinha feito esta longa caminhada para nada. "A Espada de Fogo ainda está aqui?"

Para sua surpresa, ela respondeu simplesmente.

"Sim."

Os olhos dele arregalaram-se. A Espada de Fogo. A Espada da lenda, que tinha assombrado os seus sonhos toda a sua vida. Ela existia realmente.

E estava logo depois daquelas portas.

"Então temos de a salvar!", disse ele, começando a andar até às portas.

Ela bloqueou-lhe o caminho. Ele olhou para ela, intrigado.

"Achas realmente que um homem podia salvar a espada?", perguntou ela.

Ele olhava, confuso.

"Talvez a Espada não seja para ser salva", acrescentou.

Ele esforçou-se para entender.

"O que é que queres dizer?", perguntou ele, frustrado. "Ela é para ser protegida. Esse é o propósito que nós servimos."

Ela assentiu.

"Protegida, sim", disse ela. "Mas não salva. A Espada tem estado guardada há séculos. No entanto, quando chega a altura de ela ser levada, não nos compete a nós interferir com o destino. A Espada tem o seu próprio destino e isso ninguém pode alterar."

Merk ficou ali, sem compreender.

"Se não acreditas em mim, então tenta", disse ela.

Ela desviou-se para o lado e apontou para as portas abertas atrás dela. Ele olhou por cima dela e viu um ténue aceno de tochas.

Merk olhou para trás, no horizonte, a nação de Marda a aproximar-se cada vez mais a cada passo. Ele virou-se para a torre, sentindo necessidade de fazer alguma coisa.

Merk entrou em ação. Ele passou a correr por ela para o interior da torre, entrando na câmara obscura. Ele estava lá dentro, onde estava fresco e silencioso. O bater das ondas e o uivar do vento em silêncio pela primeira vez na sua longa jornada. Ele virou-se lentamente, com os seus olhos a ajustarem-se à escuridão. Com um choque ele viu, ali, a poucos passos de distância, o que só poderia ser a Espada de Fogo.

Ali estava ela, vermelha brilhante, bem no centro da câmara, sobre um pedestal, à vista de todos. Merk não conseguia entender porque é que não estava escondida.

Seguindo um impulso de coragem para a salvar, Merk correu para a frente, aproximou-se e, sem hesitar, agarrou no seu cabo, determinado a levá-la para algum lugar seguro.

Merk ouviu um som sibilante e sentiu a palma da sua mão a queimar-se de uma forma diferente do que alguma vez tinha sentido. A sua mão queimava-se enquanto o cabo cauterizava a sua pele. Ele gritou, puxando

para trás a mão. Ao fazê-lo, viu o dano que a Espada tinha deixado: a insígnia da Espada queimada na palma da sua mão.

Ele ficou ali, a chorar de dor, segurando a sua mão que ardia sem chama.

"Eu avisei-te", ouviu-se a voz suave.

Merk virou-se e viu a miúda ao lado dele. Ele soube então que ela estava certa; tudo o que ela tinha dito estava certo.

"Então o que vamos fazer?", perguntou ele, agarrando o seu braço, sentindo-se impotente.

"Um navio está à espera", disse ela. "Vem comigo."

Ela estendeu-lhe a mão, longa e pálida. Ele estava ali, debatendo-se. Ela estava a convidá-lo a deixar este lugar, a deixar a Espada para trás, para ir para algum outro lugar que ele não sabia. Ele sabia que dar-lhe a mão mudaria a sua vida para sempre. Iria colocá-lo numa estrada da qual não haveria retorno. Deixaria a Espada aqui, sozinha, à mercê dos seus inimigos.

Mas talvez fosse assim que estava destinado a ser. As leis do destino, afinal, estavam para além dele.

Merk olhou para aqueles olhos translúcidos, para a sua palma aberta, tão convidativa. Ele sabia que a sua decisão já estava tomada.

Ele deu-lhe a mão e, ao fazê-lo, ele sabia que a sua vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Quando finalmente chegou ao fim do Dedo do Diabo, Vesúvio saltou do último pedregulho para a terra seca, com as suas botas a esmagarem o cascalho e sentindo uma onda de alívio. Lá estava ele, provocador no meio da fúria do vento e da rebentação das ondas. Olhou para cima, salivando para o seu destino: a Torre de Kos. Ele sentiu um formigueiro quente nos braços, não conseguindo parar de sorrir. Ele tinha efetivamente conseguido. Em poucos minutos, a Espada seria dele.

Atrás dele ouvia-se o barulho de milhares de soldados. A sua nação de trolls descia pelos pedregulhos abaixo, aterrando no cascalho. Eles estavam atrás dele, aguardando o seu comando, todos prontos para marchar para a morte num piscar de olhos.

Vesúvio estava ali em silêncio, silêncio este quebrado apenas pelo vento. Ele estava a deleitar-se com o momento. Ele tinha cruzado Escalon para isso; agora, finalmente, não havia mais nada no seu caminho, nada que se metesse entre ele e a Espada de Fogo, entre ele e o seu destino. Em breve, a espada seria sua, as Chamas seriam uma memória e toda a nação de Marda iria avançar. Escalon seria esquecido e renomeado A Grande Marda.

Vesúvio marchou em frente, com os trolls a seguirem-no de perto, cada passo a aproximá-lo mais daquelas magníficas portas douradas, que brilhavam aos últimos raios de sol. Elas estavam entreabertas, o que o surpreendeu. Este lugar, ele percebia, parecia abandonado. Por um momento ele sentiu uma pontada de medo. Tinham-se todos ido embora? Tinham levado a Espada com eles?

Ou, pior – a Espada nunca tinha estado aqui, para começar?

Vesúvio chegou às portas e abriu-as com o coração a bater. Dezenas de trolls apressaram-se a ajudar. Mas ele não precisava da ajuda deles. Com uma única mão, com a sua força enorme, ele puxou as pesadas portas, escancarando-as, tão determinado a entrar como sempre em tudo o que fazia.

Vesúvio passou a entrada. Estava escuro ali dentro. O som do vento e das ondas silenciaram-se e ele só ouvia o crepitar das tochas acesas. Estava mais frio aqui, também. Ele deu um passo em frente, sentindo o seu destino a puxar por ele.

Ele parou enquanto os seus olhos se ajustavam e susteve a respiração. Ele não podia acreditar no que via: ali, diante dele, estava a Espada de Fogo. Brilhava, como se estivesse em chamas, uma bela espada, talvez com três pés de comprimento, com o punho amarelo brilhante e a lâmina laranja flamejante. A lâmina estava virada para cima, apontando para o teto.

Vesúvio estava eufórico. Finalmente. Ali estava, depois de tudo. A razão dos seus muitos anos de trabalho incansável. Do seu pai e do seu avô. Agora, aqui estava ela, apenas a alguns pés de distância. Parecia bom demais para ser verdade. Como se fosse, por exemplo, um truque.

Vesúvio aproximou-se, com as palmas das mãos suadas, incapaz de esperar mais um pouco. Ele ficou ao lado da espada, a suar, a examiná-la, sentindo o seu calor a partir dali. Era uma coisa bela. Uma coisa majestosa. A espada até emanava um som próprio, como o som de uma tocha sibilante. Parecia primitivo, como uma das maravilhas da terra.

Vesúvio, incapaz de esperar mais tempo, estendeu a mão e agarrou o punho, pronto para que toda a sua vida mudasse.

Imediatamente, ele ficou cego de dor. Gritava sem parar enquanto o punho cauterizava a palma da sua mão, queimando-a por dentro, cada vez mais profundamente, a dor mais intensa que alguma vez havia sentido. Ele queria desesperadamente largá-la, cada nervo dentro dele gritava para que ele a largasse, mas ele obrigou-se a segurá-la durante todo o tempo que conseguisse aguentar. Sabia que, se a deixasse, nunca mais iria tocar nela. E ele não podia desistir. Agora não. Não depois de tudo.

A gritar, a suar, com a palma da sua mão a escaldar, a deitar fumo, a dor era demasiado intensa até mesmo para ele.

Vesúvio, por fim, não teve escolha, a não ser largar o punho e afastar-se, segurando o seu pulso em agonia. Ele olhou para a sua mão e viu a insígnia do punho queimada na palma da sua mão para sempre.

Ele virou-se e olhou carrancudo para os seus trolls, que olhavam para ele, todos aterrorizados de medo de se chegarem perto dele.

"Tu", cuspiu ele para um Troll sem nome, enquanto segurava o seu pulso, ofegando de dor.

O troll aproximou-se.

"Pega na espada!"

Vesúvio sabia pela lenda que a Espada tinha de sair da torre para que as Chamas baixassem.

"Eu, meu senhor?", perguntou o troll, atingido pelo terror.

Vesúvio correu para a frente, gritando, agarrou na sua espada com a sua mão boa e esfaqueou no coração o troll hesitante.

Então, virou-se para os seus outros trolls.

"Tu!", disse para o outro, apontando para ele com a ponta da espada.

O troll engoliu em seco. Ele avançou com relutância e fez o seu caminho em direção à Espada. Suando, ele hesitou, olhando para o Vesúvio.

O inflexível olhar penetrante de Vesúvio deve ter convencido o troll vacilante. Ele deu um passo para a frente e, com as mãos trémulas, estendeu a mão e agarrou o punho da Espada.

O soldado gritou ao fazê-lo, com as suas mãos a queimar - e antes de conseguir largá-la, Vesúvio correu para trás dele, colocou por trás um braço à volta da sua garganta em chave de braço, agarrando a mão do homem com a mão boa. Ele apertava com toda a força que conseguia, forçando o troll a não largar a Espada.

O troll gritou, claramente em agonia. Ainda assim Vesúvio segurava-o firmemente no lugar, espremendo-o.

"AJUDEM!", gritou Vesúvio.

Os outros trolls correram e ajudaram-no, agarrando o pulso e o braço do troll, forçando-o a segurar.

"PUXAR!", Vesúvio ordenou.

Como um, todos se mantiveram firmemente agarrados ao soldado, puxando-o para trás, gritando o tempo todo.

Vesúvio não conseguia aguentar mais o ruído - irritado, ele apertou a sua chave de braço e, depois, com um rápido e simples movimento, partiu o pescoço do troll. O troll ficou frouxamente pendurado nos seus braços. A outra mão de Vesúvio ainda segurava a mão na qual o troll morto tinha a Espada.

Juntos, todos eles arrastaram o troll morto pela porta fora e para fora da torre, com a Espada ainda na mão.

Assim que eles passaram a entrada da torre, assim que saíram de lá de dentro, Vesúvio sentiu algo a acontecer. Mesmo a centenas de milhas de distância, ele conseguia senti-lo dali.

As Chamas. Elas estavam a começar a enfraquecer-se.

"PARA O MAR!", gritou Vesúvio.

Os trolls juntaram-se e arrastaram o troll mole, com a espada ainda presa na sua mão, em direção à borda do precipício. Vesúvio pegou no soldado

morto lá em cima, apertando a sua mão sobre a mão da Espada. Depois, arremessou-o pelo penhasco.

Vesúvio inclinou-se e observou, com o coração a palpitar de emoção, à medida que o troll mole saia a voar sobre o penhasco, batendo violentamente no oceano abaixo, com a Espada ainda na sua mão. A Espada caiu com ele, tendo-se finalmente separado da sua mão a meio do caminho, caindo também. Ao cair, Vesúvio ficou fascinado ao vê-la transformar-se numa bola de fogo, como um cometa a cair do céu.

Finalmente a Espada bateu no mar e, ao impactar na água, seguiu-se uma enorme explosão, como Vesúvio nunca tinha visto. Uma coluna de água, ficou laranja, atirou-se para o céu, a centenas de pés de altura, tendo, em seguida, começado a chover à volta dele aguas escaldantes, como gotas de fogo.

O mundo tremia sob os seus pés e ele sentia isso a acontecer.

As Chamas já não existiam.

Ele sorriu largamente, apercebendo-se.

Escalon era seu.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Alec estava diante da forja, a suar, martelando a espada há vários dias, frustrado e perplexo. Esta espada inacabada, trabalhada num metal que ele não entendia, simplesmente não se conseguia moldar. Era a peça de metal mais teimosa com que ele já tinha trabalhado. Já a tinha tentado moldar várias vezes mas ela parecia ter uma mente própria. Ele havia tentado suavizá-la usando fogo líquido, resfriando-a e martelando-a de todos os ângulos, com todos os tipos de martelos. Nada funcionava.

Alec estava ali sentado, com os ombros magoados. Posou o martelo, precisando de uma pausa. Examinou-a, respirando com dificuldade, a pingar suor para cima dela e questionava-se. Ele segurou-a contra a luz, com as palmas da mão ásperas de martelar, virando a espada, tentando entendê-la. Ele nunca tinha encontrado algo remotamente parecido com ela. Era uma meia espada, uma obra-prima inacabada de uma arma que se recusou a ser terminada, a arma mais misteriosa que ele alguma vez já tinha segurado. Ele entendia agora porque é que aqueles nativos da ilha precisavam dele ali, nas Ilhas Perdidas, para acabá-la. Parecia que ele tinha sido apontado para uma tarefa impossível.

Alec finalmente atirou para baixo o seu martelo, em frustração. O martelo ecoou no chão. Ele ficou ali sentado, com a cabeça nas mãos, tentando pensar. Ele odiava ser derrotado.

Olhou para a espada, conseguindo sentir a sua energia, mesmo dali, a vir na sua direção em ondas, como se o insultando. Era como partilhar o quarto com outra pessoa. Ele sentiu que a espada ansiava por atenção. Ele observava-a, incapaz de desviar o olhar. A espada era teimosa, orgulhosa, mágica. Ele passou a mão ao longo da sua lâmina muito afiada; sentiu as bordas irregulares, onde a lâmina estava inacabada, virou-a e estudou as estranhas inscrições. Arcava símbolos antigos que ele não entendia, como um enigma que precisava de ser desvendado.

Alec perguntava-se o que poderia significar tudo aquilo. Quem a tinha forjado? Quando? Porque é que não a tinham terminado? Tinham sido interrompidos? Ou estava inacabada de propósito? Teria ficado partida numa batalha? Se assim fosse, por qual arma? Havia uma espada correspondente em algum lugar, uma que estivesse completa? Se assim fosse, onde estava?

Acima de tudo, porque é que não podia ser forjada? De que é que era feita? O que é que ele tinha de fazer para a acabar?

Alec sentia que a resposta encontrava-se bem diante dele, apenas fora do seu alcance. Era um enigma, esta espada, que não iria deixá-lo pensar noutra coisa. Ele tinha de resolvê-lo.

No entanto, ele não tinha ideia. Ele estava a lidar ali com algo que claramente não era desta terra, que estava completamente fora do seu elemento. Com qualquer outra arma, ele saberia exatamente o que fazer. Se nada mais, ele poderia simplesmente começar do zero. Mas não com esta. Ele examinou o seu material exótico, virando-o contra a luz, perguntando-se o que era. Ela tinha um brilho azul claro e quanto mais ele olhava para ela, mais ela parecia mudar. Era como olhar para as águas infinitas de um lago. Qual era a finalidade desta arma? Questionava-se. Porque é que era tão desesperadamente necessária? Porque é que ela podia influenciar Escalon?

Alec finalmente, exausto, pousou-a. Ele limpou o suor da testa e ficou de pé, esticando os membros magoados. Suspirou. Talvez eles estivessem errados acerca dele. Talvez ele não fosse a pessoa que deveria terminar a espada.

Alec, cismado, saiu da forja para a luz do sol nebulado, franzindo os olhos, tentando ajustar-se. Um dramático pôr do sol lançava uma luz escarlate sobre as Ilhas Perdidas e, por a toda parte, a luz do sol brilhava numa névoa prateada. Este lugar era mágico.

Alec decidiu dar um passeio. Ele andou no terreno estranho, com musgo verde suave sob as suas botas. Olhava e estudava o céu, a paisagem, respirando o ar fresco do oceano. Ele pensava na espada enquanto caminhava. O que significariam as suas inscrições? Porque que é que estava inacabada?

Alec caminhou durante horas, enquanto o sol se punha misteriosamente, parecendo nunca terminar. Ali, nas Ilhas Perdidas, ele tinha aprendido que nunca ficava escuro; este pôr do sol misterioso permanecia assim durante toda a noite, nunca ficando completamente escuro, permitindo simplesmente que houvesse luz suficiente para ele caminhar.

Ele caminhava e estudava a paisagem, subindo uma colina, quando reparou em algo ao longe pela primeira vez. Contra a silhueta do sol poente avistou um pedregulho enorme, alto e magro, no alto de uma colina. Quanto mais ele a examinava, mais ele estranhava: a forma incomum do

pedregulho. Estava apontado para cima, alto e magro e parecia não ter fim. Era irregular. Parecia ... inacabado.

Ele ficou muito entusiasmado quando se deu conta: a pedra tinha a forma exata da espada.

Alec correu em direção à pedra e, quando lá chegou, parou e, respirando com dificuldade, colocou as duas mãos sobre a pedra. Ele sentiu a sua energia intensa e ficou impressionado porque era fria ao toque, tal como a espada. Entusiasmado ele olhou para cima, estudando-a, indagando-se. Poderia a espada ter sido feita deste mesmo material?

Alec tirou o cinzel suplente do seu cinto, levantou-o e, num palpite, bateu na pedra com toda a sua força. A pedra lascou e ele ficou emocionado ao ver, por baixo dela, um material azul cintilante. Era isso, Alec percebeu. O material de que a espada era forjada.

Alec martelava, na esperança de ser capaz de remover um pedaço, para levá-lo de volta, para completar a espada; porém, quando atingia as camadas internas, quando o martelo tocava no material azul, a pedra não cedia. Era tão teimosa e não-maleável como a espada. Alec ficou ali, cabisbaixo, percebendo que tinha chegado a um beco sem saída.

De repente, o chão tremeu sob os seus pés e um silvo barulhento cortou o ar. Alec olhou para cima, para além das rochas e, ficou surpreendido ao ver algo que nunca tinha pensado ver na sua vida. Lá, para além do pedregulho, estava uma montanha enorme e no seu topo, uma brilhante lava vermelha começou a ser expelida no meio de grandes nuvens de fumo. Era um vulcão. E estava a começar a entrar em erupção.

Alec olhou para o pedregulho diante dele e depois olhou de volta para o vulcão. De repente, apercebeu-se: aquele pedregulho emergira da lava, de alguma erupção antiga. Era o vulcão que o tinha forjado. Era o vulcão que era a fonte de todo o poder naquela ilha. Sendo maleável ficava não-maleável.

Alec, sem fôlego com o entusiasmo, virou-se e correu de volta para o sítio onde estava a espada. Pegou nela subitamente, virou-se e correu de volta através da paisagem, sem fôlego, até ao vulcão. Ele correu pela colina acima, praticamente sem parar, com os pulmões a doerem-lhe, mas a continuar devido à sua adrenalina. Ele nem sequer fez uma pausa para considerar o quão perigoso era escalar um vulcão ativo, mesmo quando o calor e o fumo começaram a fazer com que o seu suor derramasse pelo seu

rosto. Ele escalou o lado pelo qual a lava não estava ser expelida, esperando e rezando para que ela não mudasse de rumo.

Alec finalmente chegou ao topo do vulcão. Parou na sua borda e olhou para baixo, chocado. Ali em baixo estava um ativo e borbulhante vulcão, com a sua lava vermelha e branca a rodopiar lá muito em baixo, quente e derretida. Ele mal podia ver por causa do fumo e mal conseguia respirar por causa do calor. No entanto, enquanto ali estava, sentiu a espada a vibrar nas suas mãos, e ele sabia: este era o lugar onde a espada devia estar. Isto era o que a espada precisava para ficar completa.

Alec, a escorrer suor, sabia que não podia sobreviver ali em cima por muito mais tempo. Ele sentia agora a espada a tremer e sabia que tinha de fazer algo rapidamente. Procurou o seu cinto, extraiu a longa corrente que tinha e, lentamente desenredou-se. Rapidamente amarrou uma extremidade ao punho e, de seguida, seguindo o seu instinto, deixou cair a espada sobre a borda, segurando a corrente com força e, lentamente, baixou-a.

Alec baixou a corrente, rapidamente perdendo a espada de vista no meio do fumo e do calor. Afastou a cara da borda, recuando, quando uma explosão de calor quase lhe ia queimando a pele. Continuou a baixar a espada, com as mãos quase a queimarem-se do calor sobre o aço.

Ao chegar ao destino final, Alec olhou. Muito lá em baixo, no meio do fumo, ele quase não conseguia vislumbrar a espada. Estava pendurada, balançando na corrente, a uns bons trinta pés, com a sua ponta inacabada apontada para baixo enquanto a lava era expelida na sua direção. E enquanto ele olhava, a coisa mais estranha aconteceu. Era como se a lava se estivesse a redirecionar, explodindo e reunindo-se em torno da ponta da lâmina.

De repente, Alec sentiu a corrente a puxá-lo, como se tivesse um tubarão no outro lado da linha. Ele precisou de todas as suas forças para a segurar. Ele questionou-se sobre o que estava a acontecer. Seria isto loucura? Perderia ele a espada?

Finalmente, a resistência parou e a corrente ficou com folga.

A suar, frenético, Alec puxou a corrente de volta, tão rapidamente quanto conseguiu. Ele puxava-a para cima cada vez mais depressa, sem sentir nada, desesperado por pensar que a podia ter perdido.

Assim que terminou de puxar a corrente e chegou ao fim, foram confirmados os seus piores temores: não estava nada no final da mesma. Ele tinha perdido a espada.

Alec sentou-se ali, olhando, pestanejando, completamente desesperado, incapaz de se mover. Ele tinha perdido a espada. A última esperança para Escalon. Ele tinha falhado perante todas aquelas pessoas por um capricho louco, tinha-os desiludido.

De repente, ouviu-se um grande estrondo e Alec desequilibrou-se quando o chão por baixo dele começou a tremer. A lava começou a sair do vulcão em todas as direções e um pedaço queimou-lhe o braço. Ele percebeu que não tinha escolha. Ele tinha de fugir se queria ter alguma esperança de sobreviver.

Alec virou-se e fugiu, descendo a montanha. Quando chegou à sua base, ele parou e observou, levando a mão aos olhos. O vulcão abanou e, por fim, no meio de nuvens de fumo, explodiu.

Repuxos de lava irromperam em todas as direções e no meio deles, atirando-se para o céu, Alec viu algo que nunca iria esquecer: a espada. Esta voou para o ar, subindo num grande arco e, de seguida, voltou-se sobre a extremidade final, caiu no chão macio diante de Alec, a poucos passos de distância, como se estivesse à espera dele.

A espada manteve-se ali, com a sua lâmina embutida no chão, ainda a balançar.

E o coração de Alec parou quando ele a viu, brilhante, quase tão alta quanto ele.

A espada das espadas estava completa.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Dierdre e Marco corriam pelas ruas de Ur devastadas pela guerra, conseguindo por pouco escapar-se ao colapso de mais um prédio, esmagado por uma bala de canhão, quando este se desintegrou por trás deles. Dierdre levava a mão no rosto enquanto corria através de uma nuvem de poeira enorme, tossindo, tentando recuperar o fôlego, enquanto todos os prédios antigos ao seu redor desabavam e a cidade ficava reduzida a montes de escombros. Os disparos de canhão ecoavam por toda a cidade. Os Pandesianos disparavam artilharia insistentemente. Dierdre deu por ela a tropeçar em corpos, velhos, novos, homens, mulheres, crianças, alguns rostos que ela reconhecia. Todo o povo de Ur, ao que parecia, estava morto.

A cidade estava a tornar-se num túmulo enorme. Um fluxo interminável de soldados Pandesianos desembarcou dos navios e saiu a pé, massacrando todos os sobreviventes. A única coisa que mantinha Dierdre e Marco vivos enquanto corriam era a enorme nuvem de poeira que os mantinha escondidos. O coração de Dierdre batia enquanto ela corria, perguntando-se se aquilo alguma vez iria acabar.

Ela sentiu um aperto forte no seu pulso, quando Marco a puxou para uma rua lateral, para trás de uma pilha de escombros segura. Mesmo a tempo; uma dúzia de soldados Pandesianos passaram a correr, com lanças à frente, à procura de sangue. Ela observava enquanto eles esfaqueavam cada corpo estendido nos escombros, alguns a gemer, enfiando lanças nos seus corações para se certificarem que estavam mortos.

Dierdre quase se amordaçava. Ela olhou para a frente e viu um sobrevivente ocasional ainda a correr pelas ruas, perseguido como uma presa enquanto os soldados o perseguiam como uma matilha de lobos. A indignação percorria as veias de Dierdre; ela estava desesperada por vingança. Ela sabia que era uma loucura estar naquelas ruas e sabia que se quisesse ter alguma hipótese de sobrevivência, deveria ter ficado lá em baixo, na segurança dos túneis, com o resto dos cidadãos que ela tinha salvado. No entanto, a segurança não era o que ela queria. Ela queria morrer de uma forma digna, causando danos, tantos quanto conseguisse, enquanto enfrentava o inimigo orgulhosamente.

Dierdre pensava no seu pai morto, vendo o seu rosto morto. A raiva apoderou-se dela mais uma vez. Ela precisava de o vingar. Lembrou-se de

como ela mesma tinha sido tratada pelos Pandesianos, do seu cativeiro. Ela sabia que, para ela, a vingança já vinha de trás. Para ela, nem sequer era uma escolha. A vingança tinha-se tornado o seu propósito de vida.

Dierdre olhava para toda a devastação à sua volta, percebendo o quão estúpida tinha sido ao pensar que eles iam conseguir defender aquele lugar. Ela lembrou-se de quão duramente eles todos tinham trabalhado para forjar as armas, para se prepararem, e, o quão inútil isso tinha sido. Questionou-se novamente como é que o Alec os tinha conseguido abandonar. Ela estava desapontada, envergonhada por alguma vez ter acreditado nele. Como é que ele podia ter fugido de todos os seus amigos de uma maneira tão cobarde?

Dierdre tentou concentrar-se, lembrando-se do seu motivo: as correntes. A obra inacabada de Alec. Se ela e Marco conseguissem apenas fixar uma corrente, tirar apenas um navio Pandesiano, eles conseguiriam matar centenas. Isso seria suficiente para ela. Isso iria dar-lhe a satisfação que ela desesperadamente precisava, podendo morrer feliz depois disso.

Ela virou-se e estudou os canais. Através da poeira que se elevava, ela vislumbrou o que os tinha feito vir: um dos lugares onde eles tinham colocado as correntes antes da invasão. Eles estavam a preparar-se quando foram todos apanhados de surpresa pela súbita invasão. As correntes ainda estavam todas lá, por utilizar, nenhuma tendo sequer chegado a ser fixada ao fundo dos canais.

"Ali!", ligou ela para Marco, apontando.

Marco virou-se para ver, assentindo com conhecimento de causa.

Dierdre olhou na direção do mar e viu um navio de guerra Pandesiano a navegar para o canal. Ela mal o conseguia distinguir na neblina, a cerca de cinquenta jardas de distância e aproximando-se rapidamente. Ela sabia que havia pouco tempo.

Marco virou-se e olhou para ela, a suar, com uma cara de medo, assentindo também.

"Ok", disse, "vamos a isso."

Eles deram as mãos, apertando-as com força. E partiram. Eles saltaram e correram através das nuvens de poeira, saindo do caminho dos itinerantes grupos de soldados Pandesianos, de paredes desabando, Dierdre perguntando-se eles chegariam à beira do canal, apenas a 30 pés de distância. Dierdre não pôde deixar de notar a força e a segurança que sentia na presença de Marco. Ela sentia uma ligação ainda mais forte com ele do

que sentira com Alec, este rapaz que se tinha preocupado o suficiente para ficar para trás e ajudá-la.

Eles finalmente chegaram à borda e, ao fazerem-no, Dierdre saltou sobre o seu estômago, evitando uma lança que voava pelos ares. Marco caiu ao lado dela, saltando, seguidamente, para o canal, agarrando a mão dela e arrastando-a para baixo com ele.

Dierdre sentiu um choque ao ficar submersa na água gelada até a cintura. Ela agarrou-se à parede de pedra viscosa, ficando sobre uma saliência de pedra com cerca de quatro pés de profundidade. Ela fechou os olhos, não querendo olhar para todos os cadáveres que passavam a flutuar atrás deles, com os olhos para cima, olhando para os céus como se estivessem a perguntar como é que aquilo podia ter acontecido.

"Vou atravessar para o outro lado!", disse Marco. "Tu ficas aqui!"

Ele afastou-se da parede, fazendo o seu caminho através do canal e, enquanto ele nadava, Dierdre prendeu a respiração e gritou: "Marco"

Uma lança navegou através do ar, não acertando nele por pouco, mergulhando na água. Ela virou-se, olhou para cima e viu um soldado Pandesiano solitário a correr ao lado do canal, olhando para baixo para eles. Ela preparou-se quando ele a viu levantando um braço para lhe atirar outra lança.

Ouviu-se uma súbita explosão e uma outra nuvem de poeira passou a rolar, ofuscando o soldado. Dierdre prendeu a respiração e mergulhou na água. Ela olhou para cima, através da água, durante o tempo que pôde. Ela via que o soldado estava impaciente, à procurar na água. Então ele escolheu outro alvo mais fácil e dirigiu-se a ele.

Dierdre veio à superfície, ofegando. Depois, virou-se e olhou ansiosamente para ver se Marco tinha aparecido na outra extremidade. Finalmente, ela viu-o também à superfície, todo molhado. Ela suspirou de alívio.

Marco agarrou na pesada corrente do outro lado distante do canal e arrastou-a para dentro de água com ele. Tentou fixá-la nos grandes ganchos de ferro no outro lado do canal, mas não estava a ser fácil, tentando erguê-la e falhando várias vezes.

Ouviu-se uma corneta e Dierdre virou-se, olhou para o canal e viu o casco do enorme navio a aproximar-se dela. Ela sabia que não tinha tempo.

Vamos, Marco!, desejou ela.

Finalmente, ele levantou o ferro pesado com as mãos a tremer e enganchou a corrente no sítio.

Dierdre nadou até ao final da corrente, agarrou-a, ainda a balançar na borda, levantando-a com toda sua força, tentando prendê-la. Era peso demais para ela levantar. Os seus braços tremiam com o esforço e, incapaz de fazê-lo, ela escorregou para baixo.

Ela fechou os olhos e viu o rosto do seu pai. Respirando com dificuldade, ela obrigou-se a ser mais forte.

Vamos. Tu consegues. Pelo teu pai. Por ti.

Dierdre pensou em todas as injustiças que já tinha sofrido nas mãos dos Pandesianos. Abrindo, por fim, os olhos, soltou um grande grito e, com toda sua força, levantou a corrente novamente. Desta vez subiu mais umas polegadas, apenas o suficiente para que conseguisse fixá-la no gancho. Ela largou a corrente pousando-a com um tilintar satisfatório.

Ela respirou aliviada, engolindo em seco. Virou-se e olhou para o canal. Viu a corrente, tensa, a esticar-se de um lado ao outro, com todos os espigões perto da superfície, pronta. Ela agarrou a manivela que estava ao lado do gancho, assim como Marco, cada um deles à espera. Eles olharam um para o outro. Depois viraram-se e viram o navio de guerra Pandesiano a aproximar-se, agora apenas a vinte pés de distância. Eles esperaram, observando em silêncio. O coração de Dierdre batia.

O navio cada vez se aproximava mais, até que, por fim, ficou tão perto que Dierdre podia ver as cracas agarradas ao seu casco. Marco virou-se e fez-lhe sinal com a cabeça e ela assentiu. Havia chegado a hora.

Ambos rodaram as manivelas ao mesmo tempo e, ao fazerem-no, Dierdre sentiu a corrente a ficar mais tensa. A corrente ergueu-se mesmo acima da superfície com os seus espigões salientes e ela viu com satisfação o navio a abater-se sobre elas, apenas a alguns pés de distância, sendo tarde demais para parar.

Dierdre, de repente, subiu para fora do canal, assim como Marco, dirigindo-se a correr para as ruas de calçada, assim que o navio colidiu com os espigões. Ouviu-se um tremendo barulho e ela viu com alegria que o navio enorme começou a partir-se e, depois, a lascar.

Em pouco tempo, todo o navio estava a ceder, desabando.

Os soldados gritaram ao aperceberem-se. Eles tropeçavam e, depois, quando olhavam por cima da borda para ver o que estava a acontecer, caíam pelos lados. Eles mexiam-se numa agitação, tentando parar o navio, para

virá-lo de volta. Mas não havia tempo. O navio continuou a navegar para os espigões e, em pouco tempo, entrou em colapso transformando-se numa pilha de madeira.

Todos os soldados gritaram ao serem atirados à água, todos incapazes de nadar com a armadura, afundando-se nas profundezas tão rapidamente quanto o seu navio.

Dierdre olhou para o porto e viu Marco a sorrir para ela. Eles tinham conseguido. As suas mortes podiam estar iminentes, mas pelo menos eles tinham tido o seu momento de vingança. Eles haviam mostrado aos Pandesianos que eles podiam ficar feridos, que Ur podia combatê-los.

As cornetas soavam acima e abaixo do porto. Dierdre virou-se e viu outros navios Pandesianos repararem no que tinha acontecido. Todos eles pararam de repente no porto antes de entrar nos canais. E assim, ela viu que todos eles começaram a fazer algo ainda mais curioso - eles começaram a voltar-se e a navegar de volta para o porto, para longe de Ur.

Era estranho. Porque que é que eles se estavam a ir embora? Questionava-se. Era como se todos quisessem afastar-se o mais possível. Mas porquê?

De repente, um coro de cornetas soou, seguindo-se uma cacofonia de tiros de canhão. O ar tremeu e trovões encheram a cidade. Dierdre, embalada pelo barulho, não conseguia entender o que eles estavam a atirar. Já não havia prédios de pé e todos lá dentro estavam mortos. Ela examinou os canhões e viu o novo, pequeno ângulo. Ficou claro para ela: os canhões não estavam a apontar para edifícios desta vez, mas sim para o canal. As balas de canhão, de repente, impactaram, partindo as paredes de pedra dos canais. As paredes explodiram e a água transbordou para as ruas da cidade.

Dierdre finalmente compreendeu. Eles estavam a inundar os túneis sob a cidade.

"NÃO!", gritou ela.

Dierdre correu para a frente, pensando naqueles que eles tinham salvado e que estavam lá em baixo, desesperada para ajudá-los antes que eles se afogassem.

Mas era tarde demais. Uma de cada vez as paredes do canal desabaram, enviando milhões de toneladas de água apressadamente para baixo do solo. Um por um, cada túnel ficou inundado. Dierdre não conseguiu fazer nada quando ouviu os gritos, lá em baixo, das pessoas que ela tinha salvado. Ela

assistia desesperada, nunca se tendo sentido tão impotente como agora ao ver e ouvir todas aquelas pessoas a afogarem-se por baixo dela.

Marco nadava ao lado dela.

"Temos de salvá-los!", gritou Dierdre.

Ela, imprudentemente, correu para uma das aberturas - mas ele agarrou-lhe o braço.

"É demasiado tarde!", ele gritou. "Eles já estão mortos. Temos de correr. Agora!"

"NÃO!", gritou ela.

Ela afastou o braço dele e correu para as escotilhas de ferro. Ela ajoelhou-se diante de uma e, de alguma forma, conseguiu mantê-la aberta.

Enquanto o fazia, a água subia rapidamente para cima dela. Ali flutuava um corpo morto, uma das pessoas que ela tinha salvado, uma miúda, com os olhos bem abertos, sem vida. Flutuou para as ruas, virada para cima, a olhar para ela, morta.

De repente, a cidade ficou em silêncio. Todos os disparos de canhão pararam. Dierdre ficou ainda mais intrigada ao ver os navios a recuar, indo para mais longe, para o porto, como se a sair da cidade. Todos os soldados estavam a deixar as ruas, também, a retirarem-se para o porto, para os navios. Poderia ser? Perguntou-se. A invasão tinha terminado?

Então, algo mais sinistro aconteceu. No silêncio, Dierdre observou como todos os canhões foram ajustados de novo, colocados de lado, desta vez, para as paredes de sustentação do porto. Não fazia sentido. Porque é que eles iriam virar os canhões daquela maneira?

Assim que estas dúvidas lhe começaram a surgir, com horror, ouviu-se uma rajada final de tiros de canhão, mais alta do que todas as outras juntas.

E depois disso, tudo mudou.

As paredes de pedra maciça, com dez pés de espessura, que protegiam a cidade do mar, explodiram em pedaços. Ao fazerem-no, todo o peso do oceano, todo o Mar do Arrependimento, entrou por Ur a dentro. Diante dela, desenrolava-se a maior onda gigantesca que já tinha visto.

Era como assistir a um pesadelo a desenrolar-se diante dela. A onda maciça de água dirigia-se para eles, ganhando velocidade, submergindo cada bloco da cidade à medida que ia percorrendo o seu caminho. Em poucos instantes, esta outrora grande cidade estava completamente debaixo de água.

Não havia tempo para Dierdre reagir, para fazer qualquer coisa, a não ser agarrar-se a Marco. Ele agarrou-se a ela também, vendo em pânico a sua morte a aproximar-se. Os dois estavam demasiado em choque para sequer gritar ao verem a onda gigantesca a vir na sua direção.

E então, um momento depois, Dierdre estava submersa a centenas de pés, caída, incapaz de respirar, irremediavelmente perdida, afogando-se no meio de uma cidade que já não era.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Kyra ajoelhou-se perante a sua mãe, sentindo um arrepio enquanto se fixava na sua palavra final.

Marda.

Uma viagem sozinha, para o coração das trevas.

E, no entanto, quando a sua mãe o disse, Kyra soube imediatamente que era ali que ela estava destinada a estar. De olhos fechados, fixou-se sobre a imagem, vendo a piscar diante dela uma terra de cinzas e fogo. Uma terra de escuridão, do mal. Uma terra de uma raça de Trolls monstruosos, de seres grotescos que despedaçavam pessoas para se divertirem. Uma terra da qual ninguém voltava.

No entanto, ela sentia, era onde ela era mais precisa, para recuperar o Bastão da Verdade. E ela mesma, Kyra sabia, era a única que conseguiria fazê-lo.

Enquanto Kyra pensava em como chegar a Marda, passava-lhe pela mente a imagem de um dragão. Ela ficou confusa ao ver que não era Theos, mas outro dragão. Um dragão bebé. E então, de repente, ela percebeu: era o filho de Theos. Ele ainda estava vivo, mas por pouco.

Ela sentiu o poder dele a correr-lhe nas veias como se esse poder fosse seu. Por um momento, eles estiveram ligados. Ela queria que o bebé dragão vivesse. Para voltar à vida. Para ela. Para as suas missões compartilhadas.

Kyra, com os olhos ainda fechados, levantou a palma da mão para o alto e, nesse momento, sentiu o seu próprio poder, criando, convocando. Uma energia que lhe ardia nas veias. Ela sentiu-se já não ao sabor do universo – mas a controlá-lo.

Kyra abriu os olhos e sentiu como se estivesse a abrir os olhos do dragão. E, naquele momento, ela soube que ele iria viver. E que ele iria ouvir.

Kyra abriu os olhos, cheia de perguntas para a sua mãe, precisando saber mais. Ela tinha uma vida inteira de perguntas que queria respondidas, sobretudo: se a sua mãe iria com ela?

No entanto, quando Kyra abriu os olhos, ela ficou horrorizada ao ver que a sua mãe se tinha ido embora.

Ela virou-se e olhou para todos os lados. Porém, ela não estava em lado nenhum. Ela viu apenas as ruínas desta cidade, o Templo Perdido, ouviu

apenas o vento a uivar naquele lugar abandonado e ela só conseguia indagar-se se ela já a tinha visto efetivamente.

"MÃE!"

Mas de alguma forma, ela ainda sentia a presença da sua mãe com ela, mais forte agora do que nunca. Será que a sua mãe iria voltar para ela?

Kyra ouviu algo e olhou para o céu, sabendo que era o grito de um bebé dragão. O grito encheu o ar e, ao olhar para cima, viu o bebé de Theos aparecer. Ele desceu do céu, mergulhando, gritando, batendo as suas asas. Ela podia sentir a sua força. Embora ele fosse um bebé, ela já podia sentir o seu poder. Sentiu uma ligação com ele ainda mais forte do que ela tinha tido com o pai dele e ela sabia que eles nunca se iriam separar. Este dragão estava cheio de raiva, cheio de um poder tão grande como o universo.

O bebé voou a pique, aterrando finalmente aos pés de Kyra, numa pedra, perto dela. Bateu as asas, emitindo vapor das suas narinas, olhando bem para ela com os seus olhos intensos, escarlates.

Ela aproximou-se e passou a mão em todas as suas escamas, até ao seu pescoço. Ela sentiu o seu poder, através das palmas das suas mãos.

Theon.

"Theon é o teu nome", disse ela, sentindo-o.

Theon levantou a cabeça e guinchou, como que em aprovação.

Kyra, num movimento rápido, montou o dragão, subindo para as suas costas.

"VAI EM FRENTE, THEON!", gritou ela.

Sem um momento de hesitação Theon levantou voo, erguendo-se no ar, batendo as grandes asas. Kyra sentiu a emoção de estar no céu, pronta para procurar em qualquer parte do mundo. Ela olhou para baixo enquanto voavam e viu o Templo Perdido a ficar mais pequeno, com as ondas do mar espalhadas lá em baixo a rebentarem nele, já parecendo tão minúsculo, tão longe.

Kyra agarrou-se às incipientes escamas de Theon enquanto voavam, sentindo-se mais poderosa do que nunca, enquanto o mundo corria apressado por ela a uma velocidade estonteante. Ela podia sentir o poder invencível do dragão debaixo dela, emprestando-lhe força. Ele voou alto e desceu a pique, rugindo, como uma fera enjaulada emocionada por estar livre, emocionada por estar junto dela. Era como se eles se conhecessem desde sempre.

As suas grandes asas batiam furiosamente, uma fração do tamanho das asas do seu pai; porém, Kyra conseguia sentir que o que faltava a Theon em tamanho, ele compensava com determinação. Ele era uma mistura de orgulho e raiva. Enquanto voavam, Kyra sentia-se como se estivesse a segurar-se ao pai dele. Sentia que o mesmo sangue lhe corria nas veias.

Theon planou mais alto, para as nuvens, esticando as suas asas o máximo que conseguia, deslizando. Ela sentiu que ele estava a crescer, a ficar mais forte a cada bater de asa, expandindo-as diante dos seus olhos, agora com uns bons vinte pés de comprimento. As suas garras expandiam-se e contraíam-se. Ela percebeu que ele voava mais rápido do que o seu pai. Kyra estava sem fôlego.

Eles finalmente irromperam das nuvens. Kyra olhou para a frente para o horizonte, focando-se, tentando saber para onde eles precisavam de ir. Marda. Aquele lugar estava a convocá-la, como se algum canto escuro da sua alma lhe estivesse a pedir para ir adiante. Era uma viagem da qual ela sabia que provavelmente não haveria retorno. Mas isso era, ela sabia, a essência da valentia. O seu pai nunca ficaria intimidado com tal viagem. E ela também não.

A ideia de deixar Escalon doía-lhe, deixar a sua terra natal neste tempo de necessidade; o que ainda lhe doía mais era a ideia de deixar o seu pai, especialmente no momento em que ela fazia mais falta. Mas isso era o que o dever exigia dela.

Kyra olhava para baixo enquanto voavam, não conseguindo ver nada a não ser as nuvens. Ela desejava fortemente ver a sua terra natal pela última vez antes de a deixar.

"Para baixo, Theon!", gritou ela.

Theon hesitou, como se não o desejasse, como se soubesse que o comando dela podia ter consequências terríveis. E ainda assim, por fim, quando ela colocou uma mão no seu pescoço ele obedeceu.

Theon desceu a pique atravessando as nuvens e Kyra ficou destroçada ao ver a paisagem abaixo dela. Ali estava a sua terra natal, destruída em toda a sua glória com os seus intermináveis montes de verde. Eles subiam e desciam, passando pequenas aldeias agrícolas, com o fumo a sair das chaminés. Eles sobrevoaram planícies, montanhas e picos cheios de neve. Eles voaram sobre lagos, rios, cascatas e planícies, com o terreno em constante mudança. Era Escalon que ela amava e conhecia.

Eles voaram ainda mais longe, por cima de fortes e de fortalezas. A tristeza abateu-se sobre ela ao encontrar muitos deles em cinzas, abandonados ou destruídos. Ela viu, esporadicamente, chamas em toda a paisagem, ficando de rastos ao ver os danos que os Pandesianos e trolls tinham infligido à sua terra. Era como uma praga. Como a mão de Deus. A sua terra, antes tão magnânima, agora parecia condenada, amaldiçoada.

O que a fazia sentir-se pior era que ela sentia que era tudo por causa dela. Se ela nunca tivesse tido aquele encontro com os soldados naquela noite de neve, nunca tivesse descoberto um Theos ferido, talvez nada daquilo alguma vez tivesse acontecido. Ela sentia que tinha sido o catalisador, tinha sido a faísca para a revolução da sua terra natal.

Tudo para quê? Perguntou-se. Escalon estava agora feito em pedaços, pior do que nunca, e o seu pai estava numa masmorra. Era esta a revolução que eles deveriam ter? Teria sido melhor ficarem quietos nas suas cidades e não se rebelar?

Ela olhou para baixo e viu as tropas Pandesianas a marchar em colunas perfeitas nas suas armaduras reluzentes em amarelo e azul, arrastando prisioneiros algemados, homens que ela reconheceu imediatamente como sendo homens do seu pai. Doía-lhe. Ela queria descer a pique, para combater os Pandesianos agora. No entanto, ela lembrou-se da sua missão sagrada e ela sabia que não podia fazer nenhum desvio.

Kyra olhou para frente e viu no horizonte o ténue contorno da capital de Andros. Ela sabia que o seu pai estava lá algures e só de pensar nisso ficava destroçada. Ela não podia voltar para ele, ela sabia. O seu dever era Escalon em primeiro lugar.

No entanto, ao passar por lá a voar, ao ver lá em baixo os contornos da cidade, ela ficou furiosa. Ela sabia que tinha um dever a cumprir; porém, como é que ela poderia virar costas ao seu pai, carne da sua carne e sangue do seu sangue? Ela era mais forte agora. Ela tinha os seus poderes. Ela tinha Theon debaixo dela. Nada poderia detê-la neste momento. Desta vez, ela tinha a certeza, seria diferente.

Ao sobrevoar a cidade, Kyra sentiu um formigueiro. Ela sabia que estava a ser confrontada com a decisão de uma vida. E, lentamente, a paixão do seu coração sobrecarregou-a.

"Vira, Theon", comandou ela, numa voz dura e fria.

Theon rugiu, como que em protesto, como se soubesse que nada de bom podia vir dali.

No entanto, ela puxou o seu pescoço, uma e outra vez.

"Eu ordeno-te!", gritou ela, bloqueada na sua primeira luta de poder com ele.

Kyra fechou os olhos e convocou o seu poder. Ela sentiu a força a crescer dentro dela, uma força que era ainda mais forte do que a do dragão, um poder que lenta mas garantidamente a obrigou a voltar.

Theon voava com relutância, como que em protesto. E ainda assim ele voou.

No fundo, Kyra sabia que aquilo estava errado; não era o que ela devia estar a fazer. No entanto, ela não tinha escolha. Era o que o seu coração lhe tinha ordenado para fazer. Ela viu Andros lá em baixo e seu coração bateu. Ela iria salvar o seu pai naquele momento. E então ela poderia seguir para Marda.

Kyra vislumbrou colunas de soldados Pandesianos, inclinou-se e ordenou Theon.

"Atacar!"

Theon desceu a pique, cheio de raiva a si mesmo, não precisando que lhe dissessem duas vezes. Ele abriu a boca, largou um rugido capaz de abalar a terra e expeliu a chama mais forte que ela alguma vez já tinha visto. Em poucos instantes, centenas de Pandesianos que olhavam para cima e procuravam nos céus, estavam em chamas, gritando, queimando-se para a morte, presos nas suas armaduras.

Theon parecia obter uma grande satisfação ao sobrevoar o chão, ziguezagueando, queimando todo o batalhão de tropas Pandesianas. Kyra também sentia essa satisfação. Ela sentia-se invencível.

Aqueles que restavam fugiam em todas as direções, correndo como formigas. Porém, chegavam mais batalhões de soldados Pandesianos, aproximando-se dos portões da cidade, armados, preparados. Eles olhavam para cima e atiravam lanças, disparavam flechas, fazendo pontaria para Theon e Kyra. A morte estava mais próxima. No entanto, Theon, sem medo, recusou-se a subir, para se esquivar. Ele permaneceu rente ao chão e enfrentou-os corajosamente.

Ele abriu a boca e expeliu fogo, queimando a primeira onda de flechas e lanças.

E depois outra.

E outra.

Desintegravam-se todas e caíam no chão numa pilha de cinzas.

Catapultas foram colocadas e Kyra susteve a respiração quando um pedregulho enorme foi lançado pelo ar. Theon respirava fogo para cima dele e ainda assim ele continuava a voar, passando mesmo junto à cabeça dela. O fogo não conseguia queimar a pedra e ela sabia que eles estavam em apuros. Lá em baixo, eles continuavam a lançar pedregulhos.

Kyra fechou os olhos e convocou o seu poder, sabendo que Theon precisava de ajuda. Ela estendeu a mão, com a palma para a frente e enviou uma explosão de energia.

Ao fazê-lo, ela abriu os olhos e viu que as pedras que subiam na direção deles, de repente, viraram-se e descerem de volta para o chão. Lá em baixo, centenas de soldados gritavam ao ficarem achatados, como se cometas estivessem a cair do céu.

Theon rugiu com aprovação e Kyra sentiu-se bem, sentindo o seu próprio poder a encaixar no do dragão. Ela sabia que nada poderia detê-la naquele momento. Ela iria libertar a capital e libertar o seu pai.

Eles voaram a pique, aproximando-se da capital, com Theon a desencadear uma onda de fogo e destruição. Nada era capaz de os deter. Eles estavam a recuperar de volta a sua cidade, bloco a bloco.

Eles estavam prestes a chegar às masmorras, quando, de repente, surgiu um som que a arrepiou, um som que parecia rasgar os próprios céus. Era tão alto, tão desorientador, que Kyra nem sequer conseguia dizer de onde ele estava a vir. Ele era mais alto do que mil cornetas, tão alto que enviou uma onda de energia na direção deles, fazendo com que Theon ficasse a voar de lado até se conseguir endireitar novamente.

Kyra virou-se e olhou para o céu, perguntando-se o que poderia ser. Ela viu a romper pelas nuvens algo que aterrorizou a sua alma e que ela nunca iria esquecer. Era a visão mais aterrorizante da sua vida.

Lá apareceu, inexplicavelmente, o rosto de um dragão, emergindo das nuvens. Era um enorme dragão que rugia, com dez vezes o tamanho de Theon. Maior até do que Theos.

A seguir, por detrás dele, apareceu outro dragão.

E outro.

Um exército de dragões emergiu pelas nuvens, guinchando, escurecendo o céu. Eles expeliam uma parede de fogo ao rugir, todos a esticarem as suas garras - e todos a voarem diretamente para Theon.

Os dragões vieram muito depressa, de uma forma muito inesperada, não lhes dando tempo para reagir.

E então, um momento depois, Kyra sentiu Theon a dar uma guinada. Ela olhou para trás e viu que um dos dragões lhe tinha apertado o cerco por trás, tinha esticado a sua garra e segurado a cauda de Theon. Ele fez com que Theon girasse no ar com a sua grande força. Em seguida, atirou-o.

Theon estava a girar descontroladamente no céu, com Kyra nas suas costas, o mundo um borrão de movimento ao redor dela enquanto ela se esforçava para não cair. Eles giravam sem parar, num movimento contínuo, até que mergulharam em direção ao chão. Nada conseguia parar a queda deles.

Kyra olhou para baixo e viu um batalhão de soldados Pandesianos a aguardar por ela. Ela então olhou de volta para o céu e a última coisa que viu antes de bater no chão foi o exército de dragões a descer do céu, com as garras de fora, vindo diretos a ela.

Brevemente!

Livro n 5 em Reis e Feiticeiros

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços eletrónicos de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 2 mapas grátis, uma aplicação grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: www.morganricebooks.com



Oiça REIS E FEITICEIROS na sua edição de Audiobook!

Amazon
Audible
iTunes

Faça o download dos livros de Morgan Rice no Amazon agora mesmo!



Livros de Morgan Rice

REIS E FEITICEIROS
A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n 1)
A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n 2)
O PESO DA HONRA (Livro n 3)
UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n 4)

O ANEL DO FEITICEIRO
EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1)
UMA MARCHA DE REIS (Livro n 2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n 3)
UM GRITO DE HONRA (Livro n 4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n 5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro n 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro n 7)
UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n 8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n 9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro n 10)
UM REINADO DE AÇO (Livro n 11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro n 12)
UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n 13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n 14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro n 15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n 16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro n 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA
RENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n 1)
ARENA DOIS (Livro n 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO
TRANSFORMADA (Livro n 1)
AMADA (Livro n 2)

TRAÍDA (Livro n 3)
PREDESTINADA (Livro n 4)
DESEJADA (Livro n 5)
COMPROMETIDA (Livro n 6)
PROMETIDA (Livro n 7)
ENCONTRADA (Livro n 8)
RESSUSCITADA (Livro n 9)
ALMEJADA (Livro n 10)
DESTINADA (Livro n 11)

Acerca de Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por onze livros (a continuar); do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (a continuar); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por três livros (a continuar). Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

TRANSFORMADA (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!